

# ENTRE

LETRAS

Revista Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM)

**AL**  
**NM**  
ACADEMIA  
DE LETRAS DO  
NOROESTE DE MINAS

ISSN 2674-9726 Ano 5 Número 5 - Janeiro a Dezembro de 2023

POEMA BARROCO UMA ELEGIA AO

# ALEIJADINHO

Das manchas de sangue  
De sua pele cortada,  
Da dor... Do silêncio  
Surgiram figuras...  
Barrocas... Ornadas  
D'espanto e emoção!

Lavoisier Wagner Albernaz

**FLIPARACATU**  
Escritores, filósofos, jornalistas e leitores  
reunidos na celebração do Festival  
Literário Internacional de Paracatu

# **ENTRE LETRAS**

Revista Academia de Letras do Noroeste de Minas  
(ALNM)

**ISSN: 2674-9726**

**Os artigos publicados nesta revista são de  
inteira responsabilidade de seus autores.**

**ENTRE LETRAS - ISSN: 2674-9726**

Revista Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM)

**EDITORES RESPONSÁVEIS**

Profa. Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

Profa. Dra. Helen Ulhoa Pimentel

Murilo de Araújo Caldas

**REVISOR**

Prof. Me. Márcio José dos Santos.

**CONSELHO EDITORIAL:**

Profa. Dra. Antónia Fialho Conde- Universidade de Évora (EU) -Portugal

Profa. Dra. Andréia Mello Lacé- Universidade de Brasília (UnB)- Brasil

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib- Universidade Federal de Uberlândia (UFU)- Brasil

Profa. Dra. Jeane Medeiros Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)- Brasil

Prof. Dr. João Brigola- Universidade de Évora (EU)- Portugal

Profa. Dra. Helen Ulhoa Pimentel- Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES

Profa. Dra. Letícia Costa Rodrigues Vianna - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)-Brasil

Prof. Dr. Luiz Síveres - Universidade Católica de Brasília (UCB)-Brasil

Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida – Universidade Católica de Goiás (UCG)-Brasil

Prof. Dr. Mario Oronzo Spedicato- Università del Salento (UNISALENTO) - Itália

Prof. Dra. Marilena Aparecida de Souza Rosalen- Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP.) - Brasil

Profa. Dra. Margareth Vetis Zaganelli- Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)-Brasil

Profa. Dra. Olga Magalhães- Universidade de Évora (EU) - Portugal

Profa. Dra. Silvia Salardi- Università degli Studi di Milano-Bicocca (UNIMIB) - Itália

Profa. Dra. Vera Lúcia Caixeta – Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Brasili

Morvan Ulhôa de Faria – Sócio Correspondente da Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM) - Brasil

Profa. Dra. Eleonora Zicari de Brito – Universidade de Brasília (UnB) - Brasil

Profa. Dra. Telma Borges da Silva – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Brasil

Profa. Dra. Inês Castro -

**Correspondências e artigos para a publicação deverão ser encaminhados a**

Entre Letras - Revista Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM) Tel: (38) 3671 1675  
ou pelo e-mail [entreletrasrevistaalnm@gmail.com](mailto:entreletrasrevistaalnm@gmail.com).

## FICHA CATALOGRÁFICA

5

**H918**

**Entre Letras - Revista Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM)**

Periodicidade: Anual- ISSN: **2674-9726**

1. Literatura 2. Ciências Sociais

CDU: 3+ 61

1.Literatura 2. Ciências Sociais

Sumário

PALAVRAS DA PRESIDENTE .....	9
EDITORIAL.....	11
MEMBROS DA ACADEMIA DE LETRAS DO NOROESTE DE MINAS .....	19
Caderno Literário.....	36
SINO DA TARDE.....	37
<b>Lavoisier Wagner Albernaz.....</b>	<b>37</b>
POEMA BARROCO UMA ELEGIA AO ALELJADINHO.....	38
<b>Lavoisier Wagner Albernaz.....</b>	<b>38</b>
O TEMPO.....	40
<b>Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio.....</b>	<b>40</b>
ACRÓSTICO PARA ULDICÉIA RIQUETTI .....	41
<b>Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio.....</b>	<b>41</b>
COMO CONHECI IGOR SANTOS/ HOMENAGEM.....	42
<b>Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio.....</b>	<b>42</b>
CASARIO.....	44
<b>Flávio Antônio Neiva .....</b>	<b>44</b>
CIDADE AMARELA .....	46
<b>Moacir Correia Guimarães .....</b>	<b>46</b>
ESSA MEIA IDADE.....	48
<b>Nathasha Alvares da Silva Campos .....</b>	<b>48</b>
BURITI SOLITÁRIO.....	49
<b>Dilma Inês Lucas .....</b>	<b>49</b>
A CRONOLOGIA DO TEMPO .....	50
<b>Teresinha Machado Guimarães Caixeta .....</b>	<b>50</b>
OS FILHOS .....	51
<b>Teresinha Machado Guimarães Caixeta .....</b>	<b>51</b>
DE BOCA FECHADA.....	52
<b>Teresinha Machado Guimarães Caixeta .....</b>	<b>52</b>

CARRO DE BOIS .....	54
<b>Maria do Socorro de Melo Martins (Help)</b> .....	54
TEMPO.....	55
<b>Maria do Socorro de Melo Martins (Help)</b> .....	55
A CACHOEIRA DA FAZENDA .....	56
<b>Maria do Socorro de Melo Martins (Help)</b> .....	56
HOMENAGEM AO RESTAURO DO CASARÃO DA ACADEMIA DE LETRAS .....	58
<b>Maria do Socorro de Melo Martins (Help)</b> .....	58
ACADEMIA DE LETRAS, MAIS RICA DO QUE NUNCA .....	59
<b>Ruth Brochado Ferreira</b> .....	59
VIAJANDO NAS ENTRELINHAS DOS ESCRITORES .....	60
<b>Ruth Brochado Ferreira</b> .....	60
AS ESPERAS DECISIVAS .....	63
<b>Nágela Caldas</b> .....	63
BASTOS NÃO VAI À LAPA.....	66
<b>Benedita dos Reis Soares Costa</b> .....	66
AO MESTRE, COM CARINHO .....	68
<b>Benedita dos Reis Soares Costa</b> .....	68
BOA NOITE, PROFESSOR!.....	71
<b>Benedita dos Reis Soares Costa</b> .....	71
O DIA EM QUE SARTRE, BEAUVOIR E JORGE AMADO “PINTARAM” POR AQUI..	75
<b>Florival Ferreira</b> .....	75
OS INVASORES.....	77
<b>Silvano Avelar</b> .....	77
FLIPARACATU.....	78
Escritores, filósofos, jornalistas e leitores reunidos na celebração.....	78
do Festival Literário Internacional de Paracatu .....	78
<b>Nágela Caldas</b> .....	78
Caderno Científico.....	89

7

REPRESENTAÇÕES DE UM BACHAREL SETECENTISTA A SUA ALTEZA REAL: CONTRIBUTOS PARA SE PENSAR ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA MINEIRA..	90
<b>Giselda Shirley da Silva</b> .....	90
<b>Vandeir José da Silva</b> .....	90
MODERNIDADE LÍQUIDA.....	105
<b>Marcos Spagnuolo Souza</b> .....	105
A PEDAGOGIA PARA OS NOVOS TEMPOS.....	117
<b>Eleusa Spagnuolo Souza</b> .....	117
HISTÓRIA E LITERATURA.....	121
O sertão e sertanejos de Minas: análise de duas abordagens.....	121
<b>Helen Ulhoa Pimente</b> .....	<b>116</b>
A SAÚDE PÚBLICA DA MISÉRIA E A “MISÉRIA DA SAÚDE PÚBLICA” .....	127
<b>Isaias Nery Ferreira</b> .....	127
INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A Reconstrução de Histórias e Memórias por meio da Escrivência e Oralidade .....	130
<b>Maria Célia da Silva Gonçalves</b> .....	130

## PALAVRAS DA PRESIDENTE

É com grande entusiasmo que apresentamos a 5ª edição da Revista ENTRELETRAS da Academia de Letras do Noroeste de Minas. A proposta precípua desta revista é entregar uma publicação que transcenda as fronteiras do conhecimento, mesclando o fascinante mundo literário com abordagens científicas instigantes. Ao explorar o caderno literário, mergulharemos em narrativas que ecoam as nuances da alma humana, enquanto o caderno científico nos conduzirá por trilhas do saber, desvendando descobertas e reflexões que enriquecem nossa compreensão do mundo que nos cerca.

A revista ENTRELETRAS cumpre papel social de ofertar aos escritores e pesquisadores um espaço para publicação e socialização de seus estudos, pesquisas e produções. Neste volume, como de praxe do formato de nossa revista, reunimos a contribuição multifacetada de diversos autores, enriquecendo as páginas com uma variedade de perspectivas literárias e científicas.

Conceição Evaristo em uma de suas colocações do Festival Literário de Paracatu ressaltou que "A literatura tem a função de desvelar as camadas de invisibilidade social, que são justamente as camadas em que as pessoas são invisíveis porque são tidas como sem importância, sem relevância". Este trecho destaca como a produção escrita, quando veiculada, pode atuar como um agente de transformação social. Ao revelar as narrativas e experiências muitas vezes negligenciadas pela sociedade, a literatura transcende a mera estética, tornando-se uma ferramenta poderosa para promover a compreensão e a empatia entre diferentes grupos sociais.

Portanto, a veiculação e distribuição de revistas literário-científicas não apenas enriquecem o cenário acadêmico, mas também desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e informada, onde as diversas vozes têm a oportunidade de serem ouvidas e compreendidas. Este é nosso desejo: abrir portas!

Esperamos que o material aqui apresentado sirva como um espaço de encontro para acadêmicos, pesquisadores, escritores e leitores interessados, criando uma comunidade intelectual que transcende barreiras disciplinares e geográficas.

Uma presença ilustre nesta edição é a do renomado poeta, professor, cineasta, acadêmico e produtor cultural Lavoisier Albernaz, cujos poemas nos encantam e elevam a experiência literária. Ainda há de se dizer que o ano de 2023 testemunhou uma efervescência

literária sem precedentes na cidade de Paracatu, destacando-se o notável Festival Literário de Paracatu (FliParacatu), registrado neste volume por nossa confreira Nágela Caldas.

Convidamos você a embarcar nesta jornada única, onde a fusão entre letras e ciência cria um mosaico de saberes, refletindo a efervescência cultural que marcou Paracatu neste ano memorável. Que esta revista seja uma fonte de inspiração e descobertas, proporcionando aos leitores uma experiência enriquecedora e transformadora.

Agradecemos, fortemente, a todo corpo editorial, ao árduo trabalho de nossa confreira Maria Célia Silva Gonçalves por seu envolvimento e luta para organizar os textos, ao querido Murilo Caldas pela arte da capa, a Helen Ulhoa pelo olhar atencioso das revisões e a todos que colaboraram para que mais uma vez, também de forma impressa, nossa revista se materializa.

Estendemos o agradecimento a Prefeitura Municipal de Paracatu, em especial a Secretaria de Cultura que incentivou e financiou a impressão das 150 cópias que circularão levando nosso trabalho e divulgando nossas atividades.

***Boa leitura!***

Dra. Daniela de Faria Prado

Presidente

## EDITORIAL

Abrindo a Revista Entre Letras no número de 2023 apresentamos um rico **Caderno Literário** composto por poemas, poesias, crônicas enfim pela mais pura e leve arte de escrever e encantar, e que está assim estruturado:

O primeiro e belíssimo poema intitulado "**Sino da Tarde**" de **Lavoisier Wagner Albernaz**, Goiás se revela através de um sino de metais preciosos que ecoa canções de açúcar e mel. O autor habilmente personifica o sino como uma figura feminina que representa a cultura, a natureza e a maternidade. O poema, que já foi enriquecido com uma melodia de Chico Rosário, celebra a riqueza histórica e poética de Goiás, homenageando Cora Coralina, e é apresentado com gratidão nesta edição de nossa revista

O "**Poema Barroco: Uma Elegia ao Aleijadinho**" também de autoria de **Lavoisier Wagner Albernaz** é uma homenagem tocante ao mestre da escultura barroca brasileira, Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho. O poema captura a habilidade de Aleijadinho em esculpir sua fé e visão artística em pedra, destacando as figuras barrocas que ele criou, repletas de emoção. Lavoisier Albernaz presta homenagem a esse luso-africano nascido brasileiro, que deixou uma marca indelével na história da arte, talhando a agonia de Cristo, anjos, a Virgem com o Menino e muito mais em sua obra notável. Este poema é uma celebração da riqueza cultural e artística do Brasil e uma homenagem duradoura ao legado de Aleijadinho.

Com o título de "**O Tempo**" a poetisa **Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio**, explora a natureza multifacetada do tempo, descrevendo-o como um elemento sorrateiro, espiritualoso e marcador de vidas. O poema mergulha nas influências do tempo sobre memórias, saudade, sonhos e realizações, destacando sua dualidade e importância como chave mestra da vida. A obra é uma reflexão poética sobre o conceito do tempo e suas implicações, ilustrando sua elasticidade e relativa natureza.

**Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio** dedica um acróstico a Uldicéia Riquetti, intitulado "**Homenagem a Uldicéia Riquetti**", destacando características admiráveis de Uldicéia em resposta ao título de Cidadã Honorária de Paracatu concedido pela vereadora Vera Lemos.

No texto intitulado "**Como Conheci Igor Santos/Homenagem**" escrito por **Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio**, é compartilhada uma experiência marcante ao conhecer Igor Santos, um jovem notável que, ao longo do tempo, se tornou um prefeito exemplar de Paracatu. A narrativa destaca a amizade que floresceu entre eles e sua colaboração na literatura local, culminando na publicação de duas antologias. Maria Teresa presta uma sincera homenagem a Igor Santos, reconhecendo seu compromisso com a cultura, a comunidade e seu papel inspirador na vida da autora e na cidade de Paracatu. É um testemunho emocionante de uma amizade duradoura e colaboração frutífera.

No poema "**Casario**", **Flávio Antônio Neiva**, evoca a nostalgia das antigas casas enfileiradas que, hoje, permanecem imóveis e plácidas, testemunhas silenciosas do passar do tempo. O poema ressalta a falta de vida e sons que antes preenchiam esses corredores, rememorando a presença de moradores, ruas agitadas e becos misteriosos. O texto é uma homenagem a essas construções centenárias que testemunharam a vida e os momentos da cidade, destacando suas características marcantes e o papel central que desempenharam na comunidade. O autor convida o leitor a fazer uma viagem no tempo, explorando a rica história dessas casas e as memórias que nelas residem.

Para nos fazer sonhar, no poema "**Cidade Amarela**", o autor **Moacir Correia Guimarães** exalta Paracatu, uma cidade que surgiu no sertão devido à descoberta de ouro de aluvião. O poema tece um retrato vibrante da cidade, desde seus primórdios no garimpo até sua atual prosperidade, realçando suas casas com janelões amarelos, rica herança arquitetônica, tradições folclóricas, festas juninas, pão de queijo característico e a hospitalidade do povo Paracatuense. A cor amarela simboliza o ouro que impulsionou a cidade e a beleza das flores que enfeitam suas praças. Este poema é uma apaixonada homenagem a Paracatu, destacando sua rica história, patrimônio cultural e a vivacidade de seu povo, convidando os leitores a enxergarem a cidade com um novo olhar.

No poema "**Essa Meia Idade**" elaborado por **Nathasha Alvares da Silva Campos**, a autora expressa um sentimento de leveza e autenticidade ao chegar à meia-idade. O poema destaca a sensação de diminuir o ritmo, olhar para o futuro com serenidade e se despir de máscaras e expectativas sociais. A meia-idade é retratada como um período de autoaceitação, onde o indivíduo se sente mais bonito e confiante, eliminando o cansaço e construindo sua própria jornada. O poema celebra a liberdade e a autenticidade que podem surgir nessa fase da vida.

A poetisa **Dilma Inês Lucas**, no poema "**Buriti Solitário**" expressa a transformação e a destruição de paisagens rurais, destacando a perda da natureza e das tradições locais devido à expansão agrícola. O poema evoca uma sensação de desolação e solidão à medida que descreve as mudanças na paisagem e lamenta a degradação ambiental. A poetisa utiliza palavras carregadas de emoção para transmitir uma mensagem de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente.

**Teresinha Machado Guimarães Caixeta** faz um verdadeiro brinde aos apreciadores de uma boa leitura com o texto "**A Cronologia do Tempo**" espelho em que é explorada a dualidade entre "cronos" e "kairós", representando a vida regida pelo tempo e a vida vivida com sabedoria e plenitude. A autora descreve sua transformação pessoal ao passar de uma vida marcada pelo corre-corre e pelo relógio para uma vida mais contemplativa, onde aprende a ouvir a voz do coração e experimentar a graça e o perdão no momento presente. O poema reflete a jornada de autoconhecimento e a busca pela verdadeira felicidade, destacando a importância de viver plenamente no "kairós" em vez de ser escravo do "cronos". A autora encerra o poema com uma expressão de gratidão a Deus e ao tempo, reconhecendo que as mudanças trouxeram sabedoria e felicidade à sua vida.

No poema "**Os Filhos**", **Teresinha Machado Guimarães Caixeta**, celebra seus filhos como luz, pérolas preciosas e fonte de amor. Ela os descreve como estrelas reluzentes, repletas de sonhos para o futuro, que florescem e se tornam frutos valiosos. Os filhos são vistos como fonte de encanto e plenitude de amores na vida da poetisa.

No conto "**De Boca Fechada**" também escrito por **Teresinha Machado Guimarães Caixeta**, a história narra um episódio de intromissão em uma conversa entre dois homens na casa de Constância. Ao ouvir a conversa dos homens, Constância se esquece de suas obrigações como anfitriã, e, ao final da conversa, é repreendida por um dos visitantes, Neca Brioso. O conto destaca a importância de respeitar a privacidade alheia e a lição de que, às vezes, é melhor manter a boca fechada para evitar problemas.

O poema "**Carro de Bois**" é de autoria de **Help**, e narra a história de um homem que se casa e parte para uma nova vida, após o conselho de seu pai, atrela os bois a um carro de boi e enfrenta os desafios com coragem e determinação. O poema destaca a esperança e a vontade de recomeçar do protagonista.

"**Tempo**," é o nome do segundo poema de autoria de **Help**, em que ela questiona a natureza implacável do tempo e sua inexorabilidade. A autora reflete sobre como o tempo

avança constantemente, deixando sua marca na vida das pessoas, ao mesmo tempo em que algumas memórias parecem desvanecer-se. O poema explora a dualidade do tempo, que pode ser tanto fugaz quanto eterno, e como as experiências deixam uma impressão duradoura em nossas vidas.

Na crônica intitulada "**A Cachoeira da Fazenda,**" a autora **Help** relata uma de suas aventuras de infância. Ela descreve a ansiedade e a excitação que sentia na noite anterior à sua jornada à cachoeira. A narrativa se concentra em sua rotina matinal, incluindo a preparação do café da manhã e a rápida arrumação antes de montar seu cavalo e se juntar a seus irmãos e um amigo para a emocionante viagem até a cachoeira. O texto traz à tona a alegria e a liberdade da infância, bem como a beleza e a magia da natureza.

A crônica "**Homenagem ao Restauro do Casarão da Academia de Letras**", também de autoria de **Help**, narra a transformação de um imponente casarão, outrora moradia de famílias com posses, em um local que agora abriga a Academia de Letras do Noroeste de Minas. O texto destaca como a cultura e a literatura tomaram o lugar da antiga residência, preservando sua imponência e conferindo-lhe uma nova vida como centro de atividades literárias e culturais.

Na crônica "**Academia de Letras, Mais Rica do Que Nunca**", a pedagoga **Ruth Brochado Ferreira** destaca o papel proeminente da Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM) e de suas dedicadas associadas, notadamente Coraci Neiva, Dra. Hellen Ulhoa e Dra. Daniela Prado. A crônica enfatiza a coragem, sabedoria e determinação das mulheres envolvidas na ALNM, e sua capacidade de continuar a jornada da Academia, mesmo diante de desafios. A autora celebra o brilho e o entusiasmo que permeiam a instituição, inspirando todos a preservá-lo.

O texto também de **Ruth Brochado Ferreira**, intitulado "**Viajando nas Entrelinhas dos Escritores,**" reúne trechos de várias obras e autores que expressam a história, a cultura e os sentimentos relacionados a Paracatu, Minas Gerais. Os excertos demonstram a riqueza das experiências vividas na cidade, destacando a ligação entre os escritores, suas palavras e o contexto que moldou Paracatu. Através dessas reflexões literárias, o texto homenageia a cidade e seus habitantes, explorando os aspectos históricos, sociais e emocionais de Paracatu através das palavras dos escritores locais.

Na crônica intitulada "**As Esperas Decisivas,**" escrita por **Nágela Caldas**, a protagonista Marina, após uma longa jornada em dois voos, encontra-se no aeroporto de Guarulhos, São Paulo. Com as pernas cruzadas sobre a mala de mão, ela contempla o pôr do

sol e a lua cheia, deixando-se absorver pelas mudanças da natureza e pelas reflexões sobre sua própria vida. Marina é uma escritora de ficção que sempre gostou de ouvir histórias, imaginar aventuras e criar finais, e, desta vez, ela observa as pessoas ao seu redor em busca de inspiração. Com tempo de sobra para esperar seu próximo voo, Marina observa os passageiros, imaginando suas histórias e anseios. Ela ajuda uma senhora, Carmem, a encontrar o portão de embarque, o que a faz refletir sobre as motivações e expectativas das pessoas que viajam. Ao se aproximar do seu próprio portão de embarque, Marina se compromete a tomar as rédeas de sua vida e a buscar a felicidade, sabendo que a coragem nunca lhe faltou. É uma crônica que reflete sobre as decisões e a busca por autodescoberta em meio às esperas da vida.

**Benedita dos Reis Soares Costa**, escreve com toda a suavidade que lhe é peculiar, a crônica "**Bastos Não Vai à Lapa**" sua história gira em torno de Seu Bastos, um alfaiate conhecido em Paracatu, que frequentava o Toco do Pecado, um ponto de encontro onde amigos compartilhavam fofocas e histórias da cidade. A crônica narra a reação da cidade quando Seu Bastos decide não participar de sua romaria anual à festa de Nossa Senhora da Lapa em Vazante. Sua decisão gera especulações e curiosidade em toda a cidade, levando-o a criar um cartaz com uma mensagem enigmática em sua alfaiataria para evitar explicações repetitivas, destacando a sagacidade do personagem.

Na crônica "**Ao Mestre, Com Carinho**" também escrita por **Benedita dos Reis Soares Costa**, a autora expressa sua gratidão por sua experiência como professora e destaca a influência de uma colega de profissão, Violeta, que a inspirou e a ajudou a crescer tanto pessoal quanto profissionalmente. A crônica enfatiza a importância de valorizar a vida e as pessoas especiais que a enriquecem, como mestres que brilham e fazem seus alunos brilharem.

Fazendo uma homenagem a esse profissional tão importante para a sociedade brasileira, na crônica "**Boa Noite, Professor!**", Benedita dos Reis Soares Costa, relata uma situação peculiar que ocorreu na Escola Estadual Antônio Carlos, onde os alunos do turno da noite costumavam saudar o professor de matemática, Gesner, com entusiasmo e energia, proferindo um "Boa Noite, Professor!" acompanhado de um grito festivo. Isso acontecia como uma forma de motivar os alunos a participarem das aulas noturnas, muitos dos quais eram adultos e chegavam à escola cansados de seus trabalhos diários. A crônica destaca a criatividade e a dedicação desse professor em criar um ambiente propício para a aprendizagem, mostrando como os métodos pouco convencionais podem funcionar para envolver os alunos e promover o interesse pela matéria.

O texto "**O Dia em que Sartre, Beauvoir e Jorge Amado 'Pintaram' por Aqui,**" escrito por **Florival Ferreira**, relata uma passagem surpreendente, na qual os ilustres escritores e filósofos Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, acompanhados por Jorge Amado, pararam para um lanche e interação com membros do Partido Comunista de Paracatu, quando por aqui passavam, viajando de carro para Brasília. O texto destaca a influência de Sartre e Beauvoir no pensamento global e seu compromisso com o existencialismo e a liberdade, bem como seu papel na mobilização estudantil em Paris em 1968. O autor também menciona influências literárias e culturais brasileiras, demonstrando como essa inesperada visita marcou Paracatu.

No texto "**Os Invasores**", de **Silvano Avelar**, a cidade é invadida por livros, que provocam uma revolução intelectual. As pessoas, de diversas idades e origens, são influenciadas pelos livros, deixando para trás a passividade e as distrações cotidianas. A chegada dos livros sacode a cidade, levando seus habitantes a pensar criticamente e promovendo o conhecimento e a democracia. A narrativa ressalta a importância da leitura e do acesso à informação na transformação da sociedade.

A jornalista **Nágela Caldas** traz à luz os detalhes do notável "**FLIPARACATU**", o Festival Literário Internacional de Paracatu, realizado de 23 a 27 de agosto de 2023. Com belas fotos e uma entrevista com a presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, Daniela de Faria Prado, o artigo destaca a participação de autores aclamados, como Conceição Evaristo, Mia Couto e Itamar Vieira Junior, que discutiram literatura, cultura e ancestralidade. O evento, um sucesso de público, promete edições futuras igualmente impactantes e inspiradoras.

O segundo Caderno da Entre Letras aborda temas do mundo científico e está assim composto:

No primeiro artigo científico intitulado "**Representações de um Bacharel Setecentista a Sua Alteza Real: Contributos para se Pensar Alguns Aspectos da História Mineira,**" de autoria dos pesquisadores **Giselda Shirley da Silva e Vandeir José da Silva**, são exploradas as representações do magistado mineiro que desempenhou papéis-chave na capitania de Minas no século XVIII, analisando sua visão sobre questões ambientais e econômicas. A pesquisa, baseada na obra "Discurso Sobre o Melhoramento da Economia Rústica do Brasil" e manuscritos da época, oferece colaborações valiosas para compreender o contexto histórico e ambiental da região.

No segundo artigo, "**Modernidade Líquida,**" elaborado por **Marcos Spagnuolo Souza**, é explorada a evolução da modernidade através das revoluções industriais e

tecnológicas. O autor distingue entre a modernidade sólida, associada às primeiras revoluções industriais, e a modernidade líquida, que emerge com a revolução tecnológica da informação, caracterizada por flexibilidade, globalização, incerteza e consumo desenfreado. O artigo ressalta a necessidade de uma educação voltada para preparar indivíduos para a sociedade líquida, destacando a importância da constante adaptação, visão global e capacidade de inovação.

No artigo de opinião "**A Pedagogia para os Novos Tempos**" de **Eleusa Spagnuolo Souza**, são discutidas várias abordagens pedagógicas ao longo da história. A autora começa com a pedagogia tradicional do século XIX e critica a pedagogia fabril do século XX, que moldava os alunos para atender às necessidades da sociedade industrial. Ela também critica a pedagogia neoliberal, que trata alunos e professores como mercadorias. Em contrapartida, a autora defende a pedagogia social, centrada nas necessidades dos alunos. No contexto da cultura líquida contemporânea, ela destaca a importância de abordagens pedagógicas mais flexíveis, como a pedagogia autoreferencial proposta por Doll, que permite que os alunos construam seu próprio caminho de aprendizado de forma menos rígida e mais adaptada às complexidades do pensamento humano na sociedade atual.

No texto "**História e Literatura: O Sertão e Sertanejos de Minas**", a historiadora **Helen Ulhoa Pimentel** explora a interconexão entre história e literatura, destacando a importância da memória compartilhada por ambas as disciplinas. Ela analisa a obra "Pelo Sertão" de Afonso Arinos, que descreve a vida no sertão brasileiro no final do século XIX e busca retratar o "verdadeiro povo" do Brasil, contribuindo para a construção da identidade nacional. Além disso, a autora ressalta como a literatura pode influenciar a história local e nacional, ajudando a compreender a diversidade cultural do Brasil.

No artigo de opinião "**A Saúde Pública da Miséria e a 'Miséria da Saúde Pública'**", **Isaias Nery Ferreira** destaca a importância da saúde pública no Brasil e elogia o Sistema Único de Saúde (SUS). Ele ressalta os avanços do sistema, como o Programa Nacional de Imunizações e a Estratégia Saúde da Família. No entanto, o autor também aponta desafios, como a falta de financiamento adequado e problemas na gestão da pandemia de COVID-19, incluindo o uso de tratamentos sem respaldo científico. Ele conclui chamando a atenção para a necessidade de valorizar a saúde pública e seguir as orientações científicas em meio a desafios futuros, como possíveis pandemias.

"**Insubmissas Lágrimas de Mulheres**" de Conceição Evaristo, resenhado pela pesquisadora **Maria Célia da Silva Gonçalves**, é uma coletânea de narrativas que mergulha nas experiências de mulheres negras no Brasil, destacando suas lutas, resiliência e a interseção de gênero e raça. A obra reforça a importância da oralidade e do conceito de "escrevivência" na reconstrução de suas histórias e memórias, dando voz àquelas frequentemente silenciadas. O livro é elogiado por sua abordagem sensível de temas como violência doméstica e sexual, destacando o papel crucial do feminismo negro na resistência e empoderamento dessas mulheres. No geral, a obra é vista como um apelo à reflexão e à ação, enfatizando a necessidade de valorizar as vozes das mulheres negras na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

18

Agradecemos sinceramente a todos os autores e autoras que contribuíram para o quinto volume da Revista Entre Letras, enriquecendo nosso periódico com suas valiosas reflexões e trabalhos. Encorajamos todos a continuarem colaborando e compartilhando seus conhecimentos e paixão pela escrita conosco em futuras edições. Desejamos a todos os leitores boas e enriquecedoras experiências com os textos apresentados nesta revista.

Paracatu, dezembro de 2023

**MEMBROS DA ACADEMIA DE LETRAS DO NOROESTE DE MINAS****MEMBRO HONORÁRIO: ANTÔNIO DE OLIVEIRA MELLO**

Formado em filosofia, foi professor, jornalista e escritor. É autor de inúmeros livros, tendo por foco principal Paracatu e cidades do Noroeste de Minas. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; da Comissão Mineira de Folclore; da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais; do Centro de Folclore de Piracicaba (SP); da Academia Piracicabana de Letras; da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, de Uberaba; da Academia de Letras do Brasil Central, de Uberlândia; da Academia Patense de Letras, de Patos de Minas; e da Academia de Letras do Noroeste de Minas, com sede em Paracatu. É cidadão honorário de Patos de Minas.

19

**MEMBRO HONORÁRIO: MARIA JOSÉ GONÇALVES DOS SANTOS**

Zequinha é licenciada em português e literatura, pós-graduada em Psicanálise e Educação. Atua na área educacional. Professora com experiência desde a alfabetização até o Ensino Médio, foi Superintendente de Ensino, tutora do Projeto Veredas pela Unipam – Patos de Minas e ocupou os cargos de Secretária Municipal de Educação de Paracatu e de Vice-presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, onde colaborou na consolidação do sodalício e na promoção de atividades literárias e culturais. Colaborou com crônicas e poesias para o jornal “O Movimento” e revista “In Foco”. Organizou a reedição do livro “Simplicidade” de Branca Adjuto Botelho e o ensaio fotográfico de Geraldo Evandro Oliveira. Livros: Cantiga Bissexta, Caixa de Retalhos.

**MEMBROS EFETIVOS:**

**CADEIRA N. 2. Patrono:** NESTÓRIO DE PAULA RIBEIRO  
**Ocupante:** TEREZINHA DE JESUS SANTANA GUIMARÃES



Especialista em História, professora, historiadora do Município (2011/ 2018), membro do Corpo Técnico que assessora o COMPHAP (2011/2018), Membro da Associação Amigos da Cultura.

20

**CADEIRA N. 3. Patrono:** AGENOR TORRES  
**Ocupante:** ARTHUR HENRIQUE PEREIRA



Doutor em Psicologia, psicólogo, homeopata, professor, escritor e empresário. Autor dos livros: Homo Mundus Minor, Psico(drama) do ser humano quixotesco, Opus Homo, Psicodrama e o Imaginário Contemporâneo, Planejando a vida, Curinga de Heath Ledger, O efeito curinga e o triunfo do Imaginário, Estudos contemporâneos em psicologia, Calhambo.

**CADEIRA N. 4. Patrono:** JOSINO DA SILVA NEIVA  
**Ocupante:** CORACI DA SILVA NEIVA BATISTA



Professora, diretora escolar, escritora, artista plástica. Foi Inspetora Seccional de Ensino da 61ª Inspeção da Região Noroeste de Minas. Recebeu o diploma e a Medalha de Mérito Educacional conferidos pelo Governo de Minas. Foi presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas por 20 anos e vice-presidente da Federação das Academias de Letras de Minas Gerais (FALEMG). Recebeu o título de Presidente Honorária da ALNM. Como artista plástica já expôs em Paracatu e em vários países do Exterior.

**CADEIRA N. 5. Patrono:** AFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

**Ocupante:** LAVOISIER WAGNER ALBERNAZ



Poeta, Escritor, Historiador, Ator, Diretor Teatral, Cineasta e Professor. Encenou o primeiro presépio do Brasil em Paracatu-MG. Dirigiu a maior peça do Teatro Brasileiro, A Moratória de Jorge Andrade em Paracatu-MG.

21

**CADEIRA N. 6. Patrono:** VIRGÍLIO MARTINS DE MELLO FRANCO

**Ocupante:** MARIA DO SOCORRO DE MELO MARTINS



Especialização em Cultura e Arte barroca pela UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, professora universitária, autora de estudos sobre o Teatro Philodramático de Paracatu; Cinema e Teatro; e Patrimônio Material e Imaterial de Paracatu.

**CADEIRA N. 7. Patrono:** FRANCISCO DE MELLO FRANCO

**Ocupante:** VANDEIR JOSÉ DA SILVA



Doutorando pela Universidade de Évora/ Universidade de Lisboa, Portugal. Pesquisador Integrante do CIDEHUS – UE, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do projeto de pesquisa Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC).

**CADEIRA N. 8. Patrono:** AFRÂNIO DE MELLO FRANCO  
**Ocupante:** MARCOS SILVIO PINHEIRO



Escritor e professor de literatura. Membro da ALNM e da ANE - Associação Nacional de Escritores. É autor de “Paracatu. Com”, Vários Autores, ALNM, 2006; “Ribeirão do Ouro”, ALNM, 2011. Publicou de Crônicas e ensaios em várias revistas literárias.

22

**CADEIRA N. 9. Patrono:** PADRE DOMINGOS SIMÕES DA CUNHA  
**Ocupante:** D. LEONARDO DE MIRANDA PEREIRA



Natural de Diamantina, foi ordenado Padre em 1959. Em 1986 foi nomeado pelo Papa S. J. Paulo II como Bispo da Diocese de Paracatu, tendo renunciado, por limite de idade ao governo da Diocese em 2013. Destaques do seu episcopado: ordenação de 50 Sacerdotes e um Bispo; doação de lotes a mais de 1000 famílias carentes; e implantação de inúmeras pastorais. Na CNBB foi, durante anos, Bispo de Referência Nacional da Pastoral do Menor. Autor do livro “acertos e desacertos de um Bispo Missionário” e a lançar “A Pena e o Pastor”. Fundou o jornal “Informativo Diocesano”, colaborou assiduamente em diversos jornais da Região Noroeste de Minas, especialmente no “O Movimento”. Manteve o programa bissemanal na TVP “No Caminho da Paz”. Foi agraciado com o título de cidadão honorário de Guanhães, Paracatu, Unáí, João Pinheiro, Vazante, Natalândia, São Sebastião do Maranhão e Felício dos Santos.

**CADEIRA N. 10. Patrono:** OLYMPIO GONZAGA

**Ocupante:** AREOALDO D'PAULA



Poeta, escritor, participante em 121 coletâneas Regionais e Nacionais, 16 internacionais, membro de várias agremiações literárias e Academias de letras. Agraciado com 06 comendas, 21 medalhas de ouro, 03 de prata, 01 de bronze e o troféu Carlos Drummond de Andrade de literatura, 106 diplomas de Mérito e Participação, laureado no salão do livro (Porte de versalles), em Paris, pela participação na coletânea Écrivains Contemporains Du Minas Gerais, tendo já publicados seis livros: “Uma rosa em tua mão” (Poesias), “Eliodorio Anta” (conto), “Reminicência de minha velha Paracatu” (poesias e crônicas) “Casca de Sonhos em Versos” (poesias), “Maria Eleotéria” (romance), “O Sonho e o enigma no voo do Anhanguera” (romance autobiográfico), este foi lançado em Madri (Espanha) e parte da história deste livro está no livro de canonização do padre João Shiavo nos 100 anos dos Josefinos de Murialdo no Brasil.

23

**CADEIRA N. 11. Patrono:** GASTÃO SALAZAR PESSOA

**Ocupante:** JUSMAR CERTO ROQUETE



Médico otorrinolaringologista, otologista, otoneurologista e poeta. Membro efetivo da sociedade brasileira de otorrinolaringologia, presidente do departamento de ORL da AMMG (atual sociedade mineira de ORL) biênio 1980-1981. Organizador, conferencista, instrutor e participante de cursos e congressos de otorrinolaringologia. Autor do livro de poemas: POTE.

**CADEIRA N. 12. Patrono:** MARIA DA CONCEIÇÃO ADJUCTO  
**Ocupante:** JOAQUIM CAMPOS



Joaquim Álvares da Silva Campos é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, exercendo sua atividade de advogado desde 1961 no noroeste de Minas Gerais. Foi o primeiro cidadão de Paracatu que recebeu do TJMG a medalha de mérito judiciário Desembargador Hélio Costa, bem como foi distinguido pela Prefeitura Municipal de Pompéu/MG com a medalha Dona Joaquina do Pompéu, tendo presidido à 31ª subseção de Paracatu da OAB/MG.

24

**CADEIRA N. 13. Patrono:** CARLOS ALVARES DA SILVA CAMPOS  
**Ocupante:** JOSÉ IVAN LOPES



José Ivan Lopes Em 1989 ingressou no Seminário João XXIII, da Diocese de Paracatu. Coursou Filosofia e Teologia no Seminário São José, em Mariana-MG. Em 1999 foi ordenado sacerdote e exerceu o ministério até 2013.

**CADEIRA N. 14. Patrono:** Frei Sebastião da Silva Neiva

**Ocupante:** Ilma Pereira de Souza



Ilma Pereira de Souza nasceu em 29-07-1950 e casou-se com Antonio Francisco de Souza, que já faleceu. Mãe de duas filhas: kristiane e Adaiane, avó de Pedro Henrique, Giovanna e Ana, sogra de Airton Santos e Ítalo Couto. Natural de Paracatu, filha de Leonina Gonzaga Pereira e Caetano da Silva Pereira. Ambos falecidos. Oriunda de uma família numerosa de 16 irmãos, totalizando 147 pessoas. Pedagoga, pós-graduada em Educação Ambiental, Metodologia de Ensino Superior e Gestão, com vários trabalhos publicados na área de Meio Ambiente. Em 2019, publicou o livro: “RECONTOS DA FAMÍLIA GONZAGA PEREIRA”, em homenagem a seus saudosos pais e à família: referência de amizade, luta, companheirismo, desafios e laços eternos.

Sua trajetória profissional foi coroada de êxito e sucesso com 38 anos de serviços prestados ao Instituto Estadual de Florestas-MG, na área de Educação Ambiental, em que teve a oportunidade de publicar trabalhos e participar de congressos e treinamentos na Costa Rica, Venezuela, além de desenvolver programas e projetos de Educação Ambiental e fiscalização, no estado de Minas. Em 2010 foi agraciada com o projeto de criação e implantação do Parque Estadual de Paracatu, atuando como a primeira gestora do Parque e presidente do primeiro Conselho Consultivo. Em 2015, com a sensação de missão cumprida aposentou-se no IEF, ao qual externa gratidão. Mas o trabalho é como a vida, em constante movimento. Amante da leitura e da escrita tem orgulho em fazer parte de um seleto grupo de leitura da Academia de Letras do Noroeste de Minas. Como professora trabalhou em várias escolas de Paracatu. Atualmente atua como Especialista de Educação Básica, na Escola Estadual Olindina Loureiro e integra a equipe do Rotary Clube 200 de Paracatu, desenvolvendo projetos sociais. Ilma teve uma trajetória de vida cheia de grandes realizações e produtividade.

25

**CADEIRA N. 15. Patrono:** BRANCA ADJUCTO BOTELHO

**Ocupante:** NÁGELA CALDAS



Jornalista, com pós-graduação lato sensu MBA - Master Business Administration pela Fundação Getúlio Vargas. Criadora e editora da Revista In Foco em Paracatu. Atuou em jornais, emissoras de rádio e em assessorias de imprensa. Atualmente mora no estado do Alabama, nos Estados Unidos.

**CADEIRA N.17.PATRONO: CECÍLIO JOSÉ CARNEIRO****Ocupante:** Nícollas Nunes Rabelo

Graduado em Medicina pela Faculdade de Medicina UniAtenas (2007-2012). Especialização em Neurointensivismo para Adultos pelo Hospital Sírio Libanês - Instituto de Ensino e Pesquisa. Residência em Neurocirurgia pelo Hospital Santa Casa de Ribeirão Preto (2013-2018). Complementação Especializada (Fellow) em Neurocirurgia Vascular e Base de Crânio pela Disciplina de Neurologia do HC-FM-USP (2018-2019). Doutorado e Pos Doutorado em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Neurologia da FM-USP (2018-2023) atuando nas linhas de pesquisas (Doenças da Neurocirurgia Vascular e Doença periodontal como Fator de Rotura para Aneurisma Cerebral). Pós-Doutorado na FMUSP. MBA em Gestão em Saúde pela FGV em andamento. Diretor da SBN ligas acadêmicas gestão (2021-2022). Especialista Clínica e intervencionista em DOR SINPAIN (2021/2022). Certificação internacional do uso de Cannabis Medicinal (2022). Membro Discente Titular da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Neurologia da FM-USP (2018-2022). Tutor do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Neurointensivismo para Adultos no Instituto SírioLibanês de Ensino a Pesquisa (07/2021 á 05/2022). Professor da Faculdade Atenas-MG das disciplinas de Semiologia, Clínica Cirúrgica e Iniciação científica. Consultor em educação, publicação e ensino da Brain4Care. Fez parte do Programa de Cooperação da Academia Brasileira de Neurocirurgia e Departamento de Neurocirurgia da Universidade de Tubingen - Alemanha - Advanced Techniques for the Young Neurosurgeon (ATCHYN), Hanover e Dresden. Médico Perito da Aeronáutica (MC-141- ANAC - RBAC 67 Segunda a Quinta Classe). Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Neurocirurgia. É Membro Titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e da Academia Brasileira de Neurocirurgia

6

**CADEIRA N. 18. Patrono:** PERO ADJUCTO BOTELHO

**Ocupante:** HELEN ULHÔA PIMENTEL



Doutora em História pela Universidade de Brasília com bolsa sanduiche na Universidade de Coimbra, Professora universitária aposentada, autora do livro “Casamento e Sexualidade: A construção das diferenças” e de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas. Presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas de 2017 a 2020, presidente da Associação de Condutores de Turismo de 2018 a 2019, diretora de Patrimônio da agência de desenvolvimento sustentável de Paracatu, uma das criadoras do arquivo Público de Paracatu e Primeira diretora do Museu Histórico de Paracatu.

27

**CADEIRA N. 19. Patrono:** FRANKLIN BOTELHO

**Ocupante:** BRANCA BOTELHO BORGES



Normalista e escritora, confessa ter recebido muitas influências do seu patrono, que era seu tio e incentivador. Autora dos livros “Ipê Florido” e “Momentos”.

**CADEIRA N. 21. Patrono:** GASTÃO DE DEUS VICTOR RODRIGUES

**Ocupante:** FLÁVIO ANTÔNIO NEIVA



Engenheiro elétrico e escritor. Foi professor de Matemática. Ingressou na Companhia Energética de Minas Gerais S.A - CEMIG, onde ocupou diversos cargos, desde o de Chefe de Divisão até o de Diretor de Produção e Transmissão. Tem curso de pós-graduação em Operação de Sistema Hidrotérmicos na COPPE - UFRJ. Realizou na Waterloo University, na Província de Ontário, Canadá, curso em Planejamento Energético de Sistemas; curso Avançado de Controle da Operação de Reservatórios no Hydrologic Engineering Center em Davis na Califórnia, USA, órgão do Corps of Engineers do exército americano. Participou de várias missões do Governo brasileiro (Eletrobrás) em companhias e agências de energia elétrica dos Estados Unidos e Europa. Presidente da Associação Brasileira das Empresas Geradoras de Energia Elétrica – ABRAGE, desde 1998. Conselheiro Titular no Conselho Nacional de Recursos Hídricos- CNRH. Escreveu os seguintes livros: Um Sonho em Nossas Mãos (2002), Sertão Chapada e Vão (2006), Toada (2011), “Cidade e Família, Circunstâncias Históricas” trabalho organizado em 2014. Autor da música “Socorro se eu não for para Paracatu eu morro”. Em 1997 recebeu a medalha de honra da Inconfidência Mineira.

**CADEIRA N. 22. Patrono:** GERALDO SERRANO NEVES

**Ocupante:** BENEDITA DOS REIS SOARES COSTA



Professora e escritora. Fez o curso Normal (de formação de professores) e mais tarde o de Pedagogia, com especialização em 3 áreas de educação. Além de professora em Paracatu, foi Inspetora escolar e diretora da Escola estadual Antônio Carlos. Aposentada mudou-se para Brasília onde ingressou na Secretaria de Estado de Educação do DF, tendo exercido cargos relevantes até 1999. Lançou os livros: “Passeio pelo Tempo” em 2009 e “Por Causa de um Sonho” em 2016. Secretária da ALNM período 2017/2020.

29

**CADEIRA N. 23. Patrono:** CORA CORALINA

**Ocupante:** TARZAN LEÃO DE SOUZA



É cristão reformado, diplomado em filosofia (CES-UFMG) e pós-graduado em Estudos Teológicos e Teologia Bíblica (CPAJ). É autor de títulos como *Pânico na Rua da Bahia*, *A farmácia de René Girard*, *Orar como Jesus orou*, *Paixões proibidas*, *Nem todos serão felizes* e *De Deus que veio a Palavra*. É membro efetivo desta Academia desde 1998.

**CADEIRA N. 24. Patrono:** CECÍLIA MEIRELES

**Ocupante:** DÁLIA MARIA NEIVA MOREIRA SALLES



Está na ALNM desde a fundação, tendo sido presidente da comissão que formatou e fez sua instalação. Presente e incentivadora dos lançamentos e atividades da Academia, participou das dificuldades inerentes ao processo de crescimento da instituição. Colaborou com vários jornais locais, foi cronista de O Movimento até a sua extinção.

**CADEIRA N. 26. Patrono: MÁRIO PALMÉRIO**

**Ocupante: ELEUSA SPAGNUOLO SOUZA**



Doutora em Educação e Ecologia Humana pela Universidade de Brasília (UnB), professora universitária.

30

**CADEIRA N. 27. Patrono: MONTEIRO LOBATO.**

**Ocupante: ISAIAS NERY FERREIRA**



Pós-doutor pela Universidade de Brasília, UnB. Principal Obra: Hanseniose, avanços e desafios. Diversos artigos acadêmicos em revistas científicas. Enfermeiro e Professor

**CADEIRA N. 28. Patrono:** ALCEU AMOROSO LIMA

**Ocupante:** BENEDITA GOUVEIA DAMASCENO SIMONETTI



Mestrado em Literatura. Autora de "Poesia Negra no Modernismo Brasileiro", 2 edições, traduzido e publicado na Itália, na França e na Espanha. Oficial de Chancelaria no Ministério das Relações Exteriores; professora de Língua Portuguesa na Fundação Educacional do Distrito Federal, diretora do Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Roma; diretora de Estudos, Projetos e Pesquisas da Fundação Cultural Palmares; diretora da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (DF); professora de Língua Portuguesa e Civilização Brasileira nas Universidades de Lagos (Nigéria) e na Universidade das Índias Ocidentais; Adida Cultural nas Embaixadas do Brasil em Lagos, em Kingston, em Luanda (Angola) e na Guatemala. Atualmente é Vice-Cônsul no Consulado-Geral do Brasil em Paris.

31

**CADEIRA N. 29. Patrono:** JOÃO GUIMARÃES ROSA

**Ocupante:** DANIELA DE FARIA PRADO



Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (2002) e Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (2006). Possui Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas. Atualmente é professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Participa do Núcleo em Letramentos, Linguagem e Formação- NELLF -PUC Minas, envolvida no Projeto: Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino: questões em torno da apropriação da palavra de outrem e Pesquisas em torno do PISA- estudos comparados entre Brasil e França; é também membro do Grupo de Estudos em Linguagem & Tecnologia - GELT- do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro-IFTM, Campus Paracatu.

**CADEIRA N. 30. Patrono: RUBEM BRAGA**

**Ocupante: TEREZINHA MACHADO GUIMARÃES CAIXETA**



Teresinha Machado Guimarães Caixeta, nasceu em Vazante-Minas Gerais e reside em Uberlândia. Formada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora aposentada, tem seis livros solo de publicação independente, e participação em vinte antologias de contos, crônicas e poemas. Membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas e Instituto de Artes do Triângulo. Gosta de ler, escrever e viajar.

32

**CADEIRA N. 31. Patrono: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

**Ocupante: FLORIVAL DE ASSIS FERREIRA**



É funcionário aposentado da Caixa Econômica Federal, bacharel em Direito e jornalista com 42 anos de atuação em diversos órgãos da imprensa de Montes Claros e Paracatu, Minas Gerais. Na área literária, é contista, cronista e autor teatral, com peças e romance ainda não publicados. É cofundador da Academia de Letras do Noroeste de Minas.

**Cadeira N.32. Patrono: OSVALDO FRANÇA JUNIOR**  
**Ocupante: SILVANO ALVES DE AVELAR**



Advogado e professor. Fui coordenador do NPJ/Finom no período de 2010 a 2016. Atuou como professor em diversas disciplinas do curso de Direção da Faculdade de Finanças e da Faculdade de Atenas. Atualmente é professor de Língua Portuguesa e em diversas disciplinas dois cursos de História, Geografia e Pedagogia, na modalidade EAD da FINOM-Faculdade do Noroeste de Minas. Possui graduação direta pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí (2003) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava-SP, com graduação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Brasileira, Literatura Inglesa (1983). Pós-graduada em Metodologia Educacional pela Faculdade de Batatais-SP. Atuou como professor de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação em escolas estaduais e privadas de Paracatu no período de 1982 a 2013, até 2013. Atua como consultor jurídico de trabalhadores e entidades filantrópicas de Paracatu. Atua há 12 anos como advogada em diversas áreas: Direito Civil, Público, Trabalhista e Administrativo. Exerceu mandato eletivo como vereador do município de Paracatu em três mandatos consecutivos (1989 a 2000) e duas vezes como suplente (2005 e 2008). Ele é músico e compositor.

**CADEIRA N. 33. Patrono: DARCI RIBEIRO**  
**Ocupante: MURILO DE ARAÚJO CALDAS**



É jornalista desde 1993. Editou o Jornal de Paracatu entre os anos de 1993 e 2000, atualmente é Coordenador do Núcleo de Comunicação da Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde e consultor de comunicação. Membro fundador da Academia de Letras do Noroeste de Minas.

**CADEIRA N. 35. Patrono:** BERNARDO ÉLIS

**Ocupante:** MARIA CÉLIA DA SILVA GONÇALVES



Pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB); Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Universidad Autónoma de Madrid (UAM) -Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO- (Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutorado em História pela Universidade de Évora em Portugal. Pesquisadora Integrada do CIDEHUS-UE – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Possui doutorado em Sociologia e mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB).

34

**CADEIRA N. 36. Patrono:** DOMINGOS JOSÉ PIMENTEL BARBOSA

**Ocupante:** GISELDA SHIRLEY DA SILVA



Doutoranda - Universidade de Évora/Universidade de Lisboa - Portugal. Pesquisadora Integrante- CIDEHUS-UE - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília-(UnB). Membro do projeto de pesquisa - Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais – PUC - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**CADEIRA N. 37. Patrono: ALONSO GARCIA ADJUCTO**

**Ocupante: MARCOS SPAGNUOLO SOUZA**



Coronel da Polícia Militar. Professor Universitário. Doutor em Filosofia da Educação. Livros publicados: Os Cátaros. A Gnozes na Mitologia Grega. A doutrina dos Vedas. Anais da Câmara Municipal de João Pinheiro. Paracatu Sua História. Siqueira Campos em Paracatu. Vidas Vividas em Paracatu. Vidas Vividas em Arinos. Autoconhecimento. Anais da Câmara Municipal de Paracatu. Os Negros de Paracatu.

35

**CADEIRA N. 38. Patrono: DR. JOAQUIM BROCHADO**

**Ocupante: MÁRCIO JOSÉ DOS SANTOS**



É geólogo, professor, mestre em Administração e mestre em Planejamento e Gestão Ambiental. Além de trabalhos científicos e artigos jornalísticos em revistas, tem vários textos literários, principalmente crônicas, publicados em jornais.

**CADEIRA N. 39. Patrono: ANTÔNIO TEODORO DA SILVA NEIVA**

**Ocupante: MARIA TERESA OLIVEIRA MELO CAMBRÔNIO**



Licenciatura Plena em Química, com habilitação em Física, Licenciatura Plena em Arte Teatro, pós-graduada em Direito Educacional, Docência de Ensino Superior e Psicopedagogia Reeducativa. Curso de Formação Sindical e Políticas Públicas. Professora aposentada e atualmente ministra aulas de Física (Ensino médio), na Escola Estadual Antônio Carlos.

Obras: Artigo Teatro na Escola de Tempo Integral da Escola X. Livros: Meus Momentos- 2007, Sementes de Amor-2016, coparticipação em 5 Antologias e autora do Hino à Escola Estadual Júlia Camargos.

# Caderno Literário

## SINO DA TARDE

Lavoisier Wagner Albernaz<sup>1</sup>

Em Goiás tem um sino  
De ouro de prata de cobre de bronze  
Que bate que toca que tine que plange  
Canções de açúcar, de mel, caramelos  
Rolando nas pedras polidas do tempo  
Perdidas no ar dos becos antigos!

Em Goiás tem um sino...  
Com voz de menina brincando no rio.

Falando de gentes...  
Da terra... do homem... da roça bonita;  
É mulher ..... é poeta  
É mãe ..... é amiga!  
É planta verdinha  
Com broto..... com lida!

É canção sem idade  
Que vibra saudade,  
Na voz da menina  
Cora Coralina  
É um sino tocando na tarde da vida!

Nota: Este poema ganhou melodia musical pelo talento de Chico Rosário

<sup>1</sup> Poeta, Escritor, Historiador, Ator, Diretor Teatral, Cineasta e Professor. Encenou o primeiro presépio do Brasil em Paracatu-MG. Dirigiu a maior peça do Teatro Brasileiro, A Moratória de Jorge Andrade em Paracatu-MG.

## POEMA BARROCO UMA ELEGIA AO ALEIJADINHO

Lavoisier Wagner Albernaz<sup>1</sup>

Aos 200 anos da morte do gênio ALEIJADINHO, Antônio Francisco Lisboa.

Ao Mestre da todos os tempos a Homenagem do nosso Poeta Lavoisier Albernaz e do Jornal O LABARO.

38

## I

Seu cantar esculpido  
Lavrado na pedra...  
Lapidados na alma  
Seus cantos de fé.  
Bigorna e martelo  
Formões e serrilhas,  
Golpearam seus sonhos...  
Das manchas de sangue  
De sua pele cortada,  
Da dor.... Do silêncio  
Surgiram figuras....  
Barrocas.... Ornadas  
D'espanto e emoção!  
No brilho da lira  
Forjada de males... De Arte...  
Erguera seus Santos,  
Profetas e Anjos...  
Demônios e flores...  
Volutas...  
Alfaias...  
Carrancas...  
Cornijas,  
Capitéis e colunas...  
Coroam no Eterno...  
Em Hosanas e Glórias  
Os Templos de Deus!

<sup>1</sup> Poeta, Escritor, Historiador, Ator, Diretor Teatral, Cineasta e Professor. Encenou o primeiro presépio do Brasil em Paracatu-MG. Dirigiu a maior peça do Teatro Brasileiro, A Moratória de Jorge Andrade em Paracatu-MG.

II



Esse luso-africano  
Nasceu brasileiro  
De Arte sublime ...  
Atado... Suspenso em bailéus,  
Registrou na História  
As marcas de um tempo...  
Talhado à madeira...  
Seus vultos... seus monstros...  
Na Agonia do Cristo...  
Anjinhos chorando.  
Anjinhos dormindo...  
Sorrindo... Aplaudindo  
À Virgem e ao Menino,  
No Poeta da pedra!

Lavoisier Albernaz -Do livro inédito "A Tentação do Silêncio"

## O TEMPO

Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio<sup>1</sup>

O tempo ora é sorrateiro e também espirituoso  
Ele marca quem vem e quem vai  
Marca a idade da esperança  
Vai espreitando os dias mais furiosos

O tempo carrega a saudade  
Arranca do peito expectativas  
De abraçar um amor verdadeiramente puro  
Selando abraços, beijos, levando os afagos

Ninguém vence o tempo!  
Ele vai levando a vida como o vento...  
Ligeiro, breve... voraz, inquieto e intrépido  
Abocanha os vales, arrancando os fios de cabelo

Pensem comigo... o querer viver marca o tempo  
De quem trabalha, ora, crê e cresce  
Tem gente que teme o tempo  
Não recebe bem as marcas indelévels que ele traz

Por outro lado, vendo com outros olhos  
O tempo impõe a realidade  
Realiza os sonhos e oportuniza-nos o mundo conhecer  
Faz-nos rir, chorar sermos protagonistas de nossa história

Marca a chegada das estações  
Apresenta-nos as facetas da Lua  
Que se encontra a uma fiel distância  
Traz reflexos da luz solar aos nossos olhos

Logo o tempo é engraçado!  
É relativo, elástico e fantástico  
São piruetas que o Senhor tempo dá  
Como descreveu Albert Einstein

Dota-nos de boas lembranças  
Comunicação entre passado, presente e futuro  
Ele é a chave mestra  
O cupido da felicidade

Nos três tempos verbais  
Ensina-nos o caminho do sucesso  
Ele é o próprio antídoto, absoluto  
Para corrigir os intemperismos da vida

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Química, com habilitação em Física, Licenciatura Plena em Arte Teatro, pós-graduada em Direito Educacional, Docência de Ensino Superior e Psicopedagogia Reeducativa. Curso de Formação Sindical e Políticas Públicas. Professora aposentada e atualmente ministra aulas de Física (Ensino médio), na Escola Estadual Antônio Carlos.

## ACRÓSTICO PARA ULDICÉIA RIQUETTI

Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio<sup>1</sup>

Única  
Leal  
Divina  
Integra  
Carismática  
Esperançosa  
Idealista  
Amável

41

Uldicéia recebeu da vereadora Vera Lemos o merecido título de Cidadã Honorária de Paracatu.

Fiz este acróstico, olhando para ela.

Depois de encerrada a sessão, quebrou-se o protocolo, oportunizando-me homenagear também, essa grande mulher,

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Química, com habilitação em Física, Licenciatura Plena em Arte Teatro, pós-graduada em Direito Educacional, Docência de Ensino Superior e Psicopedagogia Reeducativa. Curso de Formação Sindical e Políticas Públicas. Professora aposentada e atualmente ministra aulas de Física (Ensino médio), na Escola Estadual Antônio Carlos.

## COMO CONHECI IGOR SANTOS/ HOMENAGEM

Maria Teresa Oliveira Melo Cambrônio<sup>1</sup>

Certo dia recebi o convite de uma amiga para assistir um evento cultural, dirigido por jovens. O local era um pouco acima do Colégio Dom Eliseu, não conhecia aquela casa. Adentrei um pouco tímida e ansiosa para conhecer trabalho tão comentado entre profissionais da educação e da cultura. Sabia que o evento acontecia a cada 15 dias e que a casa ficava sempre lotada.

Olhava para os lados, maravilhada com aquele ambiente quase bucólico, lembro-me de ter visto palmeiras imperiais gigantescas, coqueiros, flores e grama verdinha. No centro do pátio o pequeno palco era ocupado realmente por jovens e entre eles vi um garoto de mais ou menos 15 anos na época, muito falante, com um português impecável. Após várias apresentações artísticas, o mocinho desceu do palco e transitou por entre as pessoas, recebendo cumprimentos aqui e ali. De repente aproximou-se de mim e disse-me: Que prazer recebê-la aqui Maria Teresa, sou seu fã de carteirinha. E continuou: Me chamo Igor Santos, você conhece minha mãe. Logo vi que se tratava de minha amiga Maurília, a mãe daquele rapaz tão inteligente. Nasceu ali uma grande amizade!

Igor Santos estava presente nas campanhas políticas, era interessado em todo assunto que tratasse de educação, lazer, cultura e igualdade social.

Algum tempo depois fui até BH levar minha sogra para tratar de um problema visual num hospital, no mesmo bairro em que Igor morava. Minha sogra teve que operar e no dia seguinte teria que retornar ao HP para fazer alguns exames. Fiquei sem saber o que fazer não conhecia nada por ali. Logo veio-me a ideia de ligar para Igor e perguntá-lo se eu e ela poderíamos passar a noite na casa onde ele morava. Prontificou-se na hora! Pegamos um taxi e paramos em seu endereço, que não era longe do hospital.

Após um delicioso banho falei com Igor que naquele momento eu faria o papel da mãe dele, que escolhesse qualquer coisa que ele gostaria de comer que faria. Ele pediu bolo de chocolate. Fiz o bolo e ainda coloquei recheio. Ele comeu a forma de bolo quase toda.

Naquele finalzinho de tarde ficamos batendo papo, Igor presenteou-me com uma panela de arroz elétrica, minha única panela até hoje. Nos despedimos no outro dia cedo, pois, tínhamos que voltar para o hospital.

Em uma outra ocasião recebi uma ligação de Igor: - Teresa está boa? Olha, estou escrevendo a Antologia da Literatura Paracatuense, você está convidada a escrever um texto para a mesma. A obra foi um sucesso! Logo veio a segunda antologia que também foi bem aceita pelos paracatuenses. Nessa mesma época, Igor ligou-me novamente e disse-me que seu sonho era editar um livro de minha autoria, então tive que apressar e terminar o livro "Sementes de Amor" que já estava mais da metade escrito.

Foi honra escrever um livro pela Editora Buriti, cujo editor tinha apenas 17 anos, Igor Santos atualmente o prefeito de Paracatu que ainda tem pouca idade, mas, uma cabeça genial e muita força para trabalhar. Não é só ele que é meu fã, eu também sou sua fã. Presto homenagem a ele com este acróstico com muito carinho.

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Química, com habilitação em Física, Licenciatura Plena em Arte Teatro, pós-graduada em Direito Educacional, Docência de Ensino Superior e Psicopedagogia Reeducativa. Curso de Formação Sindical e Políticas Públicas. Professora aposentada e atualmente ministra aulas de Física (Ensino médio), na Escola Estadual Antônio Carlos.

**Inesquecível e incrível**

Generoso

Ousado

Responsável e respeitável

Prefeito parceiro e exemplar

Esperança da juventude de Paracatu

Respeita as diversidades; trabalha para todos

Especial aos olhos do criador

Íntegro e confiante no que faz

Responsabilidade é sua flâmula

Amigo de todas as horas

Dedicado à família e ao trabalho

Organizado e observador

Simple e humano

Sabe até onde deve chegar; raciocina

Agradável, afável e amado

Nasceu para ser feliz

Talentoso, eficiente e inteligente

Orgulhoso, pois, confia no tempo de Deus

Siga em frente Igor Santos irá bem longe... sucesso!

## CASARIO

Flávio Antônio Neiva<sup>1</sup>

Antigas casas enfileiradas ressentem-se hoje da falta de vidas, de sons, da falta de tudo.  
Dos que lá moraram, das ruas agitadas, dos becos estreitos e mal-assombrados.  
Imóveis e plácidas, firmes e juntas.  
Formam largos corredores, para todos os lados.

Hoje compõem -se entre si, sem reza;  
longa procissão sem andores.  
Sem padres, pálios, incenso ou Beú.  
Sem imagens, sem castiçais, sem cantores.

Portas não ouvem palmas, não se ouvem “oh de casa”.  
Venezianas, cegas; portões, esburacados e sonolentos.  
E o boleiro? E as carroças? e os domingos?  
E as enxadinhas? E os calçamentos?

Fileiras delas são eradas em mais de século.  
Faltando uma aqui, outra ali e outra acolá.  
“Cadê a que existia à minha frente?  
E a do Passo da Paixão? Onde está?”

Ruma de meninos brincavam de pique.  
Bem à frente da venda, nas dobras das esquinas.  
Lá ficava o pique. Contagem chegando a vinte...  
Esparrodavam-se todos. Meninos e as meninas.

Nos largos, cirandas, bandas e quadrilhas.  
Nas ruas, revoltosos, tapuiada e congados.  
Nas praças, missas, fogueiras e leilões.  
Nos becos, assombrações e namorados.

Nas ruas ofereciam céu de papagaio, chão molhado para finca e largueza para o pião.  
Nos quintais, as frutas, os bailados, jogo de baliza e cozinhado.  
Às mães, varandas, aconchego, bordados, beijos e afagos.  
Aos pais, os negócios. Compra de ouro, de tropa e venda de gado.

Assistiram aos nascimentos de gentes, aconchegaram mães.  
“Cadê todos? O povo? Os vendedores?”  
Os que ficam logo somem. Se vão, nunca voltam!  
Sumiu a gentama da cozinha e a algazarra dos corredores.

<sup>1</sup> Membro da ALNM desde 2006 ocupando a cadeira cc patrono Gastão de Deus Vitor Rodrigues.  
Engenheiro Eletricista pela UFMG, Autor dos livros Sertão Chapada e Vão e Toada

“Padres, prefeitos e professores onde estão?  
Moravam aqui. Aqui e acolá.  
Soldados, juízes, coletores e boiadeiros onde?  
Fogões de lenha ainda os há?”

“E as cisternas do de beber de todos?  
Poços e sarilhos cá ainda estão.  
Canteiros ora embatumados.  
Sem tomates, alface nem almeirão.”

Aguardam procissões, serenatas, carros de bois, carroceiros e enxurradas.  
Altivas, olhares para cima e para frente, resistem a esse desdouro.  
Querem notícias daquelas crianças, daquele enfermo, de velhos enfermos.  
Sonham com vendedores de lenha, de galinhas, de verduras e de ouro.  
Vigiam ainda a vinda de algum estafeta com cartas e telegramas.  
Alguém para receber? portas não se abrem; mesmo que se insista.  
Sem remetente, sem destinatário.  
Ainda há correios? há ainda telegrafista?

Cópias de velórios e câmaras ardentes se fizeram. Milhares!  
Como os séculos, a vida se vai; sem remédio.  
Mas, velhas casas não piscam. Essas não cansam, não morrem!  
Ainda mais belas, velam o barulho do silêncio e a algazarra do tédio.

Chaminés fumegavam depois das quatro;  
Depois das seis, fumo não mais havia.  
Vinha a luz da bola de cera, do lampião e do pavio.  
Dentro de todas ouvia-se um Pai Nosso e uma Ave Maria.

“Você que chega, não sei de seu gosto; escolha uma de nós de seu agrado e entre.  
Logo no corredor, baque no peito! Muita emoção! Como um potro chucro, trotará o seu  
coração.

Encoste no fogão e feche os olhos. Sinta o calor e escute o bater de panelas e o som de  
frituras.

Será linguiça? Pode ser charque, abobrinha, suã ou feijão! ”

Como um longínquo coral, conhecidas vozes açoitarão seus ouvidos.  
Não abra os olhos, não as verá; dois séculos o veneram nesse hino.  
Seguindo o aroma de velhos armários, alcance os quartos.  
Recoste-se. Adormeça. Salve essa saudosa casa! Volte a ser aquele menino.

## CIDADE AMARELA

Moacir Correia Guimarães

Paracatu nasceu do nada  
No meio deste sertão...  
Foi aqui que um minerador  
Encontrou ouro de aluvião  
O metal era extraído  
De forma artesanal  
Era um trabalho sofrido  
Tocado de forma brutal  
Com apenas três escravos  
A extração começou  
Tinham poucas ferramentas  
Mas mesmo assim avançou  
O José Rodrigues Froes  
Era um homem sonhador  
Que veio de São Paulo  
Para aqui ser minerador  
Cinco anos depois de aqui chegar  
Saiu para procurar diamantes  
Partiu para Diamantina  
Acompanhado do Caldeira Brant  
O bandeirante foi embora  
E também o minerador.  
Outros exploradores chegaram  
Em busca de prosperidade;  
O comerciante, o fazendeiro  
E também o mercador.  
Fizeram crescer a cidade.  
Nela há clubes e praças,  
Tem sobrados e casarões  
Com fachadas bem pintadas  
E também com Janelões.  
Uns janelões possuem travas  
E outros só taramelas,  
Nas varandas, vasos com flores  
Geralmente de cores amarelas.  
A rua Dr Seabra e a Rio Grande do Sul  
São duas vias paralelas,  
Que se encontram na Praça Santana  
Onde tem plantas e flores belas.  
Em um extremo está a igreja  
E no outro está o sobrado,  
Primeira edificação de alvenaria  
Que deixa o turista encantado.

Nos primórdios tempos do garimpo,  
Ali começou a cidade  
Que foi crescendo e crescendo  
Com muita prosperidade.  
Na rua Rio Grande do Sul  
Existe um casarão,  
Nele mora a minha ex-professora  
Sra. Maria da Paixão.  
Essa casa grande fica na esquina  
Do lado do beco tem um portão  
Lá na frente ao lado da janela  
Está afixado um brasão.  
Assim como na Itália  
Dançam a famosa Tarantela  
Aqui são danças folclóricas,  
Praticadas por crianças, homens e donzelas.  
O Grupo da Caretada tem a sua temporada  
Na época das Festas Juninas  
Ele começa a jornada.  
Visita casa por casa  
Levando animação  
Cantando, dançando e tocando  
Sanfona, pandeiro e violão.  
Na rua Dr Seabra  
Tem uma famosa Academia  
Que funciona em um sobrado  
Com expediente noite e dia.  
Ela tem um Anexo, que foi todo reformado.  
Preservando a arquitetura  
Mas fizeram nova pintura  
Em um tom mais realçado.  
A parede é de uma cor  
Diferente das janelas  
Que em estilo emoldurado  
Contém a cor amarela.  
Ali no Largo da Jaqueira  
Existe a Casa de Cultura  
Alguns casarões imponentes  
De formosa arquitetura.  
Trouxeram de Portugal  
Esse estilo europeu  
Que aqui ficou preservada  
Passou-se o tempo e não corrou.

Na faixaada do casario  
Situado no Centro Histórico  
A arte está arraigada  
O que faz-me ficar eufórico.  
Cores variadas tu verás  
Se observares as portas e as janelas  
Que na composição da pintura  
Está a cor amarela.  
E as flores da Praça do Rosário?  
- Como são belas!  
Mesmo em formatos diferentes  
Agora no outono, são todas amarelas.  
É mais do que convincente  
Que a cor oficial de Paracatu  
É e sempre será amarela.  
Nos quintais, nas casas, nas praças  
E até na nossa bandeira contem ela.  
Paracatu é amarela.  
Por causa do ouro de aluvião  
E por causa das flores que aí estão  
Uma coisa confirma a outra  
Tem amarelo até no chão.  
Nas vias públicas tem essa cor  
Da qual tenho falado  
Marcando o sentido do trânsito  
Identificando cada lado.  
No vai e vem da rua  
Com seu leito demarcado  
E pintado com faixa amarela  
Tudo com muito cuidado.  
É fácil de enxergar, andando pela cidade  
Belezas por todo lado  
Que causa ao transeunte  
Muita emoção e felicidade.  
Vêm os que andam a pé  
E também quem de carro andar  
Só precisa prestar atenção  
E deixar de lado o celular.  
Paracatu é lindíssima!

Podes crer, não é balela  
Tem flores por todo lado  
Azuis, brancas, vermelhas e amarelas.  
Existem vários motivos  
Para gostar desta cidade  
Quem vai embora daqui  
Logo sentirá saudade.  
O povo Paracatuense  
É muito hospitaleiro!  
Cativa logo quem chega  
Mesmo sendo um forasteiro  
Aqui tem bolo de domingo  
E também a desmamada  
Tem o saboroso pão de queijo  
Que tem marca registrada.  
Paracatu; capital do noroeste mineiro  
Segundo o Zé Fernandes,  
Nosso grande locutor  
É também a Capital  
Do delicioso Pão de Queijo  
Devido ser tão saboroso.  
Pão de queijo igual ao daqui  
Não existe em outro lugar  
Quem dele nunca provou  
Quando comer vai gostar  
Cidade de pessoas cultas  
E de grande sabedoria  
Poetas, poetisas, escritores,  
Artesãos, artistas e professores  
Incluindo nesse rol  
O saudoso Pero Botelho  
Graduado em filosofia.  
O que eu vou perguntar  
Alguém pode me responder?  
Porque esta Cidade é bonita  
E muita gente não vê?

29-04-2021

## ESSA MEIA IDADE

Nathasha Alvares da Silva Campos

Ando tão leve...  
Diminuí o passo,  
Olhei além,  
Que vida breve...

Meia idade...  
Desci do salto,  
Despi-me,  
Andei pela cidade...

Talvez mais bonita...  
Tirei a máscara,  
Não temo o julgamento,  
Ah! Essa meia idade!

Segui meu rastro...  
Senti o coração mais forte,  
Joguei fora o cansaço,  
Confeccionei meu próprio mastro...

## BURITI SOLITÁRIO

Dilma Inês Lucas<sup>1</sup>

Por esses campos limpos  
Alço voo nas asas das últimas aves  
O que já foi cerrado, agora amplidão  
Dessas matas foi-se quem guardava as chaves  
Foi-se para longe, resta a casa que se destelha  
Já não guarda histórias, retrato da desolação  
O que era de muitos, agora só um dono  
À mãe o filho pergunta: "o que é árvore, o que é abelha?"  
O Rio da Prata, de tão fraco, caiu no sono  
As flores pisoteadas, ipês soterrados  
A cana tão doce estrela  
Silêncio! Mudos estão os grilos  
A reza já não é tão profícua  
Lá no limite do horizonte longínqua vereda  
No mais, é nada, nada, nada  
Uma cachoeira em meus olhos se aloja  
Milho, girassol, sorgo, soja, leda safra  
O que fizemos contigo, oh mineiro noroeste?  
Despimos-te das verdes vestes, demos-te roupas douradas  
Extensas chapadas desnudas, raízes de solidão  
A seriema com seu canto triste, motosserra com lâmina em riste  
Tratores. Tronco trespassado. Grande dor  
Para garantir seu salário, o homem tomba o buriti solitário  
Com as águas dos meus olhos e a poeira desses caminhos: meu último pergaminho.  
Por sorte escrevo, esse é o único jeito de adiar a morte.

<sup>1</sup> Dilma Inês Lucas da Silva nasceu em 12/09/1965 em São Gonçalo do Abaeté MG. Estudou na escola Martinho Matos, no Ginásio Zico Mendonça e na escola Normal São Gonçalo. Com 18 anos mudou-se para Brasília. Formou-se em Psicologia e trabalhou por 32 anos na área da educação. Aposentou-se como professora e hoje se dedica a escrever crônicas, poemas e contos em suas páginas nas redes sociais e a fazer saraus e contar histórias em escolas e instituições. Publicou dois livros de crônicas e poemas: "De dentro de mim e de Minas" e "Entre caminhos, jardins e afins". Participou de alguns concursos literários e várias antologias. Seu blog de escritora é Dilma Inês Lucas- crônicas e poemas (Facebook).

## A CRONOLOGIA DO TEMPO

Teresinha Machado Guimarães Caixeta<sup>1</sup>

Vivi parte da vida em *cronos*  
Num corre-corre sem fim  
Reclamava que o relógio

Não dava tempo para mim.

Tornei-me refém das horas.  
Do cronômetro não me esquecia.  
Vivi da temporalidade.  
Muitas críticas recebia...

Decidi silenciar-me  
Ouvir a voz do coração  
Para no *kairós* experimentar  
A doçura da graça e do perdão.

Aprendi que a plenitude de ser  
traduz-se em experiência  
de paz e felicidade.

O tempo vivido em *kairós*  
Trouxe-me o estado de graça.  
Hoje, a reflexão cinge minha vida.

Acabei por descobrir:  
sou filha de *cronos*  
e vivo na condição *kairós*.

Aposentada, para não cair na rotina  
Afago meus sonhos latentes  
Reverencio minh'alma decidida.

Bendigo a Deus e ao tempo  
Em que aprendi ser feliz.  
Nas mudanças encontrei Sabedoria!

<sup>1</sup> Teresinha Machado Guimarães Caixeta- nasceu em Vazante/MG e reside em Uberlândia. cursou Letras na Universidade Federal de Uberlândia. É contista, poetisa e cronista, tendo publicado seis livros e participado de trinta e quatro coletâneas literárias. É membro da Academia Leonística Mineira e Brasileira de Letras, Academia de Letras do Noroeste de Minas, participa do coletivo Literário Mulheres Maravilhosas de Campos dos Goytacazes/ RJ.

## OS FILHOS

Teresinha Machado Guimarães Caixeta<sup>1</sup>

Filhos são raios de luz  
são pérolas preciosas,  
amor que conduz  
a outonos venturosos.  
Todos os filhos meus  
são estrelas reluzentes:  
alma, coração,  
corpo e mente.  
Se sonham com o amanhã,  
seus sonhos são latentes.  
Após as flores primaveris.  
são os frutos. Que presentes!  
Filhos, corbelhas de flores,  
de tantos encantos,  
plenitude de amores.

51

<sup>1</sup> Teresinha Machado Guimarães Caixeta- nasceu em Vazante/MG e reside em Uberlândia. cursou Letras na Universidade Federal de Uberlândia. É contista, poetisa e cronista, tendo publicado seis livros e participado de trinta e quatro coletâneas literárias. É membro da Academia Leonística Mineira e Brasileira de Letras, Academia de Letras do Noroeste de Minas, participa do coletivo Literário Mulheres Maravilhosas de Campos dos Goytacazes/ RJ.

## DE BOCA FECHADA

Teresinha Machado Guimarães Caixeta<sup>1</sup>

Em visita a uma família conheci há meses Constância, que segundo relatos, sempre gostou de assuntar. Escutou aqui e acolá, até que um dia assuntou demais... Curiosa, quando percebeu a chegada do compadre Neca Brioso em sua casa, postou-se atrás de um grande armário azul, que fazia meia parede entre a sala de visitas e a de jantar. Seu marido recebeu o visitante com galhardia, visto ser ele um amigo do peito e seu confrontante de terras.

Constância ficou a bisbilhotar o assunto dos dois senhores; fazer o quê, se não confiava nem um pouco em seu marido, menos ainda, se estivesse naquela companhia. Mesmo assim, permaneceu ali, atenta ao desenrolar da conversa, por uma hora. Deveria, no entanto, ter colocado a mesa. Afinal, a um compadre tão bem-vindo, não se aconselha servir um simples cafezinho, já que Constância era quituteira prendada. Parece que se envolveu com a trama, a ponto de se esquecer as suas obrigações; só sei que do episódio relatado por Brioso, não perdeu nenhuma vírgula. E olha que histórias horríveis!

Pasmei! Disse indignada ao esposo Inácio Lenga-Lenga. Tanto tinha Constância de determinação, quanto de teimosia. Contaram-me que ninguém jamais conheceu uma pessoa de tão difícil relacionamento. Brigona com a filha, o marido; e os vizinhos então, tinham um pé atrás... Com os familiares, só intriga! Maricota, sua ajudante de cozinha, gostava de comentar: “ah, dona Tancinha é fogo! Osso duro! É como dizem: não engole sapo mesmo!

Lenga-Lenga, homem inseguro, sem opinião própria, um autêntico “maria-vai-com-as-outras”, quando viu Constância parada ali, disse: “bonito, muito bonito! Ficou a escutar nossa prosa e não fez a sua obrigação! Sirva logo o café, que o meu compadre tem pressa. Afinal, não poderá atravessar a Floresta do Lobo à noite, por ser escura e perigosa”.

Constância deu com os ombros e balbuciou: “e à espera de um diabo deste naipe deve ter lobos de muitas espécies...”

<sup>1</sup> Teresinha Machado Guimarães Caixeta- nasceu em Vazante/MG e reside em Uberlândia. cursou Letras na Universidade Federal de Uberlândia. É contista, poetisa e cronista, tendo publicado seis livros e participado de trinta e quatro coletâneas literárias. É membro da Academia Leonística Mineira e Brasileira de Letras, Academia de Letras do Noroeste de Minas, participa do coletivo Literário Mulheres Maravilhosas de Campos dos Goytacazes/ RJ.

Neca Brioso veio entrando pela casa, ouviu a fala e replicou: “é comadre, destas feras, o Nequinho aqui morre de medo. Mas, medo pra valer, eu tenho é da língua de certas madames, que se escondem para assuntar as visitas!...”

Enquanto falava, Brioso mirava Constância de cima em baixo. Arriscou um comentário: “parece que a senhora está trêmula e embasbacada?!” “Presta atenção, comadre, se a senhora pretende durar mais uns tempos, fecha a matraca e só abra para dizer: sei de nada não!”

Enquanto isso, levantou a fralda da camisa para mostrar-lhe uma arma enfiada no cós da calça. Lenga-Lenga fez-se de cego, surdo e distraído. Entrou rapidamente no banheiro.

Constância humilhada abaixou a cabeça, bambeou as pernas amarelou e nada disse. Cuidou de sentar-se depressa. Seu medo naquele instante foi de nunca mais poder ficar assuntando por atrás do armário. Sua revolta, a de não responder à altura o desacato do compadre Brioso.

O tema da conversa dos “amigos” havia transitado entre a valentia e a coragem, na expulsão dos invasores de suas fazendas, fato não poderia nunca ser comentado fora dali.

E agora, questiono: onde foi parar o respeito à mulher e aos menos favorecidos? E a consideração, o direito de expressar? Já a Constância diz que uma coisa é certa: “em boca fechada não entra mosquito”.

**CARRO DE BOIS****Maria do Socorro de Melo Martins (Help)<sup>1</sup>**

Em dias idos, lá no alto da serra, seu pai, homem austero de costumes antigos, lhe disse: “vá, atrela os bois no carro de boi maior, põe tudo o que você vai precisar nos primeiros dias e pode descer a serra. Depois, quando tiver uma folga, você volta pra buscar mais coisas.”

54

Foi assim que o meu pai se lançou, na sua nova vida de casado.

Seus principais pertences couberam em um carro de boi que, entre um buraco e outro, da velha estrada de terra, seguia se contorcendo, pesado, numa toada lenta, que se fazia menos monótona quando o som, que saía das suas engrenagens, ecoava pelo sertão a dentro.

Vida difícil, sim. Desanimo, não! No peito, uma vontade enorme de abrir picada, assentar morada e começar vida nova.

---

<sup>1</sup> Especialização em Cultura e Arte barroca pela UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, professora universitária, autora de estudos sobre o Teatro Philodramático de Paracatu; Cinema e Teatro; e Patrimônio Material e Imaterial de Paracatu.

## TEMPO

Maria do Socorro de Melo Martins (Help)<sup>1</sup>

Tempo,  
por que não paras  
naquele momento?

Por que segues assim,  
tão decididamente  
e tão definitivamente?

Como ousa,  
tão desrespeitosamente,  
marcar minha pele com suas pegadas impiedosas?

Tempo,  
como consegues, muitas vezes  
sumir no esfumaçado de uma memória vã?

E ao mesmo tempo,  
impregnar com imagens tão nítidas  
o tempo presente

Sigo firme ao seu lado,  
marcando também sua pele  
com minhas pegadas ancestrais

---

<sup>1</sup> Especialização em Cultura e Arte barroca pela UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, professora universitária, autora de estudos sobre o Teatro Philodramático de Paracatu; Cinema e Teatro; e Patrimônio Material e Imaterial de Paracatu.

**A CACHOEIRA DA FAZENDA****Maria do Socorro de Melo Martins (Help)<sup>1</sup>**

Aquela era uma das raras noites em que eu dormia ansiosa. Mas, era uma ansiedade feliz por saber que no dia seguinte faria minha aventura preferida.

Me enfiava embaixo das cobertas macias de algodão com cheiro de ferro a brasa e deitava a cabeça no travesseiro, que exalava um doce aroma da Macela seca, colhida no cerrado e exposta ao sol para desidratar e então encher os travesseiros. Delicadezas e amores da minha mãe.

Minha mente, inquieta, já adiantava parte de tudo que eu viveria durante o dia seguinte. Pensava até na delícia de ter que tomar um café da manhã mais reforçado, pra enfrentar tudo aquilo que fazia meu coração ficar enorme dentro do peito. E, como num passe de mágica, dormia que nem percebia.

E os primeiros raios de sol penetravam, mansamente, pelas fendas das velhas telhas de barro, sustentadas por ripas e caibros de madeira com suas formas sinuosas. Preguiça de levantar, não tinha. Com os olhos ainda pesados, meio dormindo, meio acordados, saí da cama com as mãos em busca das roupas que já estavam separadas em cima da caixa-grande de madeira, encostada na parede de adobe. Me vesti com agilidade e calcei as botinas, daquelas bem matreiras mesmo, parecidas com as que o meu pai usava. Aquilo me causava um misto de orgulho e poder, usar botinas parecidas com as do meu pai.

Nunca era tão rápida pra lavar o rosto e escovar os dentes. Mal penteava os cabelos, deixando-os meio em desalinho, aguardando o momento de por um chapéu.

E lá estava eu, comendo um ovo quente, de clara branca e gema vermelhinha e cremosa. Depois, uma banana caturra, coberta com uma fatia de queijo meia cura, que punha na chapa do fogão a lenha pra assar derretendo o queijo e formando uma crosta crocante deliciosa. E, pra acompanhar, um copo de leite quente com café e biscoito de polvilho, peta.

Era eu, minha irmã e meu irmão. Ele, junto com o vaqueiro, cuidava de arrear os cavalos. O meu era pampa, vermelho com branco. Lindo! Gostava até do cheiro dele. Montamos, os três e fomos rumo à cachoeira grande. Ficava pros lados de um lugar chamado “Água doce.”

Mais adiante logo avistávamos Antônio, montado em seu cavalo tordilho. Os cabelos negros e fartos aparecendo debaixo de um velho chapéu de palha, com um baita sorriso no rosto, deixando à mostra dentes impecavelmente brancos. Era agregado do meu pai. Nosso companheiro, nessa maravilhosa aventura de ir à cachoeira.

E era mesmo uma aventura. Chegávamos e amarrávamos os cavalos à sombra das árvores que ficavam no topo da cachoeira e dali já conseguíamos ouvir o barulho das águas, que caíam em abundância de uma altura considerável.

Antônio ia logo desamarrando, da cabeça da cela, uma corda comprida. Daquelas de couro trançado, manchada e maleável de tanto uso. Servia pra amarrar nos troncos das árvores,

<sup>1</sup> Especialização em Cultura e Arte barroca pela UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, professora universitária, autora de estudos sobre o Teatro Philodramático de Paracatu; Cinema e Teatro; e Patrimônio Material e Imaterial de Paracatu.

pra que pudéssemos segurar e descer na parte mais difícil da ribanceira. E quanto mais descíamos e nos aproximava, mais o barulho das águas ia aumentando.

Quando chegávamos à beira do poço e nossos olhares alcançavam o seu centro, de tão profundo, percebíamos ser de um verde mais escuro, quase negro. A queda d'água, de tão alta, provocava ondas quando caía naquela maravilhosa piscina natural.

E nós quatro ali. Eu, minha irmã, meu irmão e Antônio, puramente felizes, desfrutando aquele lugar. Pulando das pedras, mergulhando, nadando contra o vento forte, cheio de gotas d'água, que batiam em nossas caras. Isso, pra gente, era uma felicidade suprema.

No início da tarde a fome batia no estomago vazio, o aviso de que era chegada a hora de voltar pra velha e aconchegante casa da fazenda.

E quando, logo cedo da noite deitávamos, maravilhosamente cansados, ainda conversávamos uma coisa ou outra, por cima das meias paredes do corredor. daquelas paredes que não chegavam até o telhado rompendo, carinhosamente, a privacidade entre os quartos.

Quem dormia por último, ainda conseguia ouvir o respirar profundo do outro no quarto ao lado.

**HOMENAGEM AO RESTAURO DO CASARÃO DA ACADEMIA DE LETRAS****Maria do Socorro de Melo Martins (Help)<sup>1</sup>**

Era um casarão imponente. Daqueles que, quem olhasse logo pensava “ali mora gente importante, gente de posses”.

Pois é, naquela época, só quem era dono de posses, podia morar num casarão daquele tipo, de janelões, uma com duas folhas de madeira cega e a outra quadriculada de vidros em guilhotina.

O assoalho de tábuas corridas, rangendo sob o caminhar dos passos rumo aos cômodos largos de paredes de adobe, sempre a meia luz.

Famílias que viviam, no vai e vem das fazendas pra cidade, traziam de lá (das fazendas) um substancioso sustento básico, carne de lata, queijo curado, rapadura, milho verde, abóbora de peçoço, ovos caipira, leite, daqueles tão puros que, formando uma densa nata, ficava uma delícia encima de um bom pedaço de goiabada.

Mas, a vida é assim, segue seu curso, como um rio que, em movimento constante, vai por tantos e desconhecidos caminhos que só Deus sabe onde vai dar.

Muitas fazendas já não têm mais os mesmos donos. Muitas famílias já não têm mais os mesmos filhos. Muitos filhos já não têm mais os mesmos pais.

Aquele mesmo casarão, que um dia serviu de morada, abrigou, também, à outra serventia.

Hoje, quem ali mora é a cultura. A cultura das famílias das fazendas, a cultura da gente da cidade pequena, a cultura espontânea e a cultura erudita de um país inteiro.

E o casarão continua lá, (continua aqui) imponente! Agora, abriu suas portas almofadadas e janelas em guilhotinas para os ventos surpreendentes das letras das escritas criativas e científicas.

Hoje, vaidosa, de roupa nova, como se fosse para ir à missa numa manhã de domingo, orgulhosa ela se mira no espelho.

Ela é a Academia de Letras do Noroeste de Minas.

<sup>1</sup> Especialização em Cultura e Arte barroca pela UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, professora universitária, autora de estudos sobre o Teatro Philodramático de Paracatu; Cinema e Teatro; e Patrimônio Material e Imaterial de Paracatu.

**ACADEMIA DE LETRAS, MAIS RICA DO QUE NUNCA****Ruth Brochado Ferreira<sup>1</sup>**

Ela, a ALNM, deu uma alavancada como antes nunca visto. Suas confradeiras são mulheres corajosas, sábias, determinadas, realizando todos os trabalhos com afinco e, melhor, realizando-os voluntariamente. Posso aqui, sem nenhum temor, citar três delas (representando toda a Academia): Coraci Neiva, a matriarca da Academia; Dra. Hellen Ulhoa, que, com tantas subidas e descidas, conseguiu manter vivas as chamas das letras; e, por fim, a Dra. Daniela Prado, atual presidente, que, com o mesmo entusiasmo, deu novo impulso e uma nova roupagem à nossa Casa das Letras.

E a Academia recebe agora novos membros e continua sua jornada, ora por caminhos íngremes, ora por estradas planas, mas com a mesma força, coragem e determinação, contaminando todos para que, juntos, possam continuar com o mesmo brilho, sem deixar que o desânimo e a falta de fé ofusquem esse brilho conquistado por todos seus membros.

<sup>1</sup> Ruth Brochado Ferreira, filha de Gracindo de Moura Brochado e Lídia Carlos de Moraes Brochado, com mais 17 irmãos. Casada com Florival Ferreira com uma família de + 06 preciosas pessoas: Marília&Fred/Cecília&Aldo, Afonso e Vicentino (Alice, in memoria).É professora aposentada, com curso superior em Pedagogia, pós graduada em Direitos Educacionais. Uma vida longa na arte de representar, com várias apresentações teatrais. Hoje é contadora de histórias e oficina em parceria com a Berenice Nascimento. É também grande parceira da Academia de Letras. Profeça a fé Cristã e congrega na Quarta Igreja Presbiteriana da Vila Mariana.

VIAJANDO NAS ENTRELINHAS DOS ESCRITORES

Ruth Brochado Ferreira<sup>1</sup>

60

O arraial espairecia  
 Sob as frondosas árvores: plácido descanso  
 No pretérito tempo.  
 Coral de passarinhos  
 Cantilena de cigarras.  
 (Maria José G. Santos (Zequinha))  
 Cidade pequena... Ruas pequenas...  
 Ideias pequenas...  
 A monotonia  
 Ideias pequenas  
 Vidas apequenadas.  
 (Branca Botelho)

Mas... verás que um filho teu não foge à luta...  
 Em busca de um homem por uma razão de viver  
 O renascimento da esperança...  
 (Tarzan Leão)

Restaurando o gosto de andar por suas tortas ruas,  
 Recolocando coisas nos seus lugares: as velhas pedras,  
 As velhas casas, seus velhos postes...  
 (Adriles Ulhoa Filho)

Porque você foi e será sempre o meu grande amor! ... Você foi a coisa mais linda que me aconteceu, pois em Paracatu procuro me refazer, buscando sempre uma vida de aventura, jogando com a sorte em busca de emoções, esse era o Duque de Unai.  
 (Petrônio Costa)

Nós somos a vida que se despede todos os dias.  
 Viver a alegria, viver o momento fugidio.  
 Viver o compromisso, o trabalho, a porfia,

<sup>1</sup> Ruth Brochado Ferreira, filha de Gracindo de Moura Brochado e Lídia Carlos de Moraes Brochado, com mais 17 irmãos. Casada com Florival Ferreira com uma família de + 06 preciosas pessoas: Arília&Fred/Cecília&Aldo, Afonso e Vicentino (Alice, in memoria).É professora aposentada, com curso superior em Pedagogia, pós graduada em Direitos Educacionais. Uma vida longa na arte de representar, com várias apresentações teatrais. Hoje é contadora de histórias e oficinaira em parceria com a Berenice Nascimento. É também grande parceira da Academia de Letras. Professora a fé Cristã e congrega na Quarta Igreja Presbiteriana da Vila Mariana.

Viver a arte, o paradoxo do nada, a angustia do dia a dia.  
(Zenóbia Vilela Loureiro)

E assim são as vidas vividas em Paracatu, que nos fazem crescer muito interiormente.  
(Marcos Spagnuolo)

Pois na vida quase tudo é uma repetição, como se fosse uma coincidência.  
(Antônio Pimentel)

Nos voos, fatos e imaginação como já dizia o nosso querido Chico Prista.  
(João Fontelles Calmon)

E na harmonia oculta, a luz e a pena.  
Pena – luz, luz plena!  
Nas asas da utopia.  
(Eugênio Santana)

Mas... ninguém pode viver pelos becos da vida, sem memória ou história.  
(Oliveira Melo)

Por isso meu Córrego Rico, caminho dos bandeirantes...  
És rico hoje... tão rico como eras antes...  
Assim, deitado em minha rede, balançando em minha rede  
Às vezes fico... revolvendo tempos, cenas, pessoas e fatos  
Ocorridos às suas margens, meu saudoso Córrego Rico.  
(D' Paula)

Há... mas lá era uma Vila morena toda enfeitada de penas  
Nos congos, nas tapuiadas; negras desciam das calçadas  
Nas noites enluaradas.  
(Lavoisier Albernaz)

Porque não é bela somente a mulher loura de longas  
Madeixas, mas negra e bela é também a mulher  
Negra dos cabelos enroladinhos como corações  
Pequeninhos.  
(Benedita Gouveia Damasceno)

Enquanto Paracatu e o Brasil viviam um momento de transformação, justiça seja feita aos membros do Toco do Pecado: eles sempre praticaram uma fofoca democrática, falavam e ainda falam do rico e do pobre, do bonito e do feio, do poderoso e do desvalido, do religioso e do ateu, de tudo e de todos, enfim.

(Florival Ferreira)

Mas hoje ela é dona do zinco! Vem passageiro, vem cá!  
Temos para dar, ouro também no baú, tem muita coisa  
Pra ver, quem vem a Paracatu.  
(Lavoisier Albernaz)

A Academia de Letras do Noroeste de Minas procura resgatar a história subjetiva narrada por um historiador, muito objetivo por sinal, que é o pai de nossa história.

(Coraci Neiva)

62

Mas eu queria ver essa cidade como antigamente,  
Como antigamente.  
Eu queria ter o imenso prazer de andar por essas ruas,  
Se ainda fossem calçadas de pedras, calçadas de pedras.  
Eu queria ver jorrar nos becos velho chafariz,  
Velho chafariz.  
Eu não sei se meu canto será ouvido, ou se  
ao menos terá repercussão, eu só sei ser  
minha forma de lamento e só digo o que  
diz o coração, mas eu sei que com ele faço  
coro, ao desejo de cada cidadão, a vontade de um ontem  
como hoje, vielas, nobres casarões.  
(Adailton Silva (Didi))

## AS ESPERAS DECISIVAS

Nágela Caldas<sup>1</sup>

63

Pernas cruzadas em cima da mala de mão. Marina estava cansada da longa viagem que começara no início da tarde. Dois voos no total. Longas esperas em aeroportos. No segundo aeroporto, pôde ver o sol se pondo no horizonte que se transformou com as cores vibrantes de nuances laranja e rosa. Sempre com a mente borbulhante em mil pensamentos, Marina se permitiu apenas observar as mudanças da natureza à sua frente, pelas vidraças das enormes

<sup>1</sup> Nágela Caldas, é jornalista, paracatuense, membro efetivo da Academia de Letras do Noroeste de Minas e reside nos Estados Unidos há 12 anos.

janelas. Numa observação passiva, livre de julgamentos, contemplou a lua cheia que surgiu radiante e sem pudor, brilhava como é, sem pedir licença.

O vai-e-vem das centenas de passageiros não foi capaz de tirar a concentração daquela mulher que continuava com as pernas cruzadas sobre a mala de mão. Percebeu o quanto os movimentos da natureza podem lhe ensinar. Fazia tempo que não contemplava o cair da noite. Por alguns minutos se viu sem o peso de decidir sobre o rumo que daria à sua vida assim que chegasse ao seu destino.

Em um devaneio, pensou: “seria muito bom se fôssemos como a lua e espalhar o nosso brilho por aí, sem culpas ou medos de ofuscar outros. O universo é grande, é possível que muitas outras luas o habitem também”, pensou Marina, num relampejo de ideias aleatórias, sem propósito definido.

Voltou à realidade do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Parece mesmo um grande universo, um pedaço do Brasil concentrado em um só lugar. Vários sotaques brasileiros se misturavam às outras línguas faladas por ali. Desta vez, Marina preferiu não abrir nenhum dos livros que trouxera em sua mala de mão, como de costume. Não quis mergulhar no seu universo particular como fazia sempre que esperava em algum aeroporto. Buscou observar as pessoas, talvez estivesse à procura de personagens para a sua próxima obra.

Desde que era criança, Marina sempre gostou de ouvir histórias, de imaginar aventuras e de criar finais. Talvez por isso tenha se tornado uma escritora de ficção, ainda que iniciante.

“*Gente é feita para brilhar e não para morrer de fome*”, lembrou de um dos versos de Caetano.

Realmente naquela noite, tempo era o que não lhe faltava. Marina dispunha de mais duas horas para observar e criar histórias para cada uma das pessoas que dividiam o espaço com ela.

Viu pessoas em lágrimas por estarem se despedindo daquelas que ama. Outras, felizes por terem a oportunidade de conhecer novos lugares e, estas conversavam sem parar, com muito ânimo. Muitas correndo por medo de perder o voo. Quantas histórias cada uma delas teria para contar? O trabalho seria o real motivo? O que pretendem esquecer ou abandonar com aquela viagem? Será que vão se encontrar com alguém especial que espera por elas?

Com um pouco mais de atenção teve a oportunidade de ver a expectativa marcada nos olhos das pessoas que estavam próximas mesmo que, por muito tempo, absortas em suas telas do celular.

Uma senhora se aproximou pedindo informações sobre a localização do seu portão de embarque. Carmem parecia emocionada e apreensiva para o seu primeiro voo internacional. Prontamente, Marina a ajudou a chegar até lá, acalmando a senhorinha que estava prestes a embarcar para conhecer pessoalmente o genro e o recém-nascido neto. Aproveitou aquela oportunidade para andar um pouco e continuar a observar aqueles personagens.

Um jovem casal dormia, ela apoiada no ombro dele. Ele, sem qualquer apoio para o pescoço, tentava equilibrá-lo levemente, enquanto cochilava. Era possível ver o esforço do rapaz para não acordar a amada.

Enquanto isso, crianças se distraíam com os seus tablets e celulares, olhinhos paralisados diante das telas, sem ação ou emoção. Tempos modernos e com menos aventuras reais.

Do outro lado, viu o oposto. Um outro grupo de adolescentes, vestidos com camisetas verdes iguais e em excursão. Não paravam de conversar. Os largos sorrisos e risadas frenéticas não deixavam dúvidas de que a Disneylândia era o destino. Quantos sonhos e desejos estavam estampados naqueles rostos juvenis!

O relógio nas telas de embarque indicava que chegara a hora de Marina se encaminhar ao seu portão de embarque. Criou enredos para várias pessoas no aeroporto naquela noite. Mas, neste momento que se dirigia ao portão 45, Marina se deu conta de que realmente estava prestes a tomar as rédeas de sua vida nas mãos. E comprometeu-se a descansar durante as oito horas de viagem ininterruptas, a curtir o caminho do alto. Decidira fazer o que deveria ser feito, sem pestanejar, sem duvidar da sua capacidade de se redescobrir e de fazer o que realmente traz felicidade à sua alma. Afinal, a decisão estava tomada e muito bem resolvida. Marina sabia que aquela era a sua viagem decisiva para encontrar-se consigo mesma, a reescrever um novo roteiro de vida e de apoderar-se das suas vontades. E, coragem, essa velha amiga, nunca lhe faltou.

**BASTOS NÃO VAI À LAPA****Benedita dos Reis Soares Costa**

Seu Bastos. Bastos alfaiate. Figura conhecida por toda a sociedade paracatuense.

Conhecido pela profissão, pela cordialidade ao conviver com as pessoas, pela facilidade de convencimento, pela criatividade e, principalmente por ser frequentador assíduo de um ponto de encontro especial de Paracatu- o famoso Toco do pecado. O Toco do Pecado era frequentado por um seletto grupo de amigos que se encontravam para colocar a prosa em dia. Boêmios, poetas, contadores de casos e, principalmente, conhecedores e propagadores de todos os acontecimentos da cidade.

Era um grupo fechado, composto apenas de amigos e conhecidos. Um novato, até poderia passar a fazer parte do grupo, mas depois de muito tempo de convivência. Quando aparecia um, que não fosse do grupo, todos já sabiam: nenhum assunto importante seria comentado. Nada de novo. Só o trivial: o sol quente, o calor, o frio, a lua bonita, o cavalo que ia correr no prado no próximo domingo, as músicas do momento...

O Toco do pecado ficava ali entre a antiga sede social do Jóquei clube, hoje sede da Câmara Municipal de Paracatu e a casa de Fifico Chaves. Imagine a incoerência: Toco do pecado, justamente, em frente à Catedral Santo Antônio e a Casa dos padres!

Seu Bastos era Alfaiate. Era ele que vestia os homens da nata da sociedade. E quando tinha tempo, vestia, também os homens do “soro” da cidade. Era muito democrática a Alfaiataria de seu Bastos. Bom de papo, prosa solta, sabia “pescar”, e enriquecer as notícias verdadeiras e falsas dos acontecimentos da cidade, principalmente, os “segredos cabeludos” das famílias mais poderosas.

Cada encontro no Toco do pecado era momento propício para passar pra diante toda a resenha da semana: era o filho do fulano que estava namorando, escondido, com a filha da fulana; o compadre do fulano que estava “frequentando” a sua casa, quando ele estava viajando; o fulano que passou a perna de tantos contos de reis no compadre; a filha de Siá Fulana que “saiu de casa”; a Maria de Sô Fulano que estava dançando, no baile, tão colada com o seu par, que entre os dois não passava uma mosca...

Os acontecimentos políticos eram contados aos sussurros, tão “cabeludos e comprometedores”... Ninguém escapava. Até o padre... o Juiz... o Bispo... O prefeito, então, coitado, esse era o que não escapava, mesmo.

A sorte de seu Bastos é que ele era homem. Se fosse mulher... ah, era uma fofoqueira, levantadeira de falso, novidadeira, boca de sapo.

“Eu? imagina! Eu não inventei nada. Estou contando do jeitinho que me contaram”.

Seu Bastos era devoto de N<sup>a</sup> Senhora. Não sei se ele era devoto da Santa ou, apenas, da festança que faziam para a Santa. O certo é que, todos os anos, no início do mês de maio, ele ia a Vazante, cidade do interior de MG, vizinha de Paracatu, para homenagear e, ou, festejar a padroeira da cidade: Nossa Senhora da Lapa.

Ia levando uma lista de encomendas de coisas que os amigos, as comadres, os parentes, os vizinhos pediam para ele comprar nas barracas de vendedores ambulantes que lotam a cidade nesses dias. Isto, sem falar nos de casa que ficavam esperando essa oportunidade para pedir roupas, calçados, coisas para a escola; as filhas moças e suas amigas pediam perfume, batom, enfeites...

Quando seu Bastos voltava da festança, a romaria era na casa dele: pessoas que iam buscar as encomendas; pessoas que queriam saber como foi a festa; pessoas que queriam apenas saber das novidades. E quase todo mundo saía com um agrado.

Em um determinado dia, não sei por quê, ficaram sabendo que seu Bastos não ia à festa de Vazante. Foi um reboiço na cidade. Todo mundo queria saber o motivo pelo qual seu Bastos não ia à Lapa.

E as encomendas? Quem ia comprar os remédios, as “mesinhas”, os tecidos, os aviamentos, as quinquilharias, as bijuterias, as águas de cheiro, os etc. todos que todo mundo tinha costume de encomendar?

E ele tinha que explicar, tim tim por tim tim, a cada um que chegava, o motivo que o impedia de fazer a sua romaria de todos anos.

Estava cansado de ter que contar a mesma história todas as vezes que alguém chegava na alfaiataria dizendo que tinha ficado sabendo da novidade e que queria “passar isso a limpo”.

Resolveu, então, fechar a porta da alfaiataria para não ter que contar a mesma história para todos que chegassem. Mas ficou ruim porque as pessoas, quando encontravam as portas fechadas, começavam a bater palmas ou bater nas portas para chama-lo. Isto, sem falar das pessoas que o procuravam para encomendar algum serviço de costura e saíam sem serem atendidas. Ele estava correndo o risco de perder a freguesia.

Tinha que encontrar uma solução.

Matutou... matutou...

E a solução veio depois de muitas resenhas no Toco do pecado. É. Porque do Toco do pecado saíam, também, ótimos aconselhamentos.

Seu Bastos comprou duas folhas de cartolina (porque uma só, ficava pequena), emendou uma na outra, com grude, e fez um cartaz bem grande com letras garrafais, desenhadas com o carvão que ele usava para riscar os moldes das costuras.

Pregou o cartaz na porta, bem na entrada da alfaiataria.

O cartaz dizia assim:

**BASTOS NÃO VAI À LAPA. NEM ELE SABE O MOTIVO. NÃO INSISTA.**

**AO MESTRE, COM CARINHO****Benedita dos Reis Soares Costa**

Violeta... Leleta... Minha Viola enlutarada

Viver é bom, né? Viver muito, então, é bom demais. A vida é bela. Melhor, ainda, se a vivermos considerando a sua essência - um dom de Deus.

É preciso, portanto, valorizarmos a vida. Pelo que ela nos proporciona, pelo que ela nos dá, e até pelo que ela exige de nós. É para atender à essência da vida que nós lutamos, aprendemos, amamos... Para dar sentido à essa essência é que vivemos.

A vida nos abre caminhos. Ela nos apresenta um leque inesgotável de opções. Cabe a cada um de nós escolhermos o caminho, ou os caminhos que queremos, que devemos ou que podemos seguir.

Vários desses caminhos podem ser escolhidos. O caminho das virtudes: a bondade, a honestidade, a empatia, a fé, a dignidade, a humildade, a justiça, a persistência e outras de igual valor; o caminho da felicidade, da alegria, do bem-estar permanente, da paz interior; o caminho do trabalho, a forma honesta de ganhar o sustento, a forma de servir ao semelhante com o que soubermos fazer; a valorização da família; a consideração com os amigos...

Entretanto, há alguns caminhos que são impostos, muitas vezes, pelas circunstâncias. As condições sociais, familiares, físicas podem impedir uma pessoa de escolher, por exemplo, a profissão, que gostaria de seguir.

Eu fui professora. Não sei se fui eu quem escolheu a profissão ou se foi a profissão que me escolheu.

Naquela época, meninas como eu: pobres, pretas e de roça, só tinham o direito de “tirar o diploma de grupo escolar”. E olhe lá, porque a maioria delas ficava na roça, aprendia mal e mal a ler e escrever e se casava com o filho do compadre aos quinze, dezesseis e, se muito tardasse, aos dezessete anos.

Acho que foi a profissão de professora que me escolheu. E agradeço aos céus por isso.

Exerci a profissão com gosto. Com mais gosto do que com sabedoria. O magistério deu a mim, muito mais do que eu dei a ele.

Ele me proporcionou o convívio direto com a criança; a possibilidade de ama-la e ser amada por ela; de sorver aquele sorrisinho puro e doce, me pedindo carinho, buscando o meu olhar.

Por exigir de mim a busca constante de renovação, o magistério me levou ao estudo, à descoberta e ao uso de novos métodos. Além de me mostrar que eu não estava sozinha, o magistério me proporcionou o gosto pela convivência com pessoas boas, generosas e pacientes que não se furtavam a me ajudar, a me mostrar qual o melhor caminho para se chegar a um objetivo desejado.

Recém-formada, trazendo uma bagagem, relativamente, grande de conhecimento, mas escassa de experiência, me vi envolvida, de cara, com uma turma de mais de trinta alunos de primeira série. Alguns novatos, outros repetentes e eu com a responsabilidade de ensiná-los a

ler e escrever e com o dever de mostrar-lhes o sentido da vida e iniciar a sua inserção na sociedade.

Teria sido um fracasso se não fosse a responsabilidade e a certeza de que, quando se quer, se consegue. E acima de tudo, a presença de uma colega, companheira e amiga que me socorria nos momentos de dificuldade e de dúvida.

Sem querer ser injusta ou omissa com outras colegas que me socorreram também, quero me lembrar, especialmente, de Violeta.

Violeta, Leleta, Viola! Como me ajudou! Minha “Viola enluarada”!

Ela também era professora de primeira série. Experiente, criativa, ótima contadora de história. “Inventadeira de moda!” Conduzia a classe com sabedoria e entusiasmo. Era visível a felicidade dos pequetitos que ela tinha sob seu comando.

A sala de aula dela era ao lado da minha e eu ficava atenta à forma com que ela conduzia os seus alunos e aprendia o jeito, a forma, o gosto que ela imprimia a tudo que fazia com eles. Planejavamos juntas as atividades diárias; confeccionávamos os materiais didáticos e ensaiávamos as músicas, as histórias e as poesias recomendadas pelo Programa de ensino.

O que para mim, nos primeiros meses de aula, foi um desafio dos maiores, passou a ser um gosto muito grande.

Mais tarde, eu tive o prazer de tê-la como professora de meus filhos na primeira série. O mesmo empenho, o mesmo zelo, a mesma disposição. E podia-se ver a felicidade deles quando eu perguntava como foi a aula, o que eles fizeram no dia e quais as novidades que eles tinham para me contar.

O Humberto, meu quarto filho, sempre foi um menino muito esperto, bom aluno e se encantava com Violeta. Em todas as seções cívicas ou qualquer festa que a escola promovia ela arranjava uma “parte” para ele fazer: declamação de poemas, leitura de textos, até discurso, ele fazia. Eu me lembro de uma apresentação que ele e uma coleguinha fizeram em uma festa junina. Ensaçados por ela, eles interpretaram o Desafio - Maricota dos rabichos - que arrancou aplausos do público e teve que ser repetida em vários eventos festivos da escola.

Numa dessas oportunidades em que ele ia apresentar um número, numa festa, ele me falou:

- Mãe, hoje eu tenho que ir na escola ensaiar com tia Violeta uma poesia para a festa do dia de Tiradentes.

- Ah é, meu filho? E você já decorou a poesia? Tem que decorar, viu? Não é bonito a gente apresentar uma poesia, em qualquer ocasião, tendo que olhar no papel.

- Claro que já decorei, sim.

- Então vai meu filho. Vai ensaiar com a tia Violeta. Fala pra ela que eu mandei um abraço.

Quando ele chegou do ensaio eu lhe perguntei:

-E aí, Beto. Como foi o ensaio? Ficou bom?

- Não. Tia Violeta disse que não está bom porque ela ainda não arrepiou. Disse ele todo compenetrado.

- Ah, então é assim? Para ela saber se está bom, ela precisa arrepiar? Perguntei, fazendo-me de desentendida.

- Claro. A senhora não conhece tia Violeta? Tia Violeta é assim, respondeu, pondo fim à conversa.

Ah, meu Deus! Como eu conheço tia Violeta! Conheço mais do que você imagina, meu filho. Fiquei pensando, com os meus botões.

No último dia de ensaio ele chegou em casa feliz da vida e correu para me contar:

- Mãe, estou pronto para a apresentação. Hoje foi o meu último ensaio. Disse ele, todo cheio de si. E completou: Tia Violeta arrepiou.

- Mesmo, Beto? Isto significa que ela gostou? Que bom, meu filho. Então você vai brilhar no dia da festa, né?

Eu disse isso com cara de mãe boba que baba na cria. E mais boba e babona eu fiquei quando ele encerrou o assunto:

-É. Ela faz a gente brilhar.

E aí eu completo ou conserto... Não sei...

-É. Você tem razão, meu filho. Ela brilha, e faz todos que estão ao seu redor, brilharem.

Ah Violeta!!! Minha doce “Viola enluarada”. Como você me ajudou a brilhar!!!

Viver é bom, né?

Principalmente, viver e conhecer pessoas como Violeta.

**BOA NOITE, PROFESSOR!****Benedita dos Reis Soares Costa**

Lá pela década dos anos setenta, do século passado, eu morava no Alto do Córrego, um dos bairros mais antigos e o mais próximo da cidade. Seria parte do centro da cidade se eles não estivessem separados pelo Córrego pobre.

Dizem que quando os Bandeirantes, passando por Minas Gerais, indo para Goiás em busca de ouro, encontraram aqui dois córregos. Em um, o precioso metal era abundante, então deram-lhe o nome de Córrego Rico. O outro córrego não tinha ouro, foi chamado Córrego Pobre, mas passou depois a ser conhecido como Córrego dos Meninos, pois esses brincavam sempre ali.

A rua principal desse bairro é a estrada que esses Bandeirantes abriram quando passaram por aqui. Ela desce a ladeira do bairro, atravessa o Córrego Pobre e dá início ao que ficou conhecido, mais tarde e até hoje, como rua Goiás.

Pela distância, o bairro fica próximo à Escola Estadual Antônio Carlos, uma das escolas mais antigas de Paracatu. É pular o córrego e se encontrar em frente à praça da escola.

A cidade já contava com uma escola particular, noturna que ministrava o antigo curso Ginásial e o curso Técnico de contabilidade. Atendendo a pedido de pessoas da comunidade que queriam estudar à noite, mas não podiam, por motivo de trabalho ou porque não tinham condições de arcar com as despesas de uma escola particular, a Secretaria de Estado da Educação autorizou o funcionamento do curso noturno, nos níveis de 5ª à 8ª séries do antigo 1º grau e criou o Curso científico do antigo 2º grau.

Pois bem. Naquela época eu morava no Alto do Córrego, em frente a uma pracinha, bem no topo do morro.

Era comum, nos momentos em que o ar estivesse parado, de onde eu morava, ouvir tudo o que se passava nas imediações da escola e, às vezes, até, dentro dela. Silêncio era o que não faltava: não tinha barulho de carro nas ruas, não tinha músicas altas em carro de som, não tinha barulho de propagandas... nada que afetasse os nossos ouvidos.

Eu já era Inspectora Escolar, e uma de minhas atribuições, era verificar o funcionamento das escolas, no que se referisse ao cumprimento da legislação dando prioridade ao cumprimento da carga horária, dos conteúdos programados para cada série e das normas disciplinares.

Em uma ocasião, os moradores do Alto do Córrego passaram a ouvir, de tempos em tempos, com intervalo constante, um barulho diferente vindo de dentro da escola.

A princípio, aquilo não incomodou ninguém. Mas, com o passar dos dias e com a persistência do fato em intervalos constantes, os moradores começaram a ficar preocupados. Era um barulho estranho. Um grito festivo, alegre, entusiástico e repetido.

E aí começaram a surgir diversas opiniões. Os mais positivos achavam que podia ser um novo Método de ensino adotado pela escola. Outros defendiam a ideia de que era uma forma de premiar as turmas por algum ato de bom comportamento. Alguém defendia que podia ser,

até, uma forma de os alunos se manifestarem contra ou a favor de alguma coisa. Mas, com essa regularidade? Era estranho porque se tornou repetitivo.

Como sempre, as opiniões divergem, né? Tinha também, aqueles que criticavam argumentando que não era possível a escola realizar um bom trabalho, com os alunos, com uma “balbúrdia” daquelas.

Eu já tinha percebido esse barulho na escola, mas não me incomodei porque não imaginei que fosse alguma coisa que requeresse participação da Inspeção de ensino. A escola era uma instituição muito bem conduzida, contava com uma direção e um corpo docente muito eficientes, não carecia de interferência ou de quaisquer explicações. Cheguei a pensar que poderia ser uma forma que a escola encontrou de atrair mais a participação e ou a atenção dos alunos em algumas atividades especiais. Não cheguei a pensar que aquilo pudesse causar preocupação porque era uma coisa muito rápida.

E o assunto ficou por isso mesmo. Ninguém procurou descobrir o porquê daquele comportamento na escola ou de algum professor ou, até mesmo, dos alunos.

Mas, sobrou pra mim.

A Inspeção de Ensino de Paracatu era subordinada à Delegacia Regional de Ensino de Patos de Minas porque ainda não havia sido instalada a Delegacia Regional de Ensino de Paracatu, hoje Superintendência Regional de Ensino. O assunto, então, foi parar lá. Na Delegacia Regional de Ensino de Patos de Minas.

Numa das minhas idas àquela cidade, para a reunião, mensal, dos Inspectores, prevista no calendário de atividades, fui abordada pela própria Delegada de Ensino que já veio dizendo:

-O que está acontecendo na Escola Estadual Antônio Carlos?

Assustei com a pergunta, mas fiquei tranquila porque confiava na Direção da escola e sabia que se houvesse alguma coisa preocupante, eu já teria sido informada.

-Não sei. Do que se trata? Perguntei sem fazer muito alarde.

-Então você não está sabendo do que está acontecendo na escola? Disse ela, enfática. E continuou: Fomos informados que a escola está apresentando comportamentos estranhos que estão causando uma certa perplexidade na cidade e que já está havendo uma debandada de alunos e professores apavorados com os acontecimentos. A vizinhança da escola já está ficando incomodada sem saber o que está acontecendo lá. E concluiu: E você vem me dizer que não sabe de nada?

Aí eu assustei. Ela falou de uma forma que me fez sentir que eu não estava sendo atenciosa e não percebia o que estava acontecendo ao meu redor.

-Não sei. Não fui informada de nada. Respondi, já meio preocupada.

Eu não podia falar de outra forma. Realmente, eu não sabia de nada. O que eu sabia ou o que eu ouvia não era motivo para tanto. Na verdade, eu nunca tinha ouvido ninguém reclamar ou denunciar desvio de conduta de quem quer que fosse responsável pelo andamento das atividades escolares dessa instituição de ensino.

Falei isso com a Delegada e tentei convencê-la de que não havia nada que demandasse tanta preocupação, mas garanti que quando eu chegasse aqui na cidade, a primeira providência que eu ia tomar era tirar isso a limpo.

Cheguei aqui e, logo no dia seguinte, eu fui fazer uma visita à Escola. Escolhi ir no turno da noite porque era nesse turno que, segundo as informações, estava acontecendo o motivo das denúncias. Fui recebida pela Diretora. Conversamos sobre diversos assuntos: o andamento das atividades escolares, o cumprimento do calendário e da carga horária, a frequência dos alunos, algum problema com professores e, finalmente, falei da disciplina. Perguntei como estava o comportamento dos alunos considerando que a faixa etária era muito diversificada por se tratar de turmas com alunos de todas as idades acima dos quinze anos.

A diretora me informou que não havia nenhuma ocorrência que merecesse preocupação, que alguma coisa diferente que acontecia era normal e que era resolvida com uma conversa, uma comunicação aos pais, etc.

Estava nessa resenha com a diretora quando ouvi o sinal que indicava a troca de horário. Esse sinal indicava que a aula havia acabado e que o professor tinha que deixar aquela turma e dirigir-se a outra para iniciar a próxima aula.

Minutos depois, eu ouvi ecoar de uma das salas do fundo do corredor, um grito alto, sonoro, em coro. Era bem assim: BOOOA NOOOOITE PROFESSOOOORRRRR!!!!!!! Gritado, gritado, gritado... em coro e repetido por três vezes.

E aí, eu vi que era chegado o momento de esclarecer o problema que causou tanta apreensão na Delegada de Ensino e que motivou a minha visita à escola.

Então eu me lembrei do barulho estranho que eu e a vizinhança toda do Alto do Córrego ouvíamos e não sabíamos interpretar.

Demonstrei surpresa e questioneei a Diretora:

- O que é isso, fulana? Que barulho é esse?

Ela viu que eu fiquei assustada e começou a me explicar:

- Ah, Benedita. Essa é a forma com que os alunos acolhem o professor de Matemática. Em cada sala que ele chega, no início das aulas, é recebido dessa forma. Ele dá boa noite, os alunos se levantam e respondem desse jeito que você ouviu.

A Diretora percebeu que eu fiquei surpresa e apreensiva dando a entender que eu não estava satisfeita com a explicação dela. E disse sorrindo:

- Está surpresa, não é? Surpresa e preocupada. Mas, ó, não precisa se preocupar, não. Eu, também, achei estranho, quando aconteceu pela primeira vez e depois foi se tornando recorrente. Mas quando argumentei com o professor ele me convenceu de que foi a forma que ele encontrou para levantar o ânimo da turma.

Aí, ela explicou o argumento do professor:

- Os alunos do turno da noite são adultos e muitos deles, trabalham. A maioria é composta de trabalhadores braçais, empregadas domésticas, mães e pais de família. Pessoas que, normalmente, chegam à escola já cansadas pelo trabalho árduo; atordoadas pelos problemas do dia a dia; sem disposição para participarem de quaisquer atividades que exijam concentração, atenção e raciocínio.

Se o professor não criar condições para solucionar esses problemas; se ele não souber chamar a atenção do aluno para o conteúdo que ele está ministrando; se ele não o “acordar” para aquele momento, torna-se quase impossível ensinar alguma coisa e conseguir que ele aprenda.

Essa foi a forma que o professor encontrou de motivar, de incentivar, de trazer a turma para “perto” dele, e tentar conseguir um mínimo possível de aprendizagem.

A Diretora continuou sorrindo e terminou as explicações:

-É... e não é só isso, não. Quando os alunos vão gritar o “Boa noite, Professor” que você ouviu, eles se levantam e a cada grito eles erguem os braços, com força, como se estivessem dando um murro no ar. Diz ele que é para espantar a preguiça, fazê-los acordar e levantar o ânimo da moçada.

E aí, ela me convidou para esperar o próximo horário para eu ver, de perto, como isso acontecia.

Eu contei a história, mas não falei quem é o seu protagonista.

Então. O autor dessa peripécia era o Professor Gesner. Professor de Matemática.

Professor sério, responsável, competente.

Consciente da importância da matéria e da dificuldade que ela, normalmente, trazia para a aprendizagem, ele usava todos os recursos disponíveis para tornar os conteúdos mais acessíveis à compreensão dos alunos.

Sensível às questões sociais, financeiras e físicas (idade, cansaço, sono) da comunidade escolar; percebendo a necessidade de construir uma dinâmica que tornasse as aulas mais agradáveis, descontraídas e atraentes, o professor se esforçava para criar um ambiente em que os alunos aprendessem, com mais facilidade, as noções mais “difíceis” da matéria. Esse UHHHÁ... foi a forma que ele encontrou. E, parece que deu certo. Ou, pelo menos, está dando certo.

Tive que fazer um relatório minucioso, com o depoimento da Diretoria da escola; depoimento de alunos, vizinhos, professores... e enviar para a Delegacia de ensino.

Pronto. Problema esclarecido, entendido e aplaudido. E, até copiado.

Mas o buchicho continuou. Só depois que os “incomodados” viram que não houve nenhuma debandada de alunos e professores; depois que viram que a escola continuava de pé e sempre bem-conceituada, deixaram de ouvir o “barulho estranho”.

Ah... Professor Gesner!

O que um bom professor não é capaz de fazer para conquistar a confiança dos alunos e conseguir os seus objetivos!!!!

## O DIA EM QUE SARTRE, BEAUVOIR E JORGE AMADO “PINTARAM” POR AQUI

Florival Ferreira<sup>1</sup>

Quem conta é o escritor e historiador Oliveira Mello, na segunda edição do seu livro *As minas reveladas*, seguramente o melhor dentre os seus mais de cinquenta títulos publicados. Logo depois de 1960 e da inauguração de Brasília, passou por uma Paracatu ainda tímida e lírica, a caminho da nova capital, um casal de franceses, devidamente acompanhado por um cicerone brasileiro e um motorista. Os visitantes fizeram uma pausa para um lanche em lanchonete que funcionava junto ao Hotel Walsa, na rua Goiás.

Na oportunidade, manifestaram o desejo de um contato com a representação do Partido Comunista, com o qual tinham ligação histórica mundial, sendo então apresentados ao odontólogo Job Botelho, pai do hoje combativo advogado Heitor Campos Botelho. Conversaram e depois tomaram o rumo de Brasília, exemplo de ousadia e coragem do presidente Juscelino Kubitschek, que encantara o mundo ao erguer a moderna capital no meio do nada. Os visitantes eram Jean-Paul Sartre, ícone do existencialismo, filósofo, escritor e uma das maiores inteligências do século XX, e sua mulher, Simone de Beauvoir, igualmente filósofa e escritora de renome mundial. Além do motorista, ciceroneando o casal atípico, ninguém menos que Jorge Amado.

Sartre, autor de livros reconhecidos em todo o mundo, escrevera diversas obras, como *A náusea*, *O Imaginário*, *O Muro*, *Crítica da razão dialética*, *O ser e o nada* e *Entre quatro paredes*, dentre vários outros. Era considerado o símbolo do intelectual engajado e encarava a literatura como meio de expressão de suas crenças filosóficas e políticas. Manteve durante cinquenta e um anos um relacionamento aberto com Beauvoir, autora de livros como *O segundo sexo*, *A mulher destruída*, *A velhice* e *Memórias de uma moça*. Tal qual o companheiro, era adepta da teoria do existencialismo, cuja principal característica é a liberdade. Em *O segundo*

<sup>1</sup> É funcionário aposentado da Caixa Econômica Federal, bacharel em Direito e jornalista com 42 anos de atuação em diversos órgãos da imprensa de Montes Claros e Paracatu, Minas Gerais. Na área literária, é contista, cronista e autor teatral, com peças e romance ainda não publicados. É cofundador da Academia de Letras do Noroeste de Minas. (Cadeira 31 da ALNM)

*sexo*, por exemplo, ela fala sobre o papel da mulher na sociedade e a opressão feminina num mundo completamente dominado por homens – tema muito em voga hoje em dia.

Pouco anos depois de sua passagem por Paracatu, Sartre, que influenciara pensadores, escritores, filósofos e militantes do mundo inteiro, principalmente os de esquerda, apoiaria uma das maiores mobilizações estudantis do mundo, surgida no icônico *Quartier Latin*, em Paris, no ano de 1968. Antes, ele se recusou a receber o Nobel de Literatura de 1964. Dentre as muitas expressões brasileiras que foram influenciadas por ele, estão a escritora Clarice Lispector, com sua obra *A maçã no escuro*, e o educador Paulo Freire, que cita Sartre na conceituada *Pedagogia do Oprimido*. Até na música brasileira há influência de Sartre, mais precisamente nas canções *Infinita highways* e *Terra de Gigantes* e em todo o disco *A revolta dos Dândis*, dos Engenheiros do Havai.

Em famosa e deliciosa crônica, o poeta Carlos Drummond de Andrade fala do dia em que um dos ícones do cinema mundial do século passado, a fascinante atriz Greta Garbo, apareceu em Belo Horizonte. A estrela, cansada de tanta badalação e dos holofotes, com os primeiros óculos escuros que uma filha de Eva usara em Belô, queria e conseguiu ficar anônima. Drummond, um dos seus poucos acompanhantes, já estava sendo convidado para dar entrevistas a diversos jornais e revistas da época, quando revelou: a história não passara de uma brincadeira sua. Já a passagem das três importantes figuras da literatura mundial por Paracatu – os escritores franceses e o brasileiro -, segundo Mello, aconteceu de verdade.

## OS INVASORES

Silvano Avelar<sup>1</sup>

Eles chegaram armados, preparados, silenciosos. Invadiram as praças, ocuparam as ruas, as igrejas. A cidade, que até então se dizia pacata e ordeira, de repente, se transformou num verdadeiro rebuliço.

Alguns mais ignorantes até tentaram resistir, mas de nada adiantou. As armas que os invasores portavam eram potentes e conseguiram atingir grande parte da população. E, depois deles vieram outros com mais força bélica. E conseguiram seguidores.

Muitos da cidade, que se encontravam adormecidos ou mortos, ressuscitaram e resolveram segui-los. E nasceram outros e se juntaram àqueles que chegaram. E lotaram os salões. E fizeram filas quilométricas, motivados por sua chegada. E chegaram outros de outras cidades, outros estados, outros países.

Então, ocorreu uma revolução na cidade. Pessoas começaram a pensar como eles. E não eram somente os adultos. Crianças, adolescentes, jovens, idosos, pretos, brancos, mulheres, homens, todos, todas e todxs se viram enebriados pela companhia deles.

Mas, que seres são estes que balançaram as estruturas da cidade? Que tiraram os acomodados de seus sofás? Que atrapalharam aquele capítulo imperdível da novela? Que fizeram as pessoas se esquecerem dos celulares? Que desmascararam os cristãos hipócritas? Que colocaram na mesma monta políticos, povo, padres, pastores, pais-de-santo?

Ah! Que bom que vocês vieram. Voltem outras vezes, amigos livros. Seus novos amigos lhes aguardam ansiosos e ávidos de conhecimento e democracia!

Em seu retorno, a resistência dos negacionistas será menor. Terão lido mais!

<sup>1</sup> Silvano Avelar é Professor, escritor, advogado, Confrade da Academia de Letras do Noroeste de Minas.

## FLIPARACATU

**Escritores, filósofos, jornalistas e leitores reunidos na celebração  
do Festival Literário Internacional de Paracatu**Nágela Caldas<sup>1</sup>

78

Autores consagrados da literatura nacional e internacional, jornalistas, filósofos, artistas e um público ávido por conhecimento das diversas visões de mundo e pela troca de experiências, marcou o primeiro Festival Literário Internacional de Paracatu, o FliParacatu, nos dias 23 a 27 de agosto de 2023. Durante os cinco dias, a temática “**Arte, Literatura e Ancestralidade**”, permeou toda a programação e teve o escritor e jurista paracatuense, Afonso Arinos, como patrono do Festival. Segundo os organizadores, cerca de 24 mil pessoas estiveram no evento. Os moradores de Paracatu e visitantes lotaram os prédios do Centro Histórico, inclusive as igrejas, para prestigiar o evento.

Dois grandes escritores foram homenageados: Conceição Evaristo e Mia Couto. Eles participaram ativamente do Festival, juntamente com o escritor Itamar Vieira Júnior, autor do celebrado livro *Torto Arado*. Os escritores falaram sobre seus livros e a arte da escrita e, também, das diferenças e similaridades entre as culturas brasileira e africana, no contexto da herança afrodescendente.

---

<sup>1</sup> Nágela Caldas, é jornalista, paracatuense, membro efetivo da Academia de Letras do Noroeste de Minas e reside nos Estados Unidos há 12 anos.

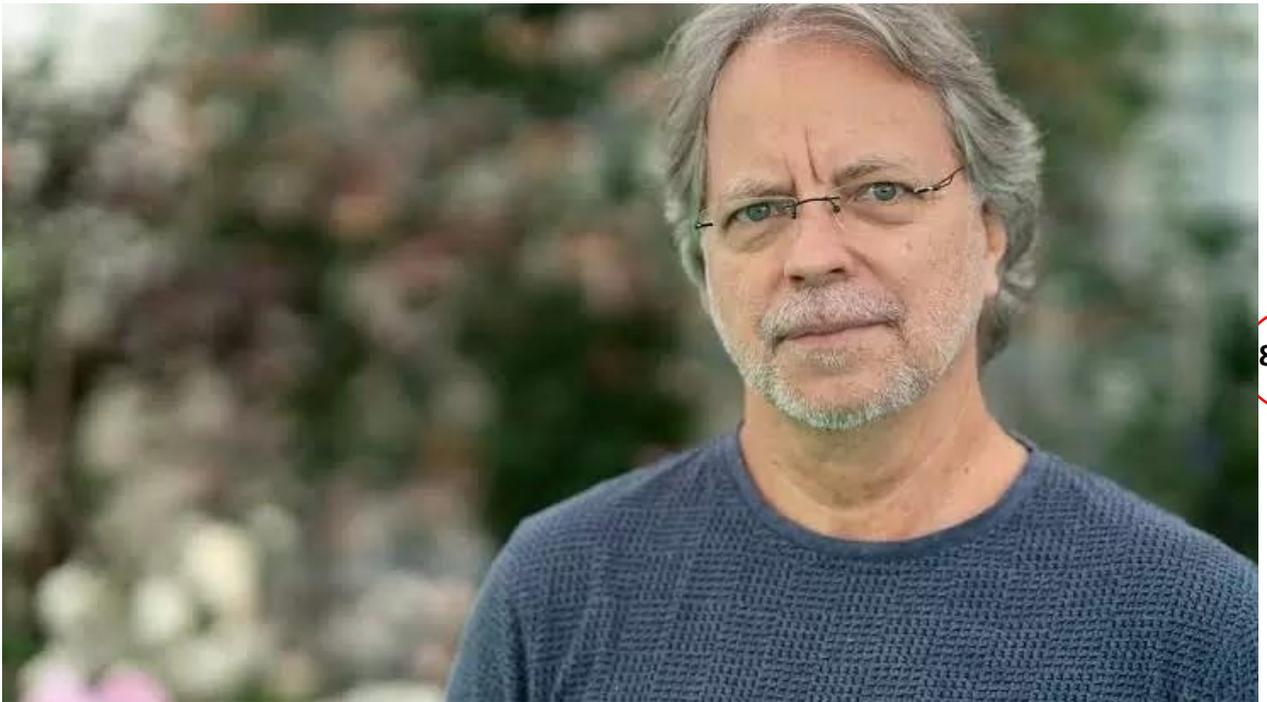


***A escritora homenageada, Conceição Evaristo, ao lado de Afonso Borges, presidente do Festival Literário de Paracatu.***

Para Conceição Evaristo escrever é bom, mas dói. *“As histórias nascem da minha observação e da escuta. Como dizemos em Minas Gerais, eu fico assuntando as coisas, as histórias que me contam”*. Ao pisar na terra paracatuense, a escritora disse que se apropriou dela. *“Soube das histórias do início da cidade, um solo marcado pela escravização dos povos africanos e seus descendentes, então, esse solo também é meu”*, afirmou.

O autor moçambicano relatou que o escritor não escreve sobre conceitos. *“Escrevemos sobre temas universais como amor, medo, traição e inveja, por exemplo. As histórias nos ajudam a encontrar um sentido para a vida”*, disse Mia.

*“O Brasil tem as doenças do mundo. Mas acho que há uma em especial que se liga ao fato de o Brasil nunca realmente ter feito uma ruptura com aquilo que ficou da sua herança colonial”*, analisou o renomado escritor Mia Couto, em entrevista concedida ao jornalista Alex Bessas, do Jornal O Tempo, durante o Festival. Mia se referia especialmente ao racismo que acomete o Brasil.



***O escritor moçambicano, Mia Couto, foi homenageado na FliParacatu.***

O escritor e jornalista especializado em coberturas internacionais, Jamil Chade, participou de mesas de discussão sobre diversos temas atuais e, inclusive sobre a liberdade de expressão na encruzilhada da democracia. Para Jamil é de suma importância fortalecer a democracia brasileira todos os dias. Em uma entrevista, após a sua participação na FliParacatu, Jamil Chade, fez um alerta de que *“não há construção da democracia sem educação e cultura. Não existe atalho. Vamos fazer uma democracia e essa construção não é fazer apenas nas grandes cidades brasileiras. Tem que ir para todos os interiores do Brasil”*, afirmou.

A ministra do Supremo Tribunal Federal, Carmen Lúcia, participou da mesa “Literatura, a libertação”, juntamente com a jornalista e escritora, Miriam Leitão. *“A palavra pode ser usada como uma declaração de amor e de guerra. Ela é sempre um instrumento que pode ser usado contra o outro; mas pode ser também de libertação. A palavra é a representação da liberdade por isso é tão importante fazer o bom uso dela”*, disse a ministra.



*A jornalista Miriam Leitão, a ministra do STF, Carmen Lúcia, e Conceição Evaristo.*

Míriam Leitão contou sobre como se formou leitora no interior de Minas Gerais. “Na minha cidade natal não havia livraria e nem biblioteca pública. Na minha adolescência, o Brasil foi tomado pela ditadura militar que detestava livros, assim como todas as tiranias. Mesmo em meio a estas distopias, eu me tornei leitora, e foi a literatura que me libertou”, afirmou.

O advogado criminal, Antônio Carlos de Almeida Castro (Kakay), foi um dos convidados do Festival e, em um artigo, descreveu o que sentiu ao participar da FliParacatu. “Mas o que mais impressionou foi a magia que abraçou e encantou a todos pelas ruas e pelos lugares do evento. Não apenas os autores. Havia um clima envolvente entre os funcionários e os milhares de moradores e visitantes. Foi como se quiséssemos deixar a alegria extravasar para ficar claro às sombras fascistas, que ainda rondam o País, que será também pela arte, pela poesia, pela literatura e pelo riso que faremos do nosso Brasil um lugar mais justo e mais humano”, relatou.

### **Mostra Portinari Negro encanta a população**

O público infante/juvenil também contou com uma rica programação na FliParacatu, com diversas oficinas literárias, performances teatrais, concurso de redação e rodas de conversa.

Na verdade, as atividades da FliParacatu começaram no dia 22 de maio com a abertura da Mostra Portinari Negro.

Quarenta e duas reproduções de obras de Cândido Portinari, que retratam o olhar do artista para a dura realidade das pessoas negras e o racismo estrutural existente no Brasil, foram instaladas na Praça da Matriz de Santo Antônio. A céu aberto e em estruturas de dois a três metros de altura, encantou a população e os visitantes no período de 22 de maio a 11 de setembro. Alunos dos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares foram convidados a participar do concurso de redação desenvolvido pelo Festival sobre o tema da ancestralidade. Estudantes de vinte e seis escolas participaram.



*A mostra Portinari Negro, na Praça da Igreja da Matriz, em Paracatu.*

### **Gastronomia valorizada**

Além da palavra, a arte e a cultura de um povo podem ser expressas por meio da gastronomia. Os restaurantes, bistrôs e lanchonetes localizados no Centro Histórico do Município -

onde as atividades do Festival foram realizadas – participaram do Concurso Gastronômico. O desafio foi o de desenvolver pratos em homenagem aos autores da FliParacatu. O restaurante Manjericão venceu a competição com um prato que homenageou o escritor Mia Couto.

### Venda de livros e sessão de autógrafos

O público do Festival teve a oportunidade de visitar a livraria montada em um espaço de 244 metros quadrados com cerca de 16 mil exemplares, mais de 5 mil títulos literários de diferentes gêneros. Foram cinco dias de oficinas, dança, música, debates, roda de conversa e, ainda, sessão de autógrafos com as dezenas de escritores consagrados e os novos autores locais e regionais.



*Estudantes conferem os livros na livraria da FliParacatu*



*A atriz Cida Mendes, criadora da personagem Concessa, lançou o seu primeiro livro “Fisologias de Concessa” durante o Festival Literário de Paracatu.*

Confira abaixo a relação dos livros mais vendidos do Fliparacatu:

- Mia Couto – “As pequenas doenças da eternidade”
- Conceição Evaristo – “Canção para ninar menino grande”
- Itamar Vieira Junior – “Torto arado”
- Itamar Vieira Junior – “Salvar o fogo”
- Pedro Pacífico – “Trinta segundos sem pensar no medo”
- Conceição Evaristo – “Olhos d’água”
- Jamil Chade e Juliana Monteiro – “Ao Brasil, com amor”
- Míriam Leitão – “Amazônia na encruzilhada”
- Conceição Evaristo – “Ponciá Vicêncio”
- Conceição Evaristo – “Insubmissas lágrimas de mulheres”
- Livia Sant’anna Vaz e Chiara Ramos – “A justiça é uma mulher negra”
- Jeferson Tenório – “O Averso da pele”
- Jeferson Tenório – “Estela sem Deus”
- Calila das Mercês – “Planta oração”
- Renato Nogueira – “Por que amamos”
- Tom Farias – “Toda fúria”
- Matheus Leitão – “Em nome dos pais”
- Eliana Alves Cruz – “Solitária”

A Academia de Letras do Noroeste de Minas atuou como a curadora local do Festival. “Ofertamos mesas redondas de discussão do tema proposto pela organização da Feira Literária e com participação dos nossos acadêmicos”, explicou Daniela Prado, presidente da instituição.

O Festival Literário Internacional de Paracatu foi patrocinado pela Kinross, via Lei Rouanet, e com o apoio da Prefeitura Municipal de Paracatu, da Paróquia de Santo Antônio e do Projeto Portinari. A curadoria foi realizada por Tom Farias, Sérgio Abranches e Afonso Borges. O jornalista Afonso Borges foi o idealizador e presidente do Festival.

Todas as palestras, mesas de discussão e oficinas estão disponíveis nas redes sociais do FliParacatu.

### Silvano Avelar na ALNM



**Silvano Avelar e a confrreira, Benedita dos Reis. Do lado esquerdo, o confrade Isaias Nery, autor da apresentação de Silvano à ALNM.**

Durante a FliParacatu, a Academia de Letras do Noroeste de Minas realizou a cerimônia de posse do advogado, professor e escritor Silvano Avelar, no dia 26 de agosto.

A cerimônia reuniu membros da instituição, familiares e amigos do novo confrade. Silvano passa a ocupar a Cadeira 32, antes ocupada pelo escritor Osvaldo França Junior (patrono da cadeira). O lugar também foi do saudado escritor e aviador, João Fonteles Calmon.

Na oportunidade, Silvano Avelar lançou o seu livro Praia do Macaco.

Confira a entrevista com a presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, Daniela de Faria Prado, sobre a realização do Festival Literário Internacional de Paracatu e as perspectivas para a próxima edição do evento.

Daniela de Faria Prado é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC-Minas e professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM.



**Nágela Caldas** - *Presidente, a Academia de Letras foi a curadora local da primeira edição da FliParacatu, um evento de grande sucesso. Como foi realizado esse trabalho de curadoria?*

**Daniela Prado** - A equipe organizadora do evento, nas pessoas do Afonso Borges e Tom Farias, entrou em contato com a Academia de Letras do Noroeste de Minas logo que o projeto foi aprovado e nos propôs a parceria. Em um primeiro momento para pensar em ações conjuntas e definir que a Academia de Letras do Noroeste de Minas seria um dos locais do circuito e posteriormente, pensando na temática do evento – Arte, Literatura e Ancestralidade; eu fui convidada para elaborar as mesas redondas dos autores locais, o que nos rendeu nove momentos de apresentações dos trabalhos dos confrades e congreiras com discussões riquíssimas sobre: o resgate das memórias: a literatura como instrumento de preservação da história local, ancestrais negros em uma sociedade racista: os impactos e reverberações na escrita de obras literárias locais, mulheres negras na literatura: representação e resistência, a título de exemplo. Os acadêmicos foram os protagonistas das apresentações e das mediações.

***A senhora acredita que eventos culturais como este podem colaborar na formação de novos leitores?***

Sem sombra de dúvidas. O FliParacatu trouxe nova movimentação para o cenário da literatura de nossa cidade e região. O evento dividiu-se em atender o público escolar, trazendo escolas para as atividades, o concurso de redação também incentivou jovens artistas e escritores a colaborarem e o público em geral circulando nos vários espaços de mesas redondas, palestras, lançamento de livros e espaço para autógrafos. E convém mencionar que foram 4 dias que Paracatu teve uma livraria física, espaço tão carente em nossa cidade. Este momento de tocar os livros, folhear, buscar, escolher é único e muito significativo para os já leitores e os novos leitores também. Foi um marco pra a história da leitura em nossa cidade, o início, esperamos de uma nova era.

***A presença de escritores consagrados como Conceição Evaristo, Mia Couto e Itamar Vieira Junior fez a diferença para que a Feira Literária atraísse a atenção de tantas pessoas?***

Todos os escritores e pensadores que por aqui passaram enriqueceram as discussões e fomentaram muitas outras. É claro, que grandes nomes da literatura de língua portuguesa estando presentes, arrebanham seus seguidores, leitores, pesquisadores e simpatizantes. A cidade recebeu muitas pessoas de várias regiões do país. Quem ganha junto? A comunidade paracatuense que teve a oportunidade de usufruir de momentos tão ricos. E uma questão que eu acho muito interessante e a gente tenta fazer isso nas atividades atuais da Academia é aproximar o artista/escritor do seu leitorado. É muito importante, que em um país como nosso, em que livros são de custo altíssimo, a valorização deste ofício dê-se pela identificação, conhecimento e afetividade. Não há nada mais valioso que os registros escritos de nossa memória, de nossa gente, dos nossos sentimentos, e quem faz isso são os autores, e eles trabalham muito para se instaurar e permanecer no mercado. Temos autores locais, que infelizmente têm obras paradas, sem publicação, e esse “frisson” que os grandes autores trouxe nos motiva buscar mais projetos e ações para continuar incentivando a todos.

***A FliParacatu foi realizada em vários prédios históricos da cidade. As bicentenárias igrejas abrigaram escritores e o público em discussões de temas literários e sobre a realidade brasileira atual. O passado, o presente e o futuro se misturaram neste momento. Na sua opinião, essa abertura foi importante para que a população aderisse ao evento?***

Se falamos de ancestralidade, entramos na seara do sentimento, do que corre em nossas veias, da tradição. Achei a escolha acertadíssima, pois nos fez imergir num ambiente propício para isso. Infelizmente, por questões de natureza partidária e ideológica, houve uma resistência de alguns moradores da cidade, os quais, espero que logo entendam que “o artista tem que ir onde o povo está”, como diz a canção. E resgatar a ancestralidade paracatuense pelo viés da leitura foi extraordinário por podermos percorrer o nosso Centro-Histórico: cada pedra, cada tijolo, cada pedacinho desse espaço guarda anos de muitas histórias. Ouso dizer, que transcendemos o espaço físico para honrar tantos que nos antecederam na luta para construir uma sociedade menos dividida. A exposição Portinari Negro, instalada na Praça da Matriz de Santo Antônio consagra esse momento de reparação com nossos ancestrais de origem africana, que ali foram

proibidos de entrar. Estarmos na igreja de Nossa Senhora do Rosário e no Centro Pastoral São Benedito nos trouxe pertença, senso de equidade, algo que é a função da arte - mobilizar, restaurar, mover, conscientizar.

*Com todo o sucesso de público da primeira edição da FliParacatu, é possível que a próxima edição da Feira seja tão boa e impactante como essa?*

Assim esperamos! A semente foi muito bem plantada. A Academia de Letras do Noroeste de Minas se compromete a regá-la com as nossas atividades rotineiras: clube de leitura, visitação e acolhimento das escolas, projetos como o Enem Te Conto e o Cultural são nossa contribuição para que não seja um evento de uma só estação. Esperamos que a próxima edição traga nosso público mais amadurecido, que acesse a todas as camadas da sociedade e que inspire muitos outros artistas/escritores a iniciar e continuar a caminhada. Já estou ansiosa para a próxima.

# Caderno Científico

**REPRESENTAÇÕES DE UM BACHAREL SETECENTISTA A SUA ALTEZA REAL: CONTRIBUTOS PARA SE PENSAR ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA MINEIRA**

Giselda Shirley da Silva<sup>1</sup>  
Vandeir José da Silva<sup>2</sup>

90

**Resumo:** Este estudo elenca como objeto as representações do magistrado mineiro, Ouvidor, Juiz de Fora e criador da Vila de Paracatu do Príncipe em fins do século XVIII acerca de aspectos ambientais e econômicos da capitania de Minas apresentados em uma obra dedicada ao Príncipe Regente de Portugal, D. João. O objetivo foi perceber como este membro da elite e governança colonial representou as terras da capitania de Minas, apresentando-a a Sua Alteza Real, trazendo contributos para pensar a questão ambiental no século XVIII. O estudo partiu do estudo documental, elencando primeiramente a obra histórica “*Discurso Sobre o Melhoramento da Economia Rústica do Brazil*” e outros manuscritos do período, sendo a análise realizada à luz de teóricos da História.

**Palavras-chave:** História. Meio Ambiente. Representações.

**Abstract:** This study focuses on the representations of the magistrate from Minas Gerais, the Ombudsman, Judge of Juiz de Fora, and the founder of the Vila de Paracatu do Príncipe in the late 18th century regarding the environmental and economic aspects of the captaincy of Minas, as presented in a work dedicated to the Prince Regent of Portugal, D. João. The aim was to understand how this member of the colonial elite and governance portrayed the lands of the captaincy of Minas, presenting it to His Royal Highness, and providing insights for contemplating environmental issues in the 18th century. The study began with documentary research, initially listing the historical work "Discourse on the Improvement of Brazil's Rustic Economy" and other manuscripts from the period, with the analysis conducted in light of historical theorists.

**Keywords:** History. Environment. Representations.

<sup>1</sup> Doutoranda - Universidade de Évora/Universidade de Lisboa - Portugal. Pesquisadora Integrante- CIDEHUS-UE - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília- (UnB). Membro do projeto de pesquisa - Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais – PUC - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: giseldashyrley@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em História, Programa Doutoral HERITAS- Estudos de Patrimônio pela Universidade de Évora/Universidade de Lisboa, Portugal. Membro Integrado do CIDEHUS – UE, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Bolseiro FCT. CIÊNCIA ID - 3114-BBE8-05F0. Mestre em História Cultural pela UnB, Universidade de Brasília. Membro do projeto de pesquisa Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais da PUC, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: vandeirj@hotmail.com

## Introdução

Este estudo elenca como objeto, as representações de um Magistrado, contidas na obra intitulada: *Discurso sobre o melhoramento da economia rústica do Brazil, pela introdução do arado, reforma das fornalhas*<sup>3</sup>. O livro, contendo duas dezenas de páginas, foi escrito pelo Dr. José Gregório de Moraes Navarro e oferecido a Sua Alteza Real, o Príncipe do Brasil em 1799<sup>4</sup>.

O texto trata do resultado da pesquisa, neste documento do século XVIII, encontrado no vasto acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, quando ali garimpávamos na Área dos Reservados. Ao lermos o nome do autor, logo identificamos o criador da Vila de Paracatu do Príncipe em 1799, o que nos provocou diversas indagações.

Para além do interesse pessoal pelo discurso proferido pelo Magistrado, percebemos a relevância do ponto de vista historiográfico e da construção da narrativa histórica. Esta foi, portanto, uma das surpresas que a pesquisa nos *Reservados* dos Arquivos e Bibliotecas nos trouxe ao longo da pesquisa do doutoramento. Percebemos que a questão ambiental que aparece de forma eloquente no livro, tal como em outros estudos, tem suas raízes fincadas em solo brasileiro desde os anos mil e setecentos.

A obra citada constitui-se, pois, no ponto de partida para a escrita deste texto, entrecruzando com outros documentos relacionados ao autor do *Discurso*, ou seu espaço de descrição.

Temos ciência de que a narrativa que apresentamos é o resultado da nossa leitura, do nosso lugar de fala e dos pressupostos teóricos que fundamentam a leitura e interpretação de um discurso proferido em fins do século XVIII, por um membro da elite colonial, que recebeu a graça da Rainha Dona Maria I para ser Juiz de Fora, Corregedor e criador da Vila de Paracatu do Príncipe<sup>5</sup> na Capitania de Minas Gerais no findar do século XVIII.

Para agradecer a tão grandiosa honraria, o Bacharel apresentou respeitosamente, em obra impressa, sua visão acerca do território das minas e alguns aspectos de sua economia. Esta

<sup>3</sup> Navarro, José Gregório de Moraes. *Discurso Sobre o Melhoramento da Economia Rústica do Brazil: pela introdução do arado, reforma das fornalhas, e conservação das suas matas*. Publicado por Frei José Marianno da Conceição Velloso e Simão Tadeu Ferreira. Lisboa: na Oficina de Simão Taddeo Ferreira, 1799. Biblioteca Nacional de Portugal: Reservado: 5780 P; microfilme: f.5892. Dada a relevância dessa obra, ela foi disponibilizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4011>

<sup>4</sup> Foi publicada em Lisboa por Frei José Marianno da Conceição Velloso. Uma de suas atribuições era editar livros que contribuíssem para a formação dos agricultores residentes na Colônia. Entre as obras que publicou, está o *Discurso Sobre o Melhoramento da Economia Rústica do Brazil*.

<sup>5</sup> Paracatu, outrora *Arraial de Santa Anna das Minas do Paracatu*, grande descoberta aurífera no Sertão da Capitania de Minas Gerais.

obra instiga-nos também a refletir sobre a forma do escritor executar o trabalho, pautando-se nas suas impressões sobre os lugares, os pontos que queria apresentar e suas hipóteses para melhorar a economia e a questão ambiental no Brasil.

As representações contidas na *obra* significam um modo de ver, comunicar e representar para a Coroa Portuguesa aspectos da sua possessão Ultramar. Pensar acerca das representações é salutar, pois elas são construídas, reconstruídas e transmitidas através da interação entre atores sociais, e em práticas de comunicação do cotidiano (Moscovici, 2003).

Partindo dessa concepção, a questão norteadora que ora apresentamos, se relaciona ao modo como o discurso construído representou esse território, sua economia e os problemas ambientais, levando em consideração a complexidade que permeava o contexto colonial e os diferentes interesses nele contidos. Por isso indagamos: Como o autor apresentou os problemas ambientais e econômicos dessa região que possuía simultaneamente, opulência e miséria? Neste cenário emerge a questão ambiental como uma das inquietações relevantes da escrita do Dr. José Gregório.

Partindo dessa inquietação, estabelecemos como objetivo perceber, nas representações do Dr. José Gregório, aspectos territoriais, ambientais e econômicos da colônia em fins do século XVIII.

Metodologicamente, a pesquisa documental possibilitou a tessitura narrativa, construída sob o viés qualitativo. O estado da arte foi fundamentado no solo da História Cultural, sendo-nos permitido situar dentro da temática, e tecer algumas considerações, as quais apresentamos no desenvolvimento desse artigo.

### **Dr. José Gregório de Moraes Navarro: contextualização familiar**

Optamos por apresentar inicialmente o autor do documento histórico analisado, o Dr. José de Gregório de Moraes Navarro, com o intuito de compreender o discurso por ele proferido e direcionado a Sua Alteza Real. Buscamos conhecer como ele conseguiu trançar a experiência de Ouvidor e Juiz de Fora, de alguém que passou a ver e vivenciar conflitos cotidianos na administração da Justiça em todo o Termo da Vila de Paracatu do Príncipe, e a condição de Vassalo fiel a Sua Alteza Real e responsável pela governança nas terras além mar.

José Gregório nasceu em Pitangui<sup>6</sup>, Comarca do Sabará, como se pode ver no documento de justificação emitido por Dona Maria I. Este documento integra o *Processo de Justificação de Nobreza para uso de Brasão De Armas* solicitado pelo José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu Irmão, o Capitão João de Moraes Navarro Leme<sup>7</sup>.

Segundo Ronald Raminelli (2016), o brasão de armas se constituía em uma condecoração própria da alta nobreza europeia concedida desde a Idade Média. Os descendentes de pessoas que possuíam o Brasão, fossem por linhagem materna ou paterna, podiam receber a distinção. Ao agraciar os homens com os brasões, os reis concediam graças, como pagamento de trabalhos prestados, entre outros benefícios. Por sua relevância, os monarcas lusos buscavam salvaguardar os antigos brasões de armas e monitorar a cessão de novos.

Por sua relevância e simbologia, o brasão de armas era um título de nobreza e fidalguia aspirado pelo Magistrado e seu irmão. Assim, o teor do referido documento, objetivava comprovar a nobreza de ambos, detalhando os seus laços familiares e a relação com a nobreza do Reino, como se pode notar na descrição que apresentamos neste texto.

Segundo conta neste manuscrito de 1799<sup>8</sup>, tanto o Dr. José Gregório de Moraes Navarro Leme quanto seu irmão, o capitão João de Moraes Navarro Leme<sup>9</sup>, suplicantes no processo de

<sup>6</sup> Fonseca (2011), informou que Pitangui, outrora denominada Vila de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui, surgiu em decorrência do processo migratório oriundo dos descobertos auríferos e foi erigida pelo coronel Antônio Pires de Ávila em junho de 1715, atendendo as ordens do governador e do ouvidor da comarca do Rio das Velhas, na qual ficou circunscrita.

<sup>7</sup> ANTT. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Cota atual: Casa Real, Cartório da Nobreza, mc. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso De Brasão De Armas De José Gregório De Moraes Navarro Leme E Seu Irmão O Capitão João De Moraes Navarro Leme. Disponível em: PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\_m0017.tif - Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq (arquivos.pt)

<sup>8</sup> Documento datado de 27 de abril de 1799. Lisboa. "Escritório da Nobreza me foi dada a Petição de Sentença de José Gregório e seu Irmão, o Capitão João De Moraes Navarro com o despacho nella proferido para se fazerem conclusos e mandar passar cada hum dos Suplicantes seu Brasão de Armas por este Juízo da Nobreza. Eu, Bernardo José de Agostinho de Campos, que a escrevi. "Dizem José Gregório de Moraes Leme, Juiz de Fora da Vila de Paracatu do Príncipe e seu Irmão, Capitão João De Moraes Navarro Leme que eles têm Justificado na Correição da qual a sua Nobreza e Fidalguia e o pertencimento as Armas dos seus (...) Norma requerida em 24 de abril de 1799. Dados disponíveis em:

<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162445>. <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162445>

<sup>9</sup> Filho do Capitão Comandante Comissário da Vila, Senhor de lavras de ouro da Gameleira, do Campinho do Vieiro, assim como era possuidor de Engenho de fazer aguardentes e lugar denominado Cachoeira do Pará. Era pessoa de grande respeito e veneração da dita Villa de Pitangui. Por sua nobreza e distinção e pela sua honrada conduta e comportamento em todos os lugares. De que tudo tem ouvido e testemunha ser uma pessoa de muito crédito e respeito. Que tinha conhecimento e amizade com o dito Capitão João de Moraes Navarro e [...] governança da dita vila. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso de Brasão de Armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e Seu Irmão, o Capitão João de Moraes Navarro Leme. O referido capitão faleceu na década

Justificação de Nobreza e fidalguia. Declararam serem naturais da Vila de Pitangui, Capitania de Minas Gerais. Apresentando sua genealogia, afirmaram serem filhos legítimos do Capitão Comandante, João De Moraes Navarro, natural da mesma vila, possuidor das lavras de Ouro da Gameleira, do Campinho, do Vieiro, do Engenho e da Cachoeira do Pará. Era pessoa de grande respeito, nobreza, distinção e participou da governança da dita vila.

Quanto à procedência paterna, o Dr. José Gregório era neto legítimo do Capitão Manoel Preto Rodrigues<sup>10</sup>, um dos primeiros povoadores de Pitangui, descobridor das minas do ouro nas margens do Rio de São João, no Termo da mesma vila.

A mãe do Dr. José Gregório era Dona Angella Cordeiro Soares de Silveira, também natural de Pitangui. Pela parte materna era neto legítimo do Capitão, Gonçallo Ribeiro Netto, um dos primeiros povoadores de Pitangui. Seu avô era possuidor do Engenho da Cachoeira do Pará, que a deu em dote a sua filha, Dona Angella Cordeira Soares de Oliveira (mãe do Dr. José Gregório) e neto de Dona Ana Moreira Cordeira natural da Capitania de São Paulo.

Consta ainda no documento que o Dr. José Gregório é bisneto legítimo de Manoel Dias Rodrigues e de Donna Ana Maria de Oliveira, terceiros netos de Manoel Preto, e quartos netos de Antônio Preto<sup>11</sup>, o qual, passou do Reino para a Capitania de São Vicente em mil quinhentos e sessenta e dois, tonou-se um dos seus primeiros povoadores. Fez muitos serviços à Coroa nas guerras contra os gentios e corsários, com gente armada as suas custas, tendo sido chefe da família do seu apelido naquela Capitania<sup>12</sup>.

No que tange a herança familiar da avó paterna, a Donna Francisca de Siqueira de Moraes era filha de Antônio Leme do Prado<sup>13</sup> e por este, descendentes de Pedro Leme, Fidalgo

---

de 1820, conforme se pode ver no documento que tratou do sepultamento do mesmo dentro da capela do Espírito Santo de Itapecerica, filial da matriz de Pitangui.

<sup>10</sup> Natural da Vila de Parnahiba da capitania de São Paulo. Fundador da Igreja de Nossa Senhora do "O" no Bispado de São Paulo. Primeiro Senhor e possuidor das ditas lavras da Gameleira, do Campinho e do Vieiro que por herança deixou para seu filho, o dito João de Moraes Navarro e de Dona Francisca de Siqueira de Moraes da mesma Capitania de São Paulo.

<sup>11</sup> Português, (1540). Casado com Antônia Gonçalves (natural de Seville, Sevilla, Andalusia, Espanha). Ele faleceu em São Paulo em 1610. Pai de Domingas Antunes; Manuel Preto; José Preto; João Preto; Sebastião Preto; Inocência Preto e NN. Preto. Fonte: <https://www.geni.com/people/Antonio-Preto/6000000003389600400>. Acesso: 20 de setembro de 2023.

<sup>12</sup> ANTT. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Cota atual: Casa Real, Cartório da Nobreza, mç. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso De Brasão De Armas De José Gregório De Moraes Navarro Leme e Seu Irmão O Capitão João De Moraes Navarro Leme. Disponível em: [PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\\_m0017.tif](https://arquivo.nacional.gov.pt/PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015_m0017.tif) - [Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq \(arquivos.pt\)](https://arquivo.nacional.gov.pt/PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015_m0017.tif)

<sup>13</sup> Bisavô do Dr. José Gregório. Antônio era filho de João Leme do Prado e neto de Pedro Leme, o Moço e Helena do Prado.

da Casa Real, parentes de Fidalgos titulares da Corte Portuguesa, natural da Ilha de Madeira, de onde passou para a Capitania de São Vicente no princípio da sua fundação e de Donna Francisca de Siqueira Baruel de Moraes. Assim, o justificante identificava-se como um legítimo descendente de Balthazar de Moraes [...], fidalgo da Casa Real, natural da Vila de Mogadouro da Província de Trás-os-Montes e de Pedro de Moraes [...] Navarro Dantas da mesma da Província de Trás-os-Montes.

Quanto à família materna, pelo dito Gonçallo Ribeiro Neto, avô materno do Dr. José Gregório, é bisneto legítimo de Francisco Ribeiro Soares e de Donna Maria Gonçalves de Souza, e pela ditta Donna Anna Moreira Cordeira, sua avó materna. É também bisneto legítimo de Rafael da Silveira Galhardo, Capitão-Mor da Villa de Jundiaí, da Capitania de São Paulo. E quartos neto de Jorge Moreira, que migrou de Portugal para a Capitania de São Vicente em 1531 e ali tornou-se Capitão -Mor, Governador e Ouvidor da mesma Capitania, sendo o tronco da nobre família dos Moreiras de São Paulo<sup>14</sup>.

Por fim, justificou o Dr. José Gregório e seu irmão que seus pais, avós paternos e maternos, bisavós, terceiro e quarto avós eram pessoas de qualificada Nobreza e Fidalguia, de ilibada conduta, sem Crime de Leza Majestade, ou humano, por isso, requereram o Brasão de Armas<sup>15</sup>. Os dados que citamos acima foram transcritos do documento citado e tem como objetivo mostrar a genealogia e nobreza familiar na qual estava envolto, bem como, a relação dos seus pais com a atividade mineradora<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> [PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\\_m0012.tif - Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq \(arquivos.pt\) ANTT. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Cota atual: Casa Real, Cartório da Nobreza, mc. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso De Brasão De Armas De José Gregório De Moraes Navarro Leme e Seu Irmão O Capitão João De Moraes Navarro Leme. Disponível em: \[PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\\\_m0017.tif - Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq \\(arquivos.pt\\)\]\(#\)](#)

<sup>15</sup> Justificação de José Gregório de Moraes Navarro e seu irmão aos três dias do mês de abril de 1799, em Lisboa. ANTT. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Cota atual: Casa Real, Cartório da Nobreza, mc. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso De Brasão De Armas De José Gregório De Moraes Navarro Leme e Seu Irmão O Capitão João De Moraes Navarro Leme. Disponível em: [PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\\_m0017.tif - Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq \(arquivos.pt\)](#).

<sup>16</sup> Justificação de José Gregório de Moraes Navarro e seu irmão aos três dias do mês de abril de 1799, em Lisboa. ANTT. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Cota atual: Casa Real, Cartório da Nobreza, mc. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Processo De Justificação De Nobreza Para Uso De Brasão De Armas De José Gregório De Moraes Navarro Leme e Seu Irmão O Capitão João De Moraes Navarro Leme. Disponível em: [PT-TT-CR-D-A-004-0035-00015\\_m0017.tif - Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório de Moraes Navarro Leme e seu irmão o capitão João de Moraes Navarro Leme - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq \(arquivos.pt\)](#)

Como filho de família nobre e de posses, teve a oportunidade de cursar Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal, formando-se em 1783 e atuando diretamente na área do Direito na colônia ultramar. Segundo Botelho (2018)<sup>17</sup>, o Magistrado foi nomeado Juiz de Fora de Cachoeira em 1787, sendo esta cabeça de comarca. Depois assumiu o cargo de ouvidor da comarca do Rio das Velhas, estabelecendo moradia em Sabará, cabeça da referida Comarca.

A estrutura da administração da justiça portuguesa foi adotada na colônia brasileira, sendo o cargo de Ouvidor um dos principais, conforme mencionado por Maria Cristina da Silva Carmignani (2018). Conforme a organização judiciária lusa, ficava a ele subordinado o Juiz de Fora, o Juiz de Órfãos e o Juiz Ordinário. O Magistrado que assumia a *Ouvidoria* era nomeado pelo monarca e cabia a ele proceder à eleição de juízes e oficiais dos Concelhos das Vilas, bem como os cargos de tabelião público e judicial. Percebemos que o cargo por ele ocupado era importante na administração da Justiça na Comarca do Rio das Velhas

Após erigir em vila o arraial de Paracatu do Príncipe<sup>18</sup>, atuava na administração da justiça em todo o seu Termo como Juiz letrado. Fazia visitas periódicas e Correições, justificando assim, a definição Juiz de Fora. Trabalhava conjuntamente com o Juiz Ordinário<sup>19</sup> que residia na Vila. Esse trabalho conjunto do Juiz de Fora e do Ordinário era crucial para maximizar a Justiça local e regional.

Ao Dr. José Gregório foi dada a missão de erigir em vila o arraial de Paracatu, criar nela o lugar de Juiz de Fora<sup>20</sup>, Civil, Crime, e Órfãos, estabelecer o seu termo, constituir a Câmara da Vila e atuar ali como Juiz de Fora, tornando-se provedor das Fazendas dos Defuntos

<sup>17</sup> Botelho, Aloísio, 2018. Dados disponíveis em: <https://araposadachapada.blogspot.com/2018/05/dr-jose-gregorio-de-morais-navarro.html>. Acesso :20 de setembro de 2023.

<sup>18</sup> BA. Localização: 97-V-8, p. 397-400. Alvará porque V. M. “hé servida erigir em Villa o arraial de Paracatu na Capitania de Minas Geraes, e crear nella o lugar de Juiz de Fora, Cívil, Crime, e Órfãos com os ordenados e Emolumentos que recebe o Juiz de Fora de Mariana, regulados pelo Alvará de lei de mil setecentos e cinquenta e quatro, como acima se declara”. Esse Alvará foi emitido em 20 de outubro de 1798, publicado na Chancelaria Mor da Corte e Reino em Lisboa e registrado na mesma Chancellaria no Livro das Leis a folha 115 v em 29 de janeiro de 1799. Biblioteca da Ajuda-PT.

<sup>19</sup> Também conhecidos como *Juízes da terra*, eram leigos, sem formação jurídica e tinham suas funções previstas nas Ordenações do Reino, e eram destinadas às questões de menor monta (Ord. Manuelinas, Livro I, Tít. 44; Ord. Filipinas, Livro I, Tít. 65).

<sup>20</sup> AHU\_CU\_LIVROS DE MINAS GERAIS, Cod. 2108. O Auto de Posse e juramento que tomou o Dr. José Gregório de Moraes Navarro para servir no lugar de provedor das Fazendas dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos dessa vila e seu distrito na conformidade do Alvará de 27 de agosto de 1799, sendo o ato testemunhado pelo ministro, vereadores e oficiais da Câmara.

e Ausentes, Capelas e Resíduos, conforme determinado no Alvará Régio de Sua Majestade, a Rainha<sup>21</sup>. Foi também, Ouvidor e Corregedor<sup>22</sup> da Comarca.

Atuou em Paracatu do Príncipe por vários anos, sendo suas ações sumamente importantes para os moradores da área urbana da Vila, como também de seu vasto Termo, ali adquirindo bens de raiz (bens imóveis), como se pode ver na documentação contida no Arquivo Histórico Ultramarino<sup>23</sup>.

Depois de atuar na governança da Comarca do Rio das Velhas, o Dr. José Gregório de Moraes Navarro assumiu em 1.811 o cargo de Ouvidor Geral e Corregedor da comarca do Rio das Mortes, cuja cabeça era São João Del-Rei, assumindo a função em Paracatu, outro Magistrado.

Após uma breve explanação do lugar de fala do autor percebemos que as reflexões por ele apresentadas ao longo do seu *discurso* encaminhado a Sua Alteza Real, são intrigantes, por se tratar de um indivíduo natural da capitania de Minas Gerais, membro da elite local vinculada a mineração e educado na Europa. Dedicou esforço intelectual na construção de um discurso cujo objeto central é a questão ambiental na Colônia. Por isso, consideramos importante apresentar esmiuçadamente suas narrativas impressas no livro dedicado ao Príncipe Regente, D. João, no apagar das luzes do século XVIII.

### **Fragmentos do *Discurso* proferido acerca da economia rústica do Brasil**

O livro escrito pelo Bacharel, contém um discurso cuidadosamente elaborado no qual apresentou sua visão sobre o território além-mar, no recorte específico da agricultura praticada nessas terras, apontando a falta de cuidados dos moradores para com a vegetação e o solo.

<sup>21</sup> Alvará foi emitido em 20 de outubro de 1798, publicado na Chancelaria Mor da Corte e Reino em Lisboa e registrado na mesma Chancellaria no Livro das Leis a folha 115 v em 29 de janeiro de 1799. Localização: 97-V-8, p. 397-400 (BA).

<sup>22</sup> Segundo Cezário (2010), na estrutura eclesiástica colonial, o corregedor ou o Provedor estava acima dos juízes de órfãos, aqueles responsáveis para tratar das causas dos órfãos, instituições de caridade (hospitais e irmandades) e pela legitimação dos testamentos. Eram nomeados pelo monarca, com função prioritariamente investigativa e recursal, examinando, em visitas às povoações que faziam parte da sua comarca, como se administrava a Justiça, na função de julgar as causas onde haviam juízes envolvidos.

<sup>23</sup> AHU\_CU\_011, Cx. 174, D. 12990. Requerimento de José Gregório solicitando licença régia para adquirir bens de raiz no termo da dita vila ou respectiva Comarca (1805). AHU-Minas Gerais, cx. 165, doc. 44. Requerimento do desembargador José Gregório de Moraes Navarro, juiz de fora e criador da vila do Paracatu do Príncipe, comarca do Sabará, pedindo licença para poder comprar alguns bens de raiz na dita comarca. 30 de outubro de 1802.

Intitulando-se humilde e fiel Vassalo, o Dr. José Gregório fez a dedicatória logo no início da obra, explicitando claramente a oferenda a Sua Alteza Real, o Príncipe do Brazil<sup>24</sup>.

Havendo de deixar lavrado no Supedaneo do Throno de Vossa Alteza Real, com o meu nome, hum testemunho da minha gratidão as honras, com que Vossa Alteza Real me acaba de encher, me lembrou este meio, que julguei seria para Vossa Alteza Real o de maior aceitação, deixando para o tempo futuro, além de dez annos em Turena, o poder dar no zello do seu Real serviço as provas mais decisivas da ternura, e cordialidade com que he.

98

Pensamos ser importante contextualizar o período e o lugar de escrita da Obra, sendo o escritor natural da região das minas e ali experienciar muitos fatos, vislumbrando ainda muitas paisagens resultantes da extração de minérios, notadamente o ouro e os diamantes, mas também de outros extraídos em menor escala, como a platina, o cobre e o chumbo<sup>25</sup>.

Citamos ainda como importantes no aspecto econômico do XVIII, o partilhamento do território com a doação de sesmarias dedicadas à agricultura e criação de gado, sendo comum a derrubada de árvores e as rudimentares técnicas de preparo do solo, como exemplo, a recorrência das queimadas anuais e a formação de coivaras. Essa economia afetava diretamente o meio ambiente e o ecossistema da Capitania.

O Dr. José Gregório inicia sua obra enaltecendo a terra e afirmando ser esta, entre todos os elementos que Deus criou, a mais digna de contemplação. Reconhece a antiguidade e seu vigor, superando as inundações, naufrágios e uso inadequado dos homens ao longo dos séculos, que destruíram e aniquilavam “suas naturais produções, mas ainda assim, mantém sempre o gérmen fecundo de sua fertilidade” (1999, p. 7).

No documento, o Magistrado chama a atenção para o Brasil, convidando a pensar na temporalidade, ou seja, na relação passado e presente. Segundo ele, o Brasil em sua tenra idade, em comparação com a trajetória portuguesa, teve desde os seus primeiros povoadores no século

<sup>24</sup> O príncipe ao qual foi dedicado o trabalho foi João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael (Popularmente conhecido como D. João VI), filho do monarca, D. Pedro III e da Rainha Maria I. Natural de Lisboa, veio ao mundo no Palácio Real da Ajuda no dia 13 de maio de 1767. Era o quarto filho de d. Maria e de d. Pedro III. Seu padrinho de Batismo foi Luiz XV. Casou-se em 1785 com Carlota Joaquina, quarta filha do rei Carlos IV de Espanha. A partir de 1792, atuou como Príncipe Regente em nome da Rainha, D. Maria I, que por motivos de saúde foi impossibilitada de governar. Recebeu as honras e deveres da monarquia lusa, governando o Reino e todas as suas colônias. Em 1808 mudou-se para o Brasil, juntamente com a família real e corte portuguesa, após a invasão das tropas de Napoleão no Reino. Com o falecimento de D. Maria I, tornou-se Rei de Portugal e em 1815 elevou o Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarves. Em terras brasileiras permaneceu com a família real até 1821, quando retornou a Portugal, deixando o seu filho, o príncipe D. Pedro em seu lugar. Faleceu como Rei de Portugal em 1826 (Marques, 1999).

<sup>25</sup> Ver cartografia histórica “Carta de Nova Lorena –Diamantina. AHU- Cart 512312.

XVI, condutas inadequadas em relação à forma como lidou com a terra e a natureza local. Por suas reflexões, esse *Discurso* é visto por muitos estudiosos do tema, como um dos embriões das abordagens da questão no Brasil.

Buscando informar a Sua Alteza Real, o Dr. José Gregório apresentou em sua narrativa os imensos bosques existentes nessas terras além-mar, locais de moradia de animais e feras; dotados de uma diversidade da flora e fauna nativa, elencando suas qualidades. Para ele:

[...] não se descobririam os ricos tesouros que a terra oculta no seu seio; não se civilizaria as nações bárbaras, que ali nasceram; não se aumentaria o comércio interior e exterior daqueles vastos domínios. Dirão finalmente que segundo o nosso princípio mesmo, sendo a terra sempre capaz da mesma produção, não importa que os homens, por algum tempo, a esterilizem. Porque quando eles não tiverem já novos terrenos que voluntariamente lhes ofereçam as suas naturais produções, depois de povoarem toda a terra, depois de extinguiem a raça dos animais ferozes e dos bichos venenosos, depois de civilizarem os povos criados entre as feras, eles se valerão então daqueles meios que a necessidade e a indústria mostrar serem os mais convenientes para ressuscitar na terra a sua antiga fertilidade. Mas nós lhes responderemos que, seguindo um meio termo, não poderiam conseguir todas estas vantagens sem se privarem de outras muitas que por sua culpa vão perdendo, e que os seus descendentes não poderão, inda que queiram, reparar? (Navarro, 1799. p.8)

Observamos que o Dr. Navarro apresentou a generosidade da terra existente e a ingratidão dos moradores, que com sua postura indevida causou diversos problemas ambientais, alertando sobre os prejuízos causados ao meio ambiente em decorrência da forma como os homens agiram ao longo do processo de colonização, acarretando problemas irreparáveis para a posteridade.

Segundo ele, os lavradores, principalmente os da sua Província Natal (Minas Gerais), não apresentavam preocupações com a terra, sua fauna e flora. Analisando as paisagens de descuido em relação ao ambiente, afirmou ter pouca esperança de mudança de ação dos moradores da terra em relação a ela, pois o seu mau hábito os arrastava, preferindo os interesses particulares e aparentes em detrimento ao coletivo.

Em suas reflexões, afirmou que com o tempo mudaria a face natural do continente, esvaindo ou reduzindo muito as riquezas presentes na natureza, em decorrência da extração dos minérios, notadamente o ouro e a prata. Em sua percepção, isso seria um fator motivacional para a mudança de olhares dos homens que aqui viviam, sendo obrigados a cultivar a terra que exploraram de forma intensa na busca de minérios.

Percebemos nas entrelinhas do texto a percepção da mineração como um dos fatores degradantes da terra, fazendo menção àqueles que "princiariam a despedaçar a terra para tirar das suas entranhas aqueles tesouros que lisonjeavam mais a sua ambição".

Antevendo o futuro, o autor ponderou que na mesma proporção que a devastação do solo, tardiamente também se veriam a devastação das matas, perdendo muitas de suas espécies nativas, privando seus descendentes do usufruto das benesses da terra. Por outro lado, Dr. José Gregório acreditava que um dia seria superada essa visão destrutiva do meio ambiente e seria modificada a postura dos homens em relação à natureza, preservando as árvores frutíferas e úteis, de modo a haver um desenvolvimento sustentável dessas terras (1799, p. 9).

Em sua análise da constituição das povoações na região das minas, mostrou que a mineração provocou o surgimento de arraiais, muitos dos quais foram ganhando importância na malha urbana da capitania, mas que, com a redução da extração aurífera, foram perdendo seu vigor, tornando-se "corpos desanimados".

Essa analogia podia ser também relacionada a Paracatu do Príncipe, que, de acordo com as considerações de Ângelo Carrara (2001), esteve entre as maiores vilas da Capitania no limiar do século XIX. Todavia, mesmo com esse notável lugar no aglomerado urbano da capitania, possuía muitas áreas devastadas e com terras revoltas no seu entorno, conforme descrito pelo viajante francês que visitou Paracatu em fins do período colonial.

Com a escassez do ouro, muitos garimpeiros migravam para novos descobertos, ali estabelecendo suas moradias, e como consequência, desmatando novas áreas.

A visão da vila como espaço de exploração foi explicada pela destruição da flora do entorno dessas povoações para o estabelecimento da agricultura, visando o fornecimento de alimentos e fomento do mercado interno<sup>26</sup>.

O corte das árvores e plantio de grãos, tiravam da terra seu vigor, ficando posteriormente a terra "coberta de sapé e samambaia" (Navarro, 1799, p.11)

Visando apontar caminhos para solucionar os problemas comuns em diversos espaços desse vasto território ultramar, o bacharel propôs que fossem adotadas três ações para minimizar

<sup>26</sup> A agricultura na Capitania dos anos setecentos já havia se adequado às condições do solo e de fertilidade; segundo, próximo à área de mineração podiam ser plantadas roças, pois não há uniformidade na formação do solo na região das minas. É possível observar que muitas propriedades eram simultaneamente agrícolas e mineradoras. Paracatu do Príncipe não foi exceção. A população residente na área rural era maior do que nas áreas onde havia povoados e arraiais, sendo seu solo ocupado progressivamente tanto por propriedades maiores ou menores, por meio da pecuária com as áreas de pastagens, quanto com a formação de roças e plantio de diversos produtos, tanto para venda quanto para o sustento familiar.

as consequências da mineração, do desmatamento e agricultura, adotando medidas de preservação das matas, a utilização do arado e a reforma das fornalhas.

Segundo ele, para que fosse feito o cultivo responsável da terra, deveria se utilizar o arado como uma ferramenta eficaz para o preparo do solo, melhorar a produtividade de grãos e aumentar a produção alimentícia, sem ser por meio das lavouras extensivas que culminariam com o desmatamento de novas áreas.

Para esse magistrado mineiro, o arado propiciaria o preparo do solo para o cultivo de cana, feijão, arroz, além e outros grãos e de sementes, agilizando o processo de plantio e a redução da mão de obra utilizada na lavoura. Continuou suas reflexões afirmando que uma pessoa fazendo uso do arado e uma junta de bois era capaz de fazer a mesma quantia de trabalho que vinte homens usando a enxada como instrumento de trabalho. Dessa forma, maximizaria a produção, ocasionando a redução no preço final do produto, prolongando ainda a vida útil dos escravizados em decorrência das facilidades ocasionadas pelo uso do arado no preparo da terra.

Acreditava ainda que isso atrairia novamente as pessoas para as antigas moradias, pois havia "uma grande porção de terras próximas às grandes povoações, que estavam como amortecidas e abandonadas". Defendia a ideia de que o cultivo das áreas no entorno dos arraiais culminaria com a redução do preço dos produtos.

A segunda medida por ele apontada como eficaz seria a reforma das fornalhas a lenha contidas nos engenhos, as quais eram rudimentares e onde utilizavam um volume grande de madeira no abastecimento das fornalhas usadas na produção dos derivados da cana. Com a reforma, haveria redução no consumo de lenha, podendo ser possível também aumentar a produção (Navarro, 1799, p.15-19).

Mencionou que o corte de árvores nativas para produção de lenha era grande, levando em consideração o grande número de engenhos que havia na capitania, fosse na produção de aguardente de cana, quanto no feitiço de rapaduras, importantes elementos no comércio interno. Por isso, além de reformas das fornalhas, sugeria ainda a utilização dos bagaços de cana para fomentar o fogo e reduzir o gasto de lenha.

Outra ação importante por ele elencada seria a preservação das florestas nativas, delimitando áreas de reservas e promovendo o plantio de árvores frutíferas, medicinais ou para produção de lenha (Navarro, 1799, p.15-19). Ele acreditava que o incentivo ao plantio de árvores de rápido crescimento propiciaria a redução no corte das espécies nativas, inclusive das madeiras de lei.

Quanto à preservação de pequenos bosques próximos às povoações, viabilizariam a produção da lenha para uso doméstico e público, devendo estes serem “patrimônio público, arrendados e administrados por conta dos concelhos”, e os lucros obtidos com o arrendamento poderiam ser usados “no feitio e manutenção das obras públicas”. Indicava ainda a Sua Alteza Real, maior rigor no controle do desmatamento nas regiões costeiras e nas matas ciliares dos rios navegáveis, demarcando-as e conservando-as como patrimônio público do Estado. Defendia a ideia de que utilizando esse arvoredo apenas para o feitio de embarcações e obras públicas, teriam condições de desenvolver a economia preservando o ambiente natural e as riquezas da terra, fazendo uso responsável dos recursos naturais.

Essas matas seriam demarcadas e guardadas como reservas (*idem*:18-19).

Observamos que a narrativa do Dr. José Gregório demonstra haver uma conexão entre a preocupação com questão ambiental e a forma com que os homens do seu tempo lidavam com a produção agrícola e o desenvolvimento econômico, agindo de forma despreocupada com a natureza e sua preservação, podendo ser uma ameaça ao sistema colonial vigente no período.

Como vassalo fiel, apontou sugestões para o Sua Majestade Real, trazendo possibilidades de êxito econômico de forma harmônica com a preservação ambiental. Assim seria possível manter as riquezas da terra e desenvolver a economia.

### Considerações finais

A leitura do Discurso Setecentista do Dr. José Gregório nos permitiu identificar alguns conflitos, dilemas e ponderações interessantes que possibilitam pensar nas representações do autor como filhas do seu tempo, das inquietações e desejos da época.

Refletir sobre o seu lugar na administração da justiça, sendo, simultaneamente representante da Coroa nas terras desse sertão mineiro, a escrita desse artigo proporcionou uma reflexão interessante. Ele utilizou do seu conhecimento das terras mineiras, para redigir e apresentar Sua Alteza Real com um discurso sobre a economia, apontando o mal-uso da terra e seu legado, apontando a seu modo de ver, possibilidades de mudança da realidade e na resolução das falhas cometidas nas lavouras das terras do Brasil, especialmente na região das minas.

Podemos perceber os contributos desse estudo para pensar a história de Minas, notadamente, da capitania de Minas Gerais.

## REFERÊNCIAS

Manuscrito:

Processo de justificação de nobreza para uso de brasão de armas de José Gregório De Moraes Navarro Leme e seu irmão o Capitão João de Moraes Navarro Leme. PT/TT/CR/D-A/004/0035/00015. Casa Real, Cartório da Nobreza, mç. 35, n.º 15. Cópia em microfilme. Portugal, Torre do Tombo, mf. 4315. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162445>.

103

## Bibliografia

BOTH, Marcio. Mudar para Permanecer: O atraso da agricultura brasileira sob perspectiva comparada (SÉCULOS XIX e XX). **Revista de História Comparada** - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.73-110, 2020.

CARRARA, Ângelo. A. Espaços urbanos de uma sociedade rural: Minas Gerais-1808-1835. **Varia História**, (25), 144-164, 2001.

CARRARA, Ângelo A. Paisagens rurais de um grande sertão: a margem esquerda do médio São Francisco nos séculos XVIII a XX. **Ciência & Trópico**, 29(1), 61-123, 2001.

CEZARIO, Leandro Fazollo. **A estrutura judicial no Brasil Colonial**: criação, ordenação e implementação. Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a. 11, nº 585. Disponível em <https://www.boletimjuridico.com.br/artigos/teoria-geral-do-direito/2010/a-estrutura-judicial-brasil-colonial-criacao-ordenacao-implementacao>. Acesso em 16 jun. 2010.

CARMIGNANI, Maria Cristina da Silva. **A justiça no Brasil Colônia**. Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo, 113, 45-75. 2-18. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8235.v113i0p45-75>.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e vilas d'el rei**: espaço e poder nas Minas setecentistas. UFMG. Belo Horizonte, 2011.

MARQUES, Antônio Oliveira. "D. João VI". In.: **D. João VI e o seu tempo**. Lisboa: Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MOSCOVICI, S., & Marková, I. Idéias e seu desenvolvimento: um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. In S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais**: investigações em psicologia social (pp. 305-387). Petrópolis: Vozes. 2003.

NAVARRO, José Gregório de Moraes. **Discurso sobre o melhoramento da economia rustica do Brazil, pela introdução do arado, refórma das fornalhas, e conservação de suas mattas**. Lisboa: Na Of. De Simão Thaddeo Ferreira.1799.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição, pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista: 1786-1888.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537808740/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

PORTUGAL. **Ordenações Filipinas.** Reprodução da edição brasileira de Candido Mendes de Almeida. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Philomathico, 1870. PORTUGAL. Ordenações Manuelinas. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1797

RAMINELLI, Ronald. Justificando nobrezas. **História** (São Paulo) v. 35, e97, 2016. <http://www.scielo.br/pdf/his/v35/0101-9074-his-35-00098.pdf> Consulta em 15 set. 2023

## MODERNIDADE LÍQUIDA

Marcos Spagnuolo Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Tivemos duas revoluções industriais, a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, e a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna. Depois da primeira e segunda revolução industrial ocorreu a primeira revolução tecnológica da informação em 1970, e entende por revolução tecnológica de informação o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações, radiodifusão, optoeletrônica, a engenharia genética. A modernidade iniciou com a primeira revolução industrial, passando pela segunda revolução industrial e continuou com a revolução tecnológica em 1970. A modernidade possui duas fases: modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade sólida é caracterizada pela primeira e segunda revolução industrial; a modernidade líquida iniciou a partir da primeira revolução tecnológica de informação caracterizada pela flexibilidade, globalidade, competitividade, planejamento em curto prazo, não enfoque em experiências passadas ou defasadas, desenvolvimento da criatividade, conscientização das incertezas, crescimento do desemprego e consumo desenfreado. A passagem da sociedade sólida para a sociedade líquida exige uma educação que possa gerar novos indivíduos comprometidos com a nova visão: percepção da necessidade de constante aprimoramento; visão globalizante e consciente dos problemas que emergem no mundo; conscientização das incertezas que surgem no cotidiano; saber atuar em panorama de alto risco; capacidade de elaborar projetos que resolvam as problemáticas emergenciais; capacidade de ter flexibilidade diante das problemáticas; desenvolvimento autoreferencial da criatividade; flexibilidade na tomada de decisões; aptidão para vivenciar uma estrutura organizacional descentralizada; habilidade de vivenciar o informalismo e finalmente a capacidade de inovação.

105

**Palavras-chave:** Revolução Industrial. Revolução de Informação. Modernidade Sólida. Modernidade Líquida. Gestão. Educação.

**Abstract:** We had two industrial revolutions, the first one began just before the last thirty years of the 18th century, characterized by new technologies such as the steam engine, and the second, approximately a hundred years later, stood out for the development of electricity and the internal combustion engine. After the first and second industrial revolutions, the first technological information revolution occurred in 1970, and technological information revolution is understood as the converging set of technologies in microelectronics, computing (software and hardware), telecommunications, broadcasting, optoelectronics, and genetic engineering. Modernity began with the first industrial revolution, continued through the second industrial revolution, and persisted with the technological revolution in 1970. Modernity has

<sup>1</sup> Marcos Spagnuolo Souza Graduação em História e Administração. Especialista em História e Filosofia. Mestrado em História. Doutorado em Filosofia da Educação.

two phases: solid modernity and liquid modernity. Solid modernity is characterized by the first and second industrial revolutions; liquid modernity began with the first technological information revolution, characterized by flexibility, globalizability, competitiveness, short-term planning, no focus on past or outdated experiences, development of creativity, awareness of uncertainties, rising unemployment, and unrestrained consumption. The transition from a solid society to a liquid society requires an education that can generate new individuals committed to the new vision: perception of the need for constant improvement; a global perspective and awareness of emerging world problems; awareness of the uncertainties that arise in everyday life; the ability to operate in a high-risk environment; the ability to develop projects that address emerging issues; the ability to be flexible in the face of challenges; autoreferential development of creativity; flexibility in decision-making; the ability to experience a decentralized organizational structure; the ability to experience informality, and finally, the ability to innovate.

**Keywords:** Industrial Revolution. Information Revolution. Solid Modernity. Liquid Modernity. Management. Education.

## INTRODUÇÃO

Houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, e novos processos em metalurgia e, de forma mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente de aço e pelo início das tecnologias de comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone.

Depois da primeira e segunda revolução industrial ocorreu à primeira revolução tecnológica da informação em 1970, e entende por revolução tecnológica de informação o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações, radiodifusão, optoeletrônica, a engenharia genética.

As revoluções industriais e a revolução tecnológica de informação caracterizam um período que denominamos modernidade. A modernidade possui duas fases: modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade sólida é caracterizada pela primeira e segunda revolução industrial: organizações que limitam as escolhas individuais; asseguram a repetição de rotinas; impõem padrões de comportamento; as decisões são todas impostas; os funcionários são meros cumpridores de ordem. A modernidade líquida iniciou a partir da primeira revolução tecnológica de informação caracterizada pela quebra de rigidez: as instituições não podem mais manter suas rigidezes por muito tempo, pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o

tempo que leva para moldá-las. A sociedade líquida é caracterizada pela flexibilidade, globalização, competitividade, planejamento em curto prazo, o não enfoque em experiências passadas ou defasadas, desenvolvimento da criatividade, conscientização das incertezas, crescimento do desemprego e consumo desenfreado. Na modernidade líquida as empresas mais produtivas empregam uma sinergia de processos concentrados no cliente e estrutura organizacional descentralizada. A principal mudança da sociedade sólida para a sociedade líquida pode ser caracterizada como a mudança de burocracias verticais para a empresa horizontal. A empresa horizontal parece apresentar sete tendências principais: organização em torno do processo, não da tarefa; hierarquia horizontal; gerenciamento em equipe; medida de desempenho pela satisfação do cliente; recompensa com base no desempenho da equipe; incentivo ao processo criativo; maximização dos contatos com fornecedores.

O novo mercado exige empresa atuante dentro do novo paradigma, e não existe empresa sem funcionário qualificado. O funcionário qualificado possui elevada especialização e criatividade desenvolvida, assim sendo, a base para o funcionamento da sociedade líquida e da gestão ideal possui por fundamentação a educação formal. A educação na sociedade líquida possui as seguintes características: percepção da necessidade de constante aprimoramento; visão globalizante e consciente dos problemas que emergem no mundo; conscientização das incertezas que surgem no cotidiano; saber atuar em panorama de alto risco; capacidade de elaborar projetos que resolvam as problemáticas emergenciais; capacidade de ter flexibilidade diante das problemáticas; desenvolvimento autoreferencial da criatividade; flexibilidade na tomada de decisões; aptidão para vivenciar uma estrutura organizacional descentralizada; habilidade de vivenciar o informalismo e finalmente a capacidade de inovação.

## 1 REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS E REVOLUÇÃO TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

Assinala Castells (2002) que houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira começou pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, o processo Cort em metalurgia e, de forma mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; a segunda, aproximadamente cem anos depois, destacou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente

de aço e pelo início das tecnologias de comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone (CASTELLS, 2002:71).

A invenção da máquina a vapor é o fator central na primeira revolução industrial, sendo que a eletricidade foi à força central da segunda revolução, apesar de outros avanços extraordinários como produto químico, aço, motor de combustão interna, telégrafo e telefonia. O uso difundido da eletricidade a partir de 1870 mudou os transportes, telégrafos, iluminação e, não menos importante, o trabalho nas fábricas mediante a difusão de energia na forma de motores elétricos. Foi o motor elétrico que tornou possível quanto induziu a organização do trabalho em larga escala nas fábricas industriais (CASTELLS, 2002:75).

Enfatiza Castells (2002) que depois da primeira e segunda revolução industrial ocorreu à primeira revolução tecnológica da informação em 1970, e entende por revolução tecnológica de informação o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações, radiodifusão, optoeletrônica, a engenharia genética (CASTELLS, 2002:67). Há um aspecto que caracteriza a revolução da tecnologia da informação quando comparada a primeira e segunda revolução industrial sendo assinalada por ocorrer apenas em algumas sociedades e foi difundida em uma área geográfica relativamente limitada, muitas vezes ocupando espaço e tempo isolados em comparação a outras regiões do planeta (CASTELLS, 2002:70).

A primeira revolução em tecnologia da informação concentrou-se nos Estados Unidos, na Califórnia nos anos 70, no vale do silício (condado de Santa clara, 48 km ao Sul de São Francisco entre Stanford e San Jose) que foi transformado em meio de inovação pela convergência de vários fatores, atuando no mesmo local: novos conhecimentos tecnológicos; um grande grupo de engenheiros e cientistas talentosos das principais universidades da área, investimento em pesquisa originária do mercado e do Departamento de Defesa; formação de uma rede eficiente de empresas de capital de risco; liderança institucional da Universidade de Stanford. Em síntese, a força da inovação que resultou a primeira revolução tecnológica de informação foi a concentração de conhecimento científico/tecnológico, instituições aplicando capital de risco na pesquisa, mão-de-obra qualificada (CASTELLS, 2002:102).

Uma nova economia surgiu após a tecnologia de informação sendo caracterizado pela globalidade, funcionamento em rede e aspecto informacional. Global: as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global.

Rede: as novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais. Informacional: a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente à informação baseada em conhecimentos (CASTELLS, 2002:119).

## 2 MODERNIDADE SÓLIDA E LÍQUIDA

109

Para Bauman (2007) a modernidade iniciou com a primeira revolução industrial, passando pela segunda revolução industrial e continuou com a revolução tecnológica em 1970. A modernidade conforme Bauman possui duas fases: modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade sólida é caracterizada pela primeira e segunda revolução industrial: organizações que limitam as escolhas individuais; asseguram a repetição de rotinas; impõem padrões de comportamento; as decisões são todas impostas; os funcionários são meros cumpridores de ordem. A modernidade líquida iniciou a partir da primeira revolução tecnológica de informação caracterizada pela quebra de rigidez: as instituições não podem mais manter suas rigidezes por muito tempo, pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las.

Bauman (2007) procurando caracterizar a sociedade líquida diz que ela é flexível, globalizada, competitiva, planejamento em curto prazo, o não enfoque em experiências passadas ou defasadas, desenvolvimento da criatividade, conscientização das incertezas, crescimento do desemprego e consumo desenfreado.

Flexibilidade: é pouco provável que as empresas que não possuem flexibilidade, tenham tempo suficiente para se estabelecerem, e elas não podem servir como arcabouços de referências para as ações humanas, assim como para as estratégias existentes, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um projeto de gestão eficiente (BAUMAN, 2007:7). A flexibilidade se configura pela prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilos, abandonar compromissos mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências. As mudanças que ocorrem na modernidade líquida provocam a necessidade de agir, planejar, calcular ganhos e perdas, avaliar seus resultados em condições de incertezas endêmicas (BAUMAN, 2007: 10).

Globalização: na modernidade líquida o poder de agir efetivamente se afasta na direção de um espaço global onde os laços inter-humanos (locais), que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos, se tornam cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários.

Observa Bauman que a gestão atual (líquida) é diferente da gestão antiga (sólida), pois atualmente o viés é planetário por duas razões: Em primeiro lugar, num planeta atravessado por auto-estradas da informação, nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do lado de fora. Não há terra nula, não há espaço em branco no mapa mental, não há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis. A miséria humana de lugares distantes e estilos de vida longínquos, assim como a corrupção de outros lugares distantes são apresentadas por imagens eletrônicas e trazidas para casa de modo tão nítido e pungente, vergonhoso ou humilhantes como o sofrimento ou a prodigalidade ostensiva dos seres humanos próximos de casa, durante seus passeios diários pelas ruas das cidades. As injustiças a partir das quais se formam os modelos de justiça não são mais limitadas à vizinhança imediata e colíadas a partir da privação relativa ou dos diferenciais de rendimento por comparação com vizinhos de porta ou colegas situados próximos na escala do ranking social. Em segundo lugar, num planeta aberto à livre circulação de capital e mercadorias, o que acontece em determinado lugar tem um peso sobre a forma como as pessoas de todos os outros lugares vivem, esperam ou supõem viver. Nada pode verdadeiramente ser, ou permanecer por muito tempo, indiferente a qualquer outra coisa: intocado e intocável. O bem estar de um lugar, qualquer que seja, nunca é inocente em relação à miséria de outro.

Todas as sociedades são agora total e verdadeiramente abertas, seja material ou intelectualmente. Num planeta globalizado, todos os principais problemas são globais e, sendo assim, não admitem soluções locais. Não há nem pode haver soluções locais para problemas originados e reforçados globalmente (BAUMAN, 2007:32). Na fase líquida da modernidade a gestão empresarial deve estar sintonizada aos princípios que estão ocorrendo no mundo globalizado, não sendo permitida a fundamentação em gestão que apresentou sucesso na modernidade sólida.

Competitividade: na fase líquida ocorre o incentivo das atitudes competitivas, ao mesmo tempo em que rebaixa a colaboração e o trabalho em equipe, à condição de estratégias

temporários que precisam ser suspensos ou concluídos no momento em que se esgotarem seus benefícios (BAUMAN, 2007:9).

Planejamento em curto prazo: a modernidade líquida gera o colapso do pensamento, do planejamento e da ação em longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência, leva a um desmembramento da história empresarial e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de seqüências aos quais conceitos como desenvolvimento, maturação, carreira ou progresso poderiam ser significativamente aplicados (BAUMAN, 2007:10).

Descaracterização dos sucessos passados: sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidades de vitórias futuras, muito menos as garantem, enquanto meios testados com exaustão no passado precisam ser constantemente inspecionados e revistos, pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstâncias. Um imediato e profundo esquecimento de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos podem ser mais importantes para o próximo sucesso do que a memorização de lances do passado e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo aprendizado prévio (BAUMAN, 2007:10).

Criatividade: sugere Bauman (2007) que na fase líquida da modernidade a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos – dos quais se espera que sejam criativos e suportem plenamente as consequências de suas escolhas. Os riscos envolvidos em cada escolha podem ser produzidos por forças que transcendem a compreensão e a capacidade de ação do indivíduo, mas é o destino e dever deste pagar o seu preço, pois não há receitas endossadas que, caso fossem adequadamente aprendidas e diligentemente seguidas, poderiam permitir que erros fossem evitados, ou que pudessem ser, em caso de fracasso, consideradas responsáveis.

Conscientização das incertezas: a sociedade líquida é uma sociedade exposta aos golpes do destino. Atual sociedade traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade. Num planeta governado pelas incertezas observamos que a estabilidade é totalmente irreal: a segurança é inexistente; a injustiça é um fato real; conflitos fazem parte do nosso cotidiano; a desigualdade social é existencial; as guerras são constantes demonstrando a

violência que nós estamos inseridos. Enquanto a elite, em algum lugar no topo do mundo, busca viagens a destinos imaginados, os pobres são apanhados numa espiral de crime e caos. Mercados sem fronteiras é uma receita para a injustiça e para a nova desordem mundial. A desregulamentação, que resulta na anarquia planetária, e a violência armada se alimentam mutuamente, assim como se reforçam e se revigoram mutuamente. Estamos vivenciando uma globalização seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da violência e das armas, do crime e do terrorismo; todos unânimes em seu desdém pelo princípio da soberania territorial e em sua falta de respeito a qualquer fronteira entre Estados (BAUMAN, 2007:14).

Desemprego: um dos fenômenos mais avassaladores da modernidade líquida é o desemprego estrutural, salienta Bauman (2007). Os postos de trabalho fechados já não voltam mais. Não se trata de um desemprego conjuntural por excesso de produção que com o tempo é retomado. Os postos fechados não voltam porque foram eliminados por introdução de novas tecnologias no processo produtivo, ávido de recompor as taxas de acumulação de riqueza. Essa estratégia destina-se a produzir mão-de-obra farta e que trabalhe por salários inferiores, quando há trabalho. Politicamente, ela desestrutura a classe trabalhadora e a joga na condição de lutar primeiro pela sobrevivência e secundariamente pelas condições de trabalho (FREITAS, 2005).

Consumo desenfreado: a revolução tecnológica gerou a sociedade de consumidores, o mercado penetra progressivamente em todos os rincões da atividade humana. Os shoppings surgem como uma verdadeira igreja contemporânea: esse fenômeno representa o momento de desejo do consumo permanente. Os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo. O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. O tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada vez mais longo, irritante e insustentavelmente longo. A curta expectativa de vida é o triunfo dos impulsos, dando-lhes vantagens sobre os desejos. Render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará consequências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. No caso das parcerias, e particularmente das parcerias sexuais, seguir os impulsos em vez dos desejos significa deixar as portas escancaradas a novas possibilidades românticas que podem ser mais satisfatórias e completas (BAUMAN, 2004:27)

Diz Castells (2002) que a partir da revolução tecnológica de informação (modernidade líquida) as empresas mais produtivas empregam uma sinergia de processos concentrados no cliente e estrutura organizacional descentralizada. As empresas que estão baseadas em gestão

centralizada são as menos produtivas e com o tempo desaparecem do mercado (CASTELLS, 2002:132). A lucratividade e a competitividade são os verdadeiros determinantes da inovação tecnológica, no entanto, a lucratividade e a competitividade são determinadas pela produtividade. Entende-se por produtividade o aumento extremo da mobilidade e capacidade extrema de absorver novas informações (CASTELLS, 2002: 138).

Acrescenta Castells (2002) que durante o período da revolução tecnológica da informação ocorre crise nas grandes empresas e com menos ganho de produtividade. Devido à flexibilidade e capacidade de inovação das pequenas e médias empresas elas são fontes de criação de empregos, merecendo destaque na época atual pela elevação dos ganhos de produtividade. Explica Castells (2002) que não estamos testemunhando o fim das poderosas empresas de grande porte, mas estamos, sem dúvida, observando a crise do modelo corporativo tradicional baseado na integração vertical e no gerenciamento funcional hierárquico com rígida divisão técnica e social dentro da empresa (CASTELLS, 2002:214).

A principal mudança da sociedade sólida para a sociedade líquida pode ser caracterizada como a mudança de burocracias verticais para a empresa horizontal. A empresa horizontal parece apresentar sete tendências principais: organização em torno do processo, não da tarefa; hierarquia horizontal; gerenciamento em equipe; medida de desempenho pela satisfação do cliente; recompensa com base no desempenho da equipe; incentivo ao processo criativo; maximização dos contatos com fornecedores (Castells, 2002:222). Outro aspecto importante a ser ressaltado nas empresas líquidas é o espírito do informalismo, pois, sendo elas compostas de muitas culturas, valores, ideias diferentes, estratégias diferenciadas devem-se buscar o consenso não tendo espaço para ideias impositivas ou ditatoriais. Qualquer tentativa de cristalizar a posição na rede com imposições e espaço condenam a rede à obsolescência, visto que se torna muito rígida para a geometria variável requerida pelo informacionalismo. O espírito do informacionalismo é a cultura da destruição criativa, acelerada pela velocidade das mudanças (CASTELLS, 2002:222).

A sociedade líquida, que iniciou o seu processo em 1970, tem gerado as seguintes transformações significativas na modernidade: os empregos públicos aumentam consideravelmente e espera-se que mais da metade desse crescimento ocorra em educação e saúde; emprego rural está sendo eliminado pouco a pouco; emprego industrial continuará declinando; empregos em setores varejistas e de serviços continuam a engrossar as fileiras de atividades de baixa qualificação na nova economia; as taxas que mais crescem são os

profissionais com mais alta especialização; profissões com formação superior terão crescimento com alto nível percentual (CASTELLS, 2002:288).

Diante das colocações de Bauman (2007) ficou nítida a caracterização da sociedade líquida: flexibilidade, globabilidade, competitividade, planejamento em curto prazo, não enfoque em experiências passadas, criatividade, conscientização das incertezas, crescimento do desemprego, consumo desenfreado. Castells (2002) discute os princípios basilares para a época em referência: concentração nos clientes, estrutura organizacional descentralizada, busca da lucratividade, alta competitividade, flexibilidade na gestão, capacidade de inovação, administração horizontal e informalismo.

### 3 IMPORTÂNCIA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE LÍQUIDA

Notamos claramente que o novo mercado exige empresa atuante dentro do novo paradigma, e não existe empresa sem funcionário qualificado. O funcionário qualificado possui elevada especialização e criatividade desenvolvida, assim sendo, a base para o funcionamento da sociedade líquida e da gestão ideal possui por fundamentação a educação formal em estabelecimentos de ensino fundamental, médio e universitário. Exemplificando a importância da educação formal na passagem da sociedade sólida para a sociedade líquida podemos destacar o que ocorreu na Coreia do Sul, que passou a investir na construção do capital humano provocando a arrancada para o desenvolvimento econômico.

No início da década de 60, a Coreia do Sul era um país agrário e pobre, numa península dividida ao meio pela guerra fratricida com a Coreia do Norte, com o trauma de mais de um milhão de mortos. Um em cada três coreanos era analfabeto, e boa parte da população passava fome. Depois de quarenta anos o país virou um “tigre asiático”, e se tornou o décimo terceiro PIB mundial. Para mudar, os coreanos revolucionaram seu sistema educacional, desde o nível básico até a pesquisa científica. Hoje, a Coreia investe 4% do PIB em educação e todas suas salas de aula são equipadas com computadores modernos, conectados à internet por banda larga. Todos os alunos do ensino fundamental e médio recebem livros digitais gratuitamente. Desde cedo as crianças são estimuladas a pensar no futuro e no país com visão empreendedora (MAZILLI, 2011:50).

O sistema da Coreia do Sul reconhece e premia os bons professores, os mais talentosos são automaticamente incentivados com bolsas de estudo e cursos extracurriculares. Os

professores são vistos como elementos-chave do processo educacional, e gozam de alto prestígio na sociedade. Trabalham em regime de dedicação exclusiva a uma única escola e são proibidos de manter um segundo emprego. Estão entre os mais bem pagos do mundo: um professor pode ganhar US\$ 6 mil mensais (MAZILLI, 2011:50).

O analfabetismo coreano foi erradicado, e hoje 82% dos jovens frequentam universidades. Os jovens sul-coreanos estão entre os melhores em matemática, ciências e leitura, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 97% dos estudantes completa o ensino médio, o mais alto percentual entre os países pesquisados. Em uma avaliação de rendimento escolar de 40 países, a Coreia do Sul saiu como o sistema mais igualitário, com diferenças mínimas entre os alunos, alcançando o terceiro lugar em matemática, e o quarto lugar em ciências (MAZILLI, 2011:50).

O governo da Coreia do Sul incentiva pesquisas tecnológicas estratégicas e articula a aproximação das instituições acadêmicas e científicas com os conglomerados de empresas como Hyundai, Samsung e LG Electronics. A Coreia do Sul é um país inovador em campos como investigação aeroespacial, robótica, biotecnologia, transporte, energia e comunicação. A Coreia do Sul é o terceiro maior detentor de patentes no mundo, depois dos Estados Unidos e do Japão. Atualmente, está determinada a virar uma economia verde, com baixa emissão de carbono e muito reflorestamento.

A nosso discurso revelou que a passagem da sociedade sólida para a sociedade líquida exige uma educação que possa gerar pessoas com as seguintes características: percepção da necessidade de constante aprimoramento; visão globalizante e consciente dos problemas que emergem no mundo; conscientização das incertezas que surgem no cotidiano; saber atuar em panorama de alto risco; capacidade de elaborar projetos que resolvam as problemáticas emergenciais; capacidade de ter flexibilidade diante das problemáticas; desenvolvimento autoreferencial da criatividade; flexibilidade na tomada de decisões; aptidão para vivenciar uma estrutura organizacional descentralizada; habilidade de vivenciar o informalismo e finalmente a capacidade de inovação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou nítida a caracterização da sociedade líquida: flexibilidade, globabilidade, competitividade, planejamento em curto prazo, não enfoque em experiências passadas,

criatividade, conscientização das incertezas, crescimento do desemprego, concentração nos clientes, estrutura organizacional descentralizada, busca da lucratividade, alta competitividade, flexibilidade na gestão, capacidade de inovação, administração horizontal e informalismo. A sociedade líquida exige empresa atuante dentro do novo paradigma com funcionário qualificado. O funcionário qualificado possui elevada especialização e criatividade desenvolvida, assim sendo, a base para o funcionamento da sociedade líquida e da gestão ideal possui por fundamentação a educação formal em estabelecimentos de ensino fundamental, médio e universitário de alto nível que possa desenvolver as potencialidades exigidas.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. A vida líquida-moderna e seus medos. In: **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt., **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

CASTELLS, Manuel. **Capitalismo em Rede**. São Paulo. Paz e Terra. Ed 6°. 2002.

FREITAS, Luiz Carlos. **Uma pós-modernidade de libertação**. São Paulo: Autores Associados, 2005

MAZILLI, Johnny. O que é que a Coreia tem? **Revista Planeta**. São Paulo: Editora Três Ltda. Número 39, p.49-53, jun. 2011.

**A PEDAGOGIA PARA OS NOVOS TEMPOS****Eleusa Spagnuolo Souza<sup>1</sup>**

No centro do sistema educacional do século XIX esperava-se que o professor personificasse virtudes e os valores da comunidade, e, ao mesmo tempo, impusesse uma severa disciplina aos desordeiros e pouco inteligentes alunos. O objetivo da escola era o refinamento através de parâmetros sociais e morais impostos à conduta do aluno. A orientação pedagógica dominante apoiava-se na faculdade psicológica e disciplina mental, através da qual a mente tal como os músculos poderiam ser desenvolvidos. Classifico com sendo a pedagogia da chibata.

No início do século XX a escola passou a ser medida de acordo com o mundo fabril. Tal como as indústrias requerem precisos cálculos de forma a garantir que os seus produtos estão dentro dos limites aceitáveis, assim também deveria ser a escola. O aluno tornou-se a matéria prima a partir do qual a escola-fábrica devia moldar um produto desenhado para as especificações das convenções sociais.

Os alunos escolarizados passaram a adquirir, não só as formas de conhecimento, como também dos hábitos, valores e visão social necessária ao desenvolvimento industrial da sociedade. O discente tornou-se algo a ser moldado e manipulado no seu caminho, para preencher um papel social pré-determinado pela burguesia. Os alunos passaram a trabalhar passivamente para alcançarem fins pré-estabelecidos pelo sistema capitalista.

A pedagogia fabril procurou eliminar o desejo dos alunos, as crenças, os conhecimentos ditos irrelevantes. O professor tornou-se um gestor dos alunos e supervisor do processo de produção. A escola passou a ser um quartel com alto grau de panoticismo, com vigias para todos os lados supervisionando e olhando tudo.

Arroyo apresenta severa crítica à pedagogia cientificista dizendo que as políticas neoliberais possuem por base o treinamento, o domínio de competências, as avaliações, classificações de alunos e mestres por domínios de resultados limitando o ato de educar com base em uma pedagogia alienante, pois o mercado passou a definir o que se espera da docência:

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação e Ecologia Humana - UnB. Professora do UniAtenas Paracatu/MG. E-mail: eleusaspagnuolo@uol.com.br

que seja treinadora eficiente para a empregabilidade dos alunos. Alunos e professores são vistos como mercadoria.

A pedagogia que prepara o aluno para o mercado, coloca o docente na condição de aulista, treinador de alunos para bons resultados em avaliações nacionais. O docente é o mero cumpridor de ordens dos gestores educacionais. O docente somente sabe transmitir o que está escrito no livro adotado reforçando a função de aulistas, repassadores de conteúdos, treinadores de competências que garantam bons resultados dos alunos nas provas de seleção. A escola passou a ser uma empresa e tudo funcionando dentro da gestão empresarial (obter lucro).

Os conselhos, os inspetores e os regimentos, as diretrizes e normas obrigam os docentes a respeitarem cargas horárias, hierarquias, sequenciações, linearidades. Dos docentes se exige que preparem suas aulas seguindo o ordenamento e a sequenciação de cada conhecimento, a ponto de reprovar, reter o aluno que deixar aprendizados para trás. Os docentes não possuem autonomia para decidir sobre outras soluções mais éticas dentro da sala de aula.

A pedagogia fabril é sacrificial: eliminando os incompetentes, os indisciplinados, os que nada querem, sejam alunos ou mestres buscando sempre valorizar os cumpridores de ordem dos gestores. A condição para elevar a qualidade será eliminar, reprovar por antecipação o peso morto, os desqualificados.

Opondo totalmente a pedagogia fabril, Arroyo defende a pedagogia social, realçando que o foco deve ser os alunos e não a disciplina. O foco deve sair da disciplina e centrar nos discentes. A preocupação maior está em perceber a turma, em perceber os alunos e orientar as ações pelas carências dos discentes que eles trazem diariamente. Somos obrigados a ver as crianças e os adolescentes, os jovens e adultos com quem convivemos nas salas de aula como humanos plenos, em processos de formação na totalidade de potencialidades humanas. Devemos perceber que os alunos chegam às salas de aula carregando vidas precarizadas. São ecos de vivências de outros lugares que chegam às salas de aula e nos obrigam a escutá-los, a não abafá-los como nossas lições e nossas didáticas e ameaças de avaliações-reprovações. Quando as verdades das disciplinas não coincidem com as verdades do real social, vivido por nós ou pelos alunos, nossas identidades profissionais entram em crise. Como as verdades dos cursos de formação e de educação básica então distante das verdades os mestres estão sempre em crise. A reprovação exige ser superada por ser antiético reprovar, inferiorizar, destruir identidades, como é antiética a lista de material didático e literário carregada de preconceitos sexistas e racistas.

O conhecimento, acumulado sobre docentes e discentes, deve ser incorporado nas aulas contribuindo para visões mais realistas, base para outros relacionamentos mais humanos. Organizar projetos ou temas de estudo interdisciplinares sobre a história do trabalho, sobre as vivências, sobre a crise do trabalho, o desemprego, a instabilidade, a precarização do trabalho, as segregações por diferenças de gênero, raça, moradia, campo, periferia, por idade, sobre a exploração do trabalho infantil e adolescente. Destacar as diferenças de acesso e permanência no emprego, as diferenças, desigualdades de salários, de postos entre gêneros, raças, espaços de moradia, idade; trazer estudos que criticam a relação mecânica entre escolarização e empregabilidade; mostrar que, quando mais exigente for o mercado de emprego, mais se desvalorizam os níveis de escolarização que antes garantiam alguma empregabilidade, além de envolver os estudantes na pesquisa dessa história.

Reconhecemos que a pedagogia conservadora e neoliberal é nociva e robotizante para mestres e alunos. Reconhecemos o valor da pedagogia social que está relacionada com a elaboração de um conhecimento real sobre a sociedade, humanizando docentes e discentes, sendo diametralmente oposto ao currículo neoliberal, mas não deixa de ser uma corrente paternalista e social. Não podemos esquecer que atualmente os alunos refletem a cultura líquida.

A cultura líquida (Bauman) gerou pessoas alienadas; desengajadas; não possuem objetivos delineados por livre escolha; envolvidas com mudanças sem destino; sem ponto de chegada e sem a previsão de uma missão cumprida. São pessoas com pálida evidência da futilidade, nada nascendo para viver muito; sem autoconfiança; avaliando tudo pelos resultados de bilheteria; não possuem uma identidade própria. Os alunos, frutos da cultura líquida, nunca leram nenhum livro, não gostam de estudar e somente conversam durante toda aula, inviabilizando totalmente o ato docente. Diante do exposto a pedagogia social é inoperante. Temos que repensar novamente a escola diante da virtualidade que estamos vivenciando. Não podemos nos basear em antigos problemas vivenciados em outros tempos, pois temos uma nova problemática em sala de aula que exige novas soluções. Além do aluno improdutivo da cultura líquida temos o aluno que trabalha durante todo o dia e frequenta as aulas durante a noite, sem nenhum tempo para estudar, mas quer o diploma. O aluno da sociedade líquida quer o diploma não tendo consciência que diploma sem capacidade epistêmica é apenas um pedaço de papel sem nenhum valor.

Vamos encontrar em Doll uma nova abordagem pedagógica para enfrentar a cultura social vigente. Salienta Doll que devemos extrapolar os conceitos existentes sobre pedagogia

acentua a criatividade e o indeterminismo para servir de base a pedagogia aberta ou autoreferencial. Defende uma concepção não-linear, a idéia de auto-organização das experiências, a valorização heurística das metáforas criativas e a aceitação das aulas abertas e autogenerativas. Diz que a ordem e a estabilidade não são, atualmente, princípios básicos de organização do universo. A ordem e a estabilidade devem deixar de ser o motor do pensamento e da prática educacional, pois, a matéria e energia podem ser transformadas uma na outra, expandindo-se sem limites as possibilidades de transformações. O discurso passado e recente sobre pedagogia não prestou atenção à complexidade do pensamento humano, adotando, ao contrário, o paradigma comportamentalista, pelo qual o ser humano é fabricado pelo sistema. O indivíduo não é importante, o que é importante é a pessoa dentro da estrutura comunal, experiencial e ambiental. O comportamento seria, assim, uma visão holística, ecológica e inter-relacionada, propondo uma pedagogia totalmente aberta, deixando que cada pessoa se construa a si mesma, oferecendo espaço para cada ser humano se elaborar.

A pedagogia pós-moderna exige uma escola aberta, sem cobrança de presença, principalmente sem panoticismo. Podemos dizer que as ideias de Doll se relacionam diretamente com as escolas e faculdades abertas, principalmente com o ensino a distância que tende avançar no século XXI. Diante da pedagogia autoreferencial o ser não pode ser elaborado pela escola, pelos professores, pois cada aluno deve ter ampla liberdade para se construir e se ele não se constrói o universo o destrói.

**HISTÓRIA E LITERATURA****O sertão e sertanejos de Minas: análise de duas abordagens****Helen Ulhoa Pimentel<sup>1</sup>**

É, para mim, uma grande honra participar desse momento histórico, da realização do 1º Festival Literário Internacional de Paracatu, que oferece à população dessa cidade, tão rica em história e cultura, a possibilidade de dialogar com grandes nomes da literatura, do jornalismo e de outros campos do saber.

É, ao mesmo tempo, um prazer participar dessa mesa, poder dialogar com o querido confrade Marcos Pinheiro, sob a mediação da nossa querida artista Help. Agradeço à nossa presidente Daniela Prado ter concebido esse tema que coloca em diálogo os campos da História e da literatura e convidado uma historiadora e um literato para abordá-lo.

Minha abordagem será eminentemente a de uma historiadora, pois o olhar viciado enxerga sempre o lado histórico, mesmo que me refira à literatura. Isso me remete a uma frase de Paul Veyne, repetida em várias de suas obras e que pode justificar um pouco o enviesamento do olhar. A frase de Veyne é: “a gente não vê que não vê, aquilo que a gente não vê” e por isso selecionamos, recortamos e interpretamos apenas o que faz parte dos nossos interesses, das nossas condições de produção, do nosso campo de visão.

A história viveu um falso dilema a partir da chamada virada linguística, pois parecia que seu status de ciência estava sendo colocado em questão, já que o trabalho do historiador passou a ser reconhecido como fazendo parte daquilo que ele produzia, ou seja, que a história que cada historiador concebia, era fruto do seu tempo; das influências sofridas pelo autor; das possibilidades de leitura oferecidas pelos documentos, que por sua vez já eram frutos de interesses e de relações de força; dos interesses que direcionavam o olhar e organizavam a seleção; e, finalmente da construção da narrativa. Deixar de ser objetiva, dona da verdade e total foi uma dor com a qual a disciplina teve que lidar e nesse processo, a aproximação maior

---

<sup>1</sup> Esse texto foi apresentado em mesa redonda promovida pelo Festival Literário Internacional de Paracatu – FLI Paracatu – com o título "Resgatando memórias: a literatura como instrumento de preservação da história local", composta por mim e por Marcos Pinheiro. Teve como mediadora Maria do Socorro (Help), em 24/08/2023.

com a literatura foi inevitável. A história teve que se reconhecer como uma narrativa, como uma construção, como versão dos fatos.

Buscando estabelecer uma relação entre História e Literatura, temos que colocar a memória como ponto central. Ambas trabalham com memórias. Podemos dizer que a narrativa histórica acredita que reconstitui os eventos que de fato aconteceram, mesmo sabendo que nunca conseguiremos revelar o passado tal qual aconteceu, nem na sua amplitude, enquanto a ficção busca dar contornos de realidade, de verossimilhança às suas tramas, sem compromisso com o realmente acontecido. A memória, que é sempre social ou coletiva, seletiva, funcionando por meio da evocação, expressa pela linguagem, está intrínseca a essas atividades. Ela vai dar coerência, consistência e inteligibilidade às narrativas. Sendo inquestionável a influência da história no trabalho literário de cada época. Como pontos em comum, ambas falam sobre determinada realidade, têm personagens, tramas, enredos. Paul Ricoeur afirma: “a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia”.

Seguindo esse raciocínio vou comentar um trabalho de história e um de literatura, que têm em comum terem sido inspirados na realidade vivida no sertão do Brasil, um no século XVIII e outro no final do século XIX. Em meu trabalho sobre a questão de gênero relacionada ao casamento no século XVIII, publicado no livro “Casamento e Sexualidade, a construção das diferenças”, faço uma leitura do conjunto de leis civis e eclesiásticas que regiam a vida da colônia Portuguesa da América; da obra do moralista Nuno Marques Pereira, intitulada “Peregrino da América”; e de uma documentação relativa ao casamento, que se encontra sob a guarda do Arquivo Público Municipal de Paracatu. Busquei em cada um desses textos, trabalhados como documentos, os discursos, no sentido Foucaultiano de prática social, que estabeleciam os papéis da mulher na sociedade. Lendo ao arrepio dos sentidos ali cristalizados como naturais, o que encontrei foi a naturalização da subordinação das mulheres, assim como a delimitação das condições sociais, religiosas e étnicas, que definiam o homem, branco, católico e fidalgo como detentor de maiores direitos. Essa foi uma leitura possível, que trabalhou com textos escritos por homens, sem nenhuma intenção de revelar a situação da mulher, e sim, de garantir os direitos que acreditavam ter, que a sociedade misógina, hierarquizada e discriminatória em que viviam lhes atribuía.

Para as concepções próprias do chamado Antigo Regime Português que vigorava nesse período, as pessoas eram classificadas de acordo com a sua condição de nascimento, se nobre ou plebeia; com sua condição social, se abastado ou desprovido de riquezas, se filho natural ou

legítimo; com seu gênero, se homem ou mulher; com seu estatuto de livre, liberto ou escravo; com sua religião, se católico, judeu, protestante ou outras. Essas discriminações sociais, étnicas, religiosas e de gênero estavam presentes em toda a literatura da época, fosse ela civil eclesiástica ou de qualquer outro tipo de narrativa, ficcional, histórica ou mesmo dos saberes ditos científicos como o conhecimento médico. Entendemos então que os discursos estabelecem práticas sociais que determinam a vida das pessoas e são produzidos dentro de um quadro ideológico, explícito ou não.

O que percebo nesse estudo e sobre o que busco lançar luz, é a heterogeneidade da população colonial, principalmente aquela que vivia no sertão, onde os braços do Estado Português tinham maior dificuldade de alcançar, mas que se via submetida a um processo de homogeneização intensivo. Boa parte das camadas mais pobres dessa população, no entanto, resiste, se insubordina, quebra regras, promove uma mescla cultural que perdura até hoje. Esse estudo partiu de uma documentação local, buscou a legislação oficial para entender os processos encontrados, a obra de um moralista para contextualizar e encontrou um incessante trabalho de romper fronteiras executado pelas culturas marginalizadas, que, colocadas em contato umas com as outras, foi construindo o Brasil que temos, que não é apenas fruto dos esforços portugueses de colonização e catequese, mas da mescla de culturas que nos compõe.

O outro exemplo que me propus analisar é da obra literária de Afonso Arinos. Para quem não conhece, a família Melo Franco deu ao Brasil três importantes homens de nome Afonso Arinos, os três ocuparam cadeiras na Academia Brasileira de Letras - ABL. O primeiro, que deu origem à tradição do nome, nasceu em Paracatu em 1868 e morreu em Barcelona em 1916 e seu nome de batismo era Afonso de Melo Franco. Todos os irmãos receberam na juventude, um codinome indígena, na esteira da tendência indigenista do século XIX. O dele foi Arinos, que ele adotou como assinatura, omitindo o sobrenome ilustre. O discurso de apresentação dele por ocasião de sua posse na ABL foi pronunciado por Olavo Bilac. Os outros dois assinavam Afonso Arinos de Melo Franco e nasceram em Belo Horizonte, foram políticos e diplomatas. O Segundo deles proferiu o discurso de apresentação de Guimarães Rosa na ABL.

Sua literatura começou a ser produzida ainda na juventude, enquanto estudante de direito em São Paulo, e publicada em jornais e periódicos. Mais tarde esse material foi reunido e publicado com o título “Pelo Sertão” em 1898. Essa é a obra mais conhecida de Afonso Arinos. Escreveu ainda Os Jagunços; Notas do Dia; A Unidade da Pátria; O Contratador de Diamantes; O Mestre de Campo; e Ouro, Ouro, que ficou inacabado. Toda a sua obra busca

retratar os modos de vida dos sertanejos que ele conheceu, abordados a partir das concepções de Brasil desenvolvidas por ele, naquele momento de transição entre a monarquia e a república. Em *Os Jagunços* ele narra a história da Revolta de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro, a mesma que foi também contada por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Sua posição monarquista é revelada nas críticas feitas à dificuldade do governo republicano em combater um movimento de sertanejos, que derrotou o exército brasileiro em diversas batalhas, até ser massacrado por ele.

Incontestavelmente ele recria a realidade sertaneja. Reproduz com sua linguagem erudita e estilo sofisticado, os causos contados pelos rudes homens que participaram de comitivas vividas por ele ou das quais ouviu falar; as paisagens do sertão do Brasil central que conheceu; a violência, a força, a pobreza e a beleza daquela gente. Sua militância em defesa de uma cultura popular e uma arte em padrões autenticamente brasileiros, fez com que fosse considerado como figura decisiva para a concepção do modernismo brasileiro.

Erudito, de hábitos refinados, frequentador das altas rodas da sociedade paulistana, a partir de Paris, onde morava, ou em suas sucessivas visitas ao Brasil, em suas festas palacianas, oferecia aos convidados espetáculos de manifestações folclóricas e populares típicas de diversas partes do Brasil. Em suas inúmeras conferências pelo Brasil, foi difundindo um conhecimento sobre o Brasil profundo, o Brasil rural, sertanejo, que ele defendia como o verdadeiro país, habitado por seu verdadeiro povo. Como afirmou um dos seus estudiosos, Alexandre Lazzari, apreciava viajar tanto em modernos automóveis, trens e navios a vapor como em lombo de mula na companhia de tropeiros analfabetos.

O encanto por essa companhia começou quando, ainda um menino, fez uma longa viagem com uma comitiva que levava sua família em mudança de Paracatu para a Cidade de Goiás, então capital da província, para onde o pai, Juiz, havia sido transferido. A longa jornada incluía pernoites em fazendas ao longo do caminho, nas quais a família ficava hospedada nas casas dos proprietários, e os peões, que comandavam a comitiva, montavam “pousos” nos pátios, jantavam, tratavam dos animais e se sentavam em rodas de cantorias e causos. O menino sempre conseguia autorização para participar dessas rodas. Começou aí a conhecer o estilo de vida, as lutas e as crenças desses sertanejos, que mais tarde se tornariam seus personagens, suas inspirações.

A historicidade de sua obra é incontestável. Reflete o momento histórico da literatura brasileira que buscava romper com as influências estrangeiras e tratar de temáticas mais

próximas à nossa realidade, com uma linguagem também mais brasileira; considerava a classe dirigente do país despreparada para isso, pois, vivendo no litoral, desconhecia o “verdadeiro Brasil”. Na perspectiva de Arinos, os poucos brasileiros que habitavam as cidades, que eram letrados como ele, não poderiam ser entendidos como o “povo” brasileiro, nem eram os únicos dignos de figurar nas páginas de nossa literatura. Para se ter uma ideia da situação a que ele se referia, José Murilo de Carvalho diz que, nesse período, em torno de 10% da população brasileira vivia nas cidades e cerca de 85% era analfabeta (CARVALHO, 2005, p. 32), o que justificaria a afirmação de Arinos de que, “por mais violentos e rudes que fossem os tipos do sertão”, deveriam ser retratados pela arte e pela literatura, pois “a arte tinha a ‘missão social’ de expressar a realidade e revelar o ‘sentimento coletivo’ de um povo”. (LAZZARI, 2008a, p. 3-4).

O fio condutor de Arinos era a convicção de que os autênticos brasileiros, o verdadeiro ‘povo’ dessa nação que ainda estava em formação, vivia à margem do progresso. Na conferência intitulada “A Unidade da Pátria”, ele declara que manter a unidade nacional era um dever da classe culta, mas que até o momento era o povo que mantinha essa unidade. Arinos entendia que era a migração interna que levava a todos os cantos do país os costumes de cada região, com as pessoas transitando e tecendo a rede de solidariedade da população brasileira, unificando a cultura. A presença das diferentes regiões do país como emblema da nacionalidade, já aparecia em sua obra, no conto “Assombramento”, em “Pelos Sertões”, no qual os tropeiros, liderados pelo cuiabano Manuel Alves, eram mineiros, cearenses, gaúchos, provenientes, portanto, de diversas regiões do Brasil, e comungavam as mesmas crenças, os mesmos medos, a mesma forma de enfrentamento das situações, a mesma concepção de valentia.

Um elemento interessante para analisar a influência da literatura para a História local pode ser encontrado no seu Poema Buriti Perdido, num trecho já no final da bonita peça poética, onde ele diz:

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de soco, velho Buriti Perdido. Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enterrecendo os duros senhores à narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito à vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página

sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

Esse poema fez história e lhe rendeu uma homenagem muito significativa. A praça do Buriti em Brasília, o palácio do governo distrital, batizado com o mesmo nome, e um buriti ali plantado, com uma placa aos seus pés com o trecho do poema, forjado em placa de metal. Essa capital interiorana já havia sido sonhada por José Bonifácio na constituinte de 1823, e deveria se localizar em Paracatu, no coração do país, cidade que era conhecida por ser a terra natal de outros nomes ilustres, como do Dr, Francisco de Melo Franco, amigo de Bonifácio, e nomeado em Portugal como médico honorário da Real Câmara em 1793.

126

#### REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*. O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Obra Completa*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

LAZZARI, Alexandre. Longe do sertão: literatura, política e nacionalismo em Afonso Arinos. In *XIII Encontro de História Anpuh-Rio – Identidades*, 2008, Seropédica-RJ. Anais complementares.

ULHÔA Pimentel, Helen. *Casamento e sexualidade: a construção das diferenças*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

## A SAÚDE PÚBLICA DA MISÉRIA E A “MISÉRIA DA SAÚDE PÚBLICA”

Isaias Nery Ferreira<sup>1</sup>

Em 1846 o filósofo anarquista Proudhon um expoente do movimento anarquista redigiu o livro “A Filosofia da Miséria” onde analisava o que considerava contradições econômicas e encaminhou o seu livro ao amigo até então, Karl Marx, ícone do socialismo, que em resposta ao mesmo, publicou o livro “A miséria da filosofia” em 1847, pois considerou que as análises de Proudhon eram rasas e fruto de uma mentalidade burguesa. A amizade dos dois terminou aí...

127

Esta pequena introdução serve apenas como uma analogia em relação à saúde pública em que trabalho há quase quarenta anos. Após me graduar fiz três especializações e depois, fui para o mestrado, doutorado e PhD. Considero que domino os conhecimentos da saúde coletiva? Não... tenho “noções”, quanto mais estudo, mais percebo que tenho muito que aprender.

No entanto, a saúde pública do Brasil merece elogios. Temos o maior sistema público de saúde do mundo que não cobra diretamente a população por serviços prestados. Tivemos um enorme progresso do PNI - Programa Nacional de Imunizações do nosso Ministério da Saúde, uma rede de produção de insumos biológicos, rede de distribuição e ministração de imunizantes (as unidades básicas de saúde) e profissionais capacitados, o que nos levou a conseguir muitos progressos com a redução de doenças que poderiam ceifar vidas ou deixar incapacitados; o exemplo maior foi o combate à paralisia infantil que foi um grande sucesso no Brasil e considerado exemplo mundial. A Estratégia Saúde da Família é outro exemplo de sucesso para o mundo, pois as equipes de saúde atendem a população de sua área; em Paracatu teremos 100% de cobertura da área urbana com a criação de mais quatro equipes, totalizando XX equipes da ESF. Infelizmente o nosso SUS apresenta ainda problemas, o financiamento público do sistema sempre foi insuficiente e piorou desde o governo Temer que reduziu de 15,7% em 2017 para 13,5% em 2019 e então congelou os gastos com saúde e educação por 20 anos! Depois, em

<sup>1</sup> Pós-doutor pela Universidade de Brasília, UnB. Principal Obra: Hanseníase, avanços e desafios. Diversos artigos acadêmicos em revistas científicas. Enfermeiro e Professor

seguida, Bolsonaro cortou sucessivamente verbas do SUS que já estavam congeladas e tomou uma série de medidas que visavam desqualificar o SUS para favorecer a iniciativa privada. A maior calamidade foi a falta de gestão na pandemia do COVID com quase 700 mil mortos (atraso na compra de vacinas, denúncias de corrupção, descrédito da gravidade da pandemia, etc). Por falta de senso crítico ou mesmo por adesão a projeto de poder de direita radical, muitos acreditaram nos delírios e projetos de poder de Bolsonaro. E isto aconteceu também com os profissionais de saúde de nossa cidade. Infelizmente adotamos uma receita padronizada no atendimento dos casos de Covid com ivermectina, cloroquina, etc, etc. Outros profissionais criticaram vacinas sem nenhum embasamento científico sólido, pior, indo de encontro às orientações de sua sociedade profissional. Como relata o Professor Drauzio Varella, cometeram uma enorme irresponsabilidade pois muitos clientes acreditaram em argumentos falaciosos e deixaram de se vacinar, com consequências terríveis para muitas famílias, como sabemos. Em uma cidade com faculdades e dezenas de cursos na área da saúde, é uma lástima que não sejam seguidas as orientações científicas oriundas das associações de profissionais. Vale lembrar o que disse o presidente da associação brasileira de infectologia que em entrevista relatou que seria até compreensível que no início da pandemia, alguns profissionais prescrevessem medicamentos sem comprovação científica mas, no decorrer da pandemia, quando já se sabia que estes medicamentos não eram preconizados, muitos continuaram a prescrevê-los. O que mais lamento é que os conselhos profissionais não punem os profissionais que prescreviam baseados na ideologia dominante na época, e não aceitavam as orientações dos conselhos científicos que não referendam estes absurdos. Temos 3% da população mundial e 11% das mortes mundiais por covid... não podemos aceitar que em pleno Século XXI os mesmos comportamentos negacionistas de negligência no uso de máscaras, prescrições de medicamentos ineficazes, “orientações de religiosos questionáveis”, que foram a prática na pandemia da Gripe Espanhola há cem anos, voltassem e fossem o padrão nesta última pandemia tão grave.

Sabemos que vivemos mais hoje devido a três fatores: Saneamento básico, desenvolvimento das vacinas e antibióticos. Vimos profissionais com poucos conhecimentos em epidemiologia e de imunizantes fazendo críticas ao que era preconizado para o combate à pandemia do Covid.

A população brasileira precisa aprender como os Ingleses valorizam o Sistema Nacional de Saúde deles, e devemos fazer o mesmo aqui, pois temos o maior Sistema de Saúde Pública

gratuita do mundo, o nosso SUS. O exemplo recente do apresentador Faustão, que necessitou de um transplante cardíaco pelo SUS, deve mostrar-nos que não basta possuir fortuna, o SUS está presente para todos os brasileiros, independente de raça, credo, condição social.

Nós, profissionais de saúde, devemos ter mais humildade em reconhecer que não sabemos tudo nem temos soluções para todos os problemas. Os “especialistas” devem seguir as orientações de sua sociedade, pois eles possuem comitês científicos geralmente compostos de professores que acompanham as últimas pesquisas. O “achismo”, contaminado por ideologia de direita radical conservadora, ceifou muitas vidas e não podemos repetir erros do passado como os da gripe espanhola. Aqueles que criticam e não seguiram as orientações, por questões ideológicas devem fazer um exercício de reflexão sobre os prejuízos que provocaram na sociedade. Por favor, se você não estuda sobre imunizantes ou não frequenta cursos/congressos sobre este tema, evite dar palpites. Epidemiologistas sérios estão prevendo outras pandemias em um futuro próximo e é urgente que os serviços de saúde e profissionais se preparem.

Voltando ao início deste artigo, vamos valorizar a saúde pública tão necessária à população, inclusive para os miseráveis, e evitar fazer a “miséria da saúde pública” com todas as suas consequências desastrosas.

Prof. Dr. Isaias Nery Ferreira

Academia de Letras do Noroeste de Minas

**INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO: A Reconstrução de Histórias e Memórias por meio da  
Escrevivência e Oralidade****Maria Célia da Silva Gonçalves<sup>1</sup>**

130

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

Como historiadora da cultura e apaixonada pelas discussões de gênero me deparei com a leitura do "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" (2016), de Conceição Evaristo, proposta pelo Clube de Leitura da Academia de Letras do Noroeste de Minas- ALNM. Trata-se de uma coletânea de narrativas que mergulha nas profundezas das experiências de mulheres negras no Brasil, explorando o sofrimento e a resiliência que permeiam suas vidas. A obra é uma contribuição significativa para a literatura e a história brasileira, dando voz a histórias que muitas vezes foram silenciadas e negligenciadas. E certamente, uma verdadeira aula de metodologia de como utilizar a oralidade na reconstrução de histórias e memórias, principalmente de atores sociais que não têm grande visibilidade, mas certamente têm muito a colaborar com a escrita de uma história mais justa e equânime.

Conceição Evaristo é uma figura de destaque na literatura brasileira contemporânea, com uma carreira literária que aborda questões sociais e raciais com profundidade. Nascida em Belo Horizonte, sua trajetória pessoal é um testemunho da importância da inclusão social na educação, uma vez que, apesar das dificuldades iniciais, ela conseguiu estudar e se destacar na literatura. Sua obra literária é reconhecida por sua capacidade de denunciar os males da sociedade de forma incisiva. Ela aborda temas como a questão étnico-racial, a miséria, a

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Educação Pela PUC-GO, Universidade Católica de Brasília- (UCB) e Universidade Autónoma de Madrid- UAM. Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO-(Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutorado em História pela Universidade de Évora. Escola de Ciências Sociais e CIDEHUS/Universidade de Évora. Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília – (UnB). Membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas- ALNM- E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

violência e a exclusão social. Sua escrita é uma ferramenta poderosa para sensibilizar, protestar e provocar discussões sociais relevantes.

Conceição Evaristo também é uma militante dos direitos humanos e participa ativamente de movimentos sociais, organizando eventos e seminários sobre questões sociais. Além disso, ela atua como professora e colaboradora em diversas instituições acadêmicas, jornais e revistas. Suas obras, como o romance "Ponciá Vicêncio", têm recebido elogios da crítica especializada, e ela foi agraciada com diversos prêmios literários, incluindo o Prêmio Jabuti, o mais prestigiado do Brasil.

A importância de Conceição Evaristo como escritora e militante dos direitos humanos é indiscutível. Sua escrita sensível, seu compromisso com os excluídos e sua capacidade de provocar reflexões sobre questões sociais são um legado significativo para a literatura e para a sociedade brasileira como um todo. Ela representa uma voz ativa na luta por uma sociedade mais justa, igualitária e humanizada.

Confesso que a leitura de "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" (2011) me encantou, quer seja pelo seu conteúdo, linguagem fluida e contagiante que seja pelas histórias de vidas, que hora me via nelas, hora me estranhava, mas certamente todas me fascinaram. Me encantou porque registrou a vivências de mulheres, negras, fortes e que escreveram as suas histórias com sangue, suor e lágrimas.

O livro é composto por treze contos, cada um protagonizado por uma mulher negra que compartilha suas experiências de violência e adversidade. No entanto, o cerne da obra reside na forma como essas mulheres conseguem encontrar meios de resistir ao sofrimento e superar suas circunstâncias. E é no quinto conto que se encontra uma narrativa especialmente cativante, protagonizada por Maria do Rosário Imaculada dos Santos. Maria, uma idosa que relembra o rapto que sofreu na infância e como construiu sua identidade na diáspora, representa um retrato emblemático da resiliência e da capacidade de superação das mulheres negras no Brasil.

O que torna essa narrativa tão poderosa é a forma como a memória de Maria transcende o âmbito de uma biografia individual e se torna uma representação da coletividade. Seu sequestro ressoa com a história do degredo africano no Brasil, evocando as memórias de um passado marcado por dor e opressão. Conceição Evaristo, com maestria, tece essa história, conectando o individual ao coletivo, e, assim, tornando seu livro não apenas uma obra literária, mas também um testemunho das lutas e triunfos da comunidade negra brasileira.

A autora, nascida em Belo Horizonte, traz sua ascendência africana e sua origem modesta para a narrativa, enriquecendo a obra com um profundo entendimento das questões que aborda. Sua habilidade em dar voz às mulheres negras, e em explorar as complexas camadas de suas identidades, é notável.

Trata-se de uma leitura indispensável para quem busca compreender as experiências das mulheres negras no Brasil e refletir sobre temas de justiça social, igualdade e empoderamento. Conceição Evaristo, com sua prosa envolvente e poética, demonstra como as histórias individuais podem iluminar aspectos essenciais da experiência coletiva e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Conceição Evaristo introduz o conceito de "escrevivência" na obra, uma junção de "escrever" e "viver". Esse termo ressalta a importância da escrita como forma de dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras. A autora reconhece a oralidade como uma ferramenta vital na transmissão dessas histórias, destacando como o ato de contar e ouvir narrativas pessoais é uma forma essencial de preservar as memórias e culturas das mulheres negras.

A oralidade também é uma forma de resistência, pois permite que essas mulheres compartilhem suas histórias e reivindiquem seu espaço na história, mesmo quando a sociedade as silencia. O "vivido" dessas mulheres se entrelaça com suas narrativas, mostrando como a escrita não apenas registra, mas também molda suas experiências e identidades. A autora se mostra despretensiosa com a questão da veracidade dos depoimentos, oferecendo uma verdadeira aula para quem trabalha com pesquisas que utilizam as oralidades para construir um corpus documental. Ela registra a leveza de não estar preocupada com a comprovação e nem a experimentação de nada. Algo muito próprio da Literatura e que muito me inspirou na Metodologia da História Oral de Vida, minha forma preferida de fazer pesquisas.

O livro é um testemunho da riqueza e complexidade das experiências das mulheres negras no Brasil. Através de uma lente feminista negra, Evaristo explora as questões de gênero e raça que moldam as vidas dessas mulheres. Cada conto revela as lutas únicas, os desafios e a resiliência das protagonistas em um mundo que muitas vezes as oprime com base em sua condição de gênero.

O feminismo negro, como abordado na obra, é uma perspectiva essencial para compreender como a interseção de raça e gênero afeta a experiência das mulheres negras. As histórias revelam as injustiças sistêmicas que essas mulheres enfrentam e como o feminismo negro se torna uma ferramenta poderosa para combater essas injustiças.

A análise detalhada dos contos mais marcantes na obra destaca como as experiências das personagens são multifacetadas e complexas. Alguns contos abordam temas sensíveis, como violência doméstica e sexual. Evaristo não hesita em explorar essas experiências dolorosas, mas o faz com sensibilidade e empatia, destacando a importância do feminismo como um movimento que busca dar voz e visibilidade a essas realidades muitas vezes silenciadas.

Alguns contos notáveis incluem a história de Shirley Paixão, que narra sua luta contra a violência sexual, e a história de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, que foi roubada de sua família quando criança, destacando as heranças do colonialismo e racismo na sociedade brasileira.

"Insubmissas Lágrimas de Mulheres" é uma obra de destaque na literatura brasileira, que eleva as vozes e experiências das mulheres negras. Através da escrivência, Conceição Evaristo reafirma a importância da oralidade na preservação da história dessas mulheres. A análise de gênero e o feminismo negro desempenham um papel crucial na compreensão das lutas e triunfos das protagonistas. A abordagem sensível a temas sensíveis destaca a importância do feminismo como um movimento de resistência e empoderamento. Esta obra é um apelo à reflexão e à ação, reforçando a necessidade de ouvir e valorizar as vozes das mulheres negras na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Eu adorei a leitura, o debate em nosso clube da Academia de Letras do Noroeste de Minas - ALNM e, principalmente, a participação de mulheres de todas as idades, oferecendo uma oportunidade única para reflexões sobre questões muito contemporâneas e sensíveis às mulheres. Uma obra indicada para mulheres que prezam questões de mulheres!